



UnB – Universidade de Brasília
Departamento de Línguas Estrangeiras
Curso de Letras Tradução Inglês

GIOVANA QUADROS ZOCOLI

Projeto Final de Graduação

TRADUZINDO COM HUMOR:
UM ESTUDO DE ESTILOS E TÉCNICAS UTILIZADAS NAS TRADUÇÕES DOS
TEXTOS DE VERÍSSIMO E FISH

BRASÍLIA
2012

GIOVANA QUADROS ZOCOLI

TRADUZINDO COM HUMOR:

UM ESTUDO DE ESTILOS E TÉCNICAS UTILIZADAS NAS TRADUÇÕES DOS
TEXTOS DE VERÍSSIMO E FISH

Projeto final de graduação apresentado
ao Curso de Letras Tradução Inglês do
Departamento de Línguas Estrangeiras
da Universidade de Brasília sob
orientação do Prof. Mark David Ridd

BRASÍLIA
2012

Agradeço a toda minha família, especialmente ao Gabriel Gaspar e Márcia Quadros, pelo apoio incondicional e pelas experiências e risos que ajudaram a compor parte da bagagem cultural essencial para solucionar muitos dos desafios aqui encontrados.

“A tradução é uma ponte entre duas culturas, a nossa tarefa é construir essa ponte. Já, traduzir palavras, apenas, é tarefa para lexicógrafos, como dizia o poeta e tradutor José Paulo Paes.”

Lia Wyler

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
1.1 APRESENTAÇÃO.....	06
1.2 JUSTIFICATIVA.....	07
1.3 OBJETIVOS.....	08
1.4 METODOLOGIA.....	08
2 RELATÓRIO DO PROCESSO TRADUTÓRIO.....	09
2.1 PRÉ-ANÁLISE.....	09
2.2 PROCESSO TRADUTÓRIO ESPECÍFICO.....	14
2.2.1 O VERDADEIRO GEORGE CLOONEY.....	14
2.2.2 THE MAN WHO MARRIED HIMSELF.....	17
2.2.3 AUTO-ENTREVISTA.....	23
2.2.4 ALTERNATIVE CURRICULUM.....	26
2.2.5 O MOTEL.....	28
2.2.6 DEATH BY SCRABBLE.....	29
2.2.7 ENTRA GODOT.....	33
2.2.8 THE WHOLE TRUTH.....	35
2.2.9 O QUE ELA MAL SABIA.....	37
2.2.10 HUMAN REALTY.....	39
2.2.11 ESTOU NUMA ILHA DESERTA.....	43
2.2.12 HOW TO GET ANYTHING YOU WANT.....	45
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	51
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

A imensa variedade de idéias, conceitos, opiniões e costumes de cada indivíduo ao passar dos anos proporcionou a formação de inúmeras e diferentes culturas ao redor do mundo. O papel de um tradutor na interação entre estas culturas é agir como uma ponte que permita que os conhecimentos e costumes possam ser transmitidos de um grupo social para o outro. É válido lembrar que nesta ponte passarão não somente palavras, mas também o contexto, sentimento e sentido que elas expressam. A ponte do tradutor faz mais do que apenas retransmitir palavras, ela reproduz e propaga um mundo inteiro dentro de outro.

Considerando esta importante troca entre culturas - que, especialmente no mundo atual globalizado, tem se tornado cada vez mais constante - fica clara a existência de uma necessidade de pesquisa e análise de técnicas que possam auxiliar e facilitar esse processo tradutório específico, que lida diretamente com fortes elementos culturais. Com isso, será possível evitar a perda de informações e de noções essenciais para que o público enxergue o texto original da maneira almejada por seu autor.

Textos humorísticos muitas vezes envolvem questões culturais específicas que acabam se tornando obstáculos durante sua tradução. Tendo os diferentes grupos sociais inúmeros conceitos a respeito do humor, cabe ao tradutor transitar entre os diferentes contextos sociais para entender plenamente os fundamentos dos elementos humorísticos, a fim de repassá-los a um novo público. Ao fazer isso, o profissional deve levar em consideração o que é válido em uma língua e o que se pode realizar para solucionar possíveis incompatibilidades sem deixar de lado o teor e sentido do texto de partida.

Em muitos casos, o tradutor se depara com a decisão de adotar a domesticação ou estrangeirização, técnicas que proporcionam possíveis soluções para um texto natural e com mais fluidez. Porém, sem uma metodologia delimitada, o texto de chegada pode perder muito de seu sentido e estilo originais, muitas vezes levando a não compreensão de certos elementos. É preciso adotar uma estratégia concreta que possa ser aplicada ao texto como um todo, mantendo uma abordagem padrão sempre focada nas referências culturais do contexto social de cada autor, para que assim seja possível reproduzir a essência e naturalidade da obra, alcançando, por fim, o objetivo do escritor.

1.1 APRESENTAÇÃO

Neste projeto pretende-se analisar a tradução e versão de textos de teor humorístico de dois autores que se utilizam de técnicas literárias compatíveis e similares: Luis Fernando Veríssimo e Charlie Fish.

Nascido em Porto Alegre, o conhecido Luis Fernando Veríssimo é um autor brasileiro de 75 anos que tem em seu currículo uma vasta variedade de obras de diversos estilos. Ao longo de sua carreira, Veríssimo teve mais de 60 títulos publicados. Além de escrever crônicas e textos de humor, é também tradutor, roteirista e cartunista. Veríssimo também escreve peças de teatro, romances e artigos em jornais. Sendo bem conceituado por sua própria trajetória individual, Luis Fernando é ainda filho do grande escritor Érico Veríssimo.

Em oposição, Charlie Fish, autor americano que passou grande parte de sua vida e carreira no Reino Unido, é um jovem escritor de 32 anos que se dedica fundamentalmente a produzir crônicas e *short-stories* humorísticas e de suspense. Suas histórias foram publicadas em jornais, sites, revistas e livros escolares. Fish é também o criador e editor do site www.fictionontheweb.co.uk, onde divulga seus textos e obras de outros autores, além de dar dicas de escrita.

Embora haja uma clara diferença de status e de reconhecimento entre Veríssimo e Fish, o estilo textual dos dois autores é, na verdade, bastante parecido, principalmente em se tratando de suas crônicas humorísticas, que abordam elementos do dia a dia e tratam o absurdo com uma ironia e naturalidade inconfundíveis.

Entretanto, o humor de Charlie Fish é mais obscuro, misturando elementos de humor negro e suspense com histórias de terror, geralmente satirizadas. Em contrapartida, as histórias de Veríssimo apresentam um estilo humorístico mais explícito e direto.

Neste projeto, serão analisadas crônicas e *short-stories* selecionadas com a intenção de mostrar as diversas similaridades entre esses dois autores que, mesmo vivendo inseridos em contextos culturais diferentes, desempenham um papel análogo de crítica e reflexão bem humorada sobre suas sociedades.

Grande parte dos textos a serem estudados neste projeto apresenta também características similares com relação ao formato, já que a presença de diálogos é bastante constante. Além disso, pode-se notar que ambos os autores procuram

inserir o leitor dentro de sua história, dialogando diretamente com o público ao longo do texto.

O projeto é dividido em três volumes, sendo um destes voltado para a análise das traduções realizadas, apresentação de estratégias, revisão de literatura e considerações finais sobre o estudo. Os outros dois volumes correspondem, respectivamente, aos textos fonte trabalhados e aos textos traduzidos. A fim de padronizar os textos e aproveitar as estratégias de humor utilizadas pelo autor residente em Londres, Charlie Fish, em seus textos originais, optou-se por utilizar o inglês britânico durante a realização das versões dos textos de Veríssimo.

1.2 JUSTIFICATIVA

Apesar da extensa literatura voltada para a tradução e versão de textos literários, a teoria referente às técnicas, soluções e procedimentos utilizados no trabalho com textos de teor humorístico ainda é insuficiente. Este estudo procurará levantar opções de estratégias e abordagens para este tipo específico de texto, levando em consideração os choques culturais entre os diferentes públicos almejados.

A tradução humorística é um tema com grande necessidade de estudo já que, além de trazer obstáculos com relação a conceitos culturais específicos, a área é geralmente desafiadora considerando que grande parte do humor produzido é controversa e trata de uma visão bastante estereotipada. Ademais, são necessárias abordagens que permitam que a intenção desse discurso, muitas vezes não oficial e não dito abertamente, seja transmitida para o leitor de forma a causar-lhe a sensação e prazer que seriam alcançados com a leitura da obra original.

Neste estudo, optou-se por realizar a comparação entre a tradução e versão de textos de conteúdo e formato similar para que, ao abordar as duas direções de texto, seja possível encontrar soluções mais próximas à realidade cultural do público oposto. Indubitavelmente, a tradução da obra de Charlie Fish é facilitada pelas idéias e abordagens obtidas a partir da leitura de um autor com características semelhantes a ele, neste caso Veríssimo. O mesmo deve se aplicar à realização da versão dos textos de Veríssimo, já que a grande essência da naturalidade e fluidez de um texto de estilo similar em Inglês pode ser encontrada nas histórias de Fish.

Além disso, levando em consideração que a versão de textos para o Inglês é sempre uma questão sensível, já que o tradutor enfrenta muitos desafios e preconceitos por estar trabalhando com a segunda língua, abordar os textos de Veríssimo será um grande e importante desafio.

1.3 OBJETIVOS

O presente estudo visa ampliar os conhecimentos práticos e teóricos relacionados à tradução de textos de teor humorístico. Com isso, pretende-se integrar conceitos e estratégias que forneçam subsídios para possibilitar a produção de um texto de chegada natural, que possua a essência original e reproduza os efeitos almejados pelo autor.

Além disso, pretende-se também criar uma comparação entre os estilos dos autores que analise sua tradução e versão, refletindo os obstáculos culturais e as questões referentes ao formato (diálogo, primeira pessoa, etc.), a fim de obter uma base que sirva de modelo para as duas direções lingüísticas.

1.4 METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos propostos, a pesquisa para a realização deste projeto envolveu o levantamento, seleção e análise da literatura teórica referente à área. Serão apresentados, a partir daí, soluções e conceitos com base na tradução e versão dos textos selecionados.

As abordagens e resultados finais de tradução serão discutidos e analisados visando contribuir com futuros trabalhos similares. Tão importante quanto as soluções, é também essencial manter um registro dos obstáculos encontrados no decorrer do processo tradutório. A discussão e argumentação analítica dos dados obtidos fornecerão uma base que visa gerar conhecimentos para a criação de possíveis novos recursos.

A tradução das histórias aqui analisadas foi embasada pela teoria de Escopo, de Reiss e Vermeer (Madri, 1984), que sustenta que a tradução deve se focar em seu objetivo explícito, qual seja, atingir o público-alvo da melhor forma para

reproduzir o efeito original pretendido pelo autor. Isto significa que, em determinadas situações, algumas referências do conteúdo original não serão necessariamente reproduzidas, pois a prioridade está na garantia da recepção do efeito almejado pelo autor. Conseqüentemente, o processo tradutório também foi orientado pelo conceito de transcrição, de Rosas (Rio de Janeiro, 2002), o qual defende a função de co-autor do tradutor na re-criação de determinados elementos humorísticos de um texto, considerando a existência de informações intraduzíveis ou não compatíveis entre uma cultura e outra.

2 RELATÓRIO DO PROCESSO TRADUTÓRIO

2.1 PRÉ-ANÁLISE

Ao analisar o processo tradutório de crônicas e *short-stories* é preciso levar em consideração os obstáculos que esse tipo de produção textual apresenta por si só. Por não serem textos longos, os quais geralmente têm uma atmosfera criada pelo autor desde seu princípio e que vai se aprofundando conforme o desenrolar da história, a criação do clima proposto para o leitor nesse formato textual é bastante rápida, além de também estar inserida em pequenos detalhes do texto. Cada uma das histórias selecionadas neste projeto tem um tema e atmosfera únicos, que fazem parte do contexto que reproduz seu efeito literário ao leitor. Cabe ao tradutor a tarefa de reproduzir este clima na tradução de cada um dos textos.

Como este projeto analisa doze crônicas e *short-stories*, o processo envolvido na sua tradução não é algo contínuo, o que acaba se tornando um obstáculo. A tradução de cada uma das histórias representa algo completamente novo e diferente: clima, tipo de humor, tema, formato e registros variados. Isso implica em diferentes processos tradutórios para cada tradução.

Ao mesmo tempo, é possível dizer que a tradução e análise de cada história selecionada foi importante e de grande auxílio para o processo tradutório dos outros textos, já que muitas vezes o formato e certos elementos que proporcionam a fluidez das histórias originais puderam ser reproduzidos em traduções ou versões, criando uma base para o tradutor conseguir alcançar um

efeito similar na língua de chegada. Um dos aspectos que serviram de modelo foram os diálogos, elementos constantes na maioria das histórias aqui analisadas. O padrão de diálogo utilizado nos textos de Charlie Fish foi algumas vezes reproduzido na versão dos textos de Veríssimo, e vice e versa, conforme se pode observar nos exemplos abaixo.

Ex. 1 – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, *How to get anything you want*, p. 34)

(Volume 2: Texto de Chegada, *Como conseguir tudo o que quiser*, 37)

"Today," she said with that smile of hers trying to bust out of her face, "I am going to teach you how to get anything you want, from anyone, in three easy steps."	- Hoje - disse ela com aquele sorriso irresistível - vou ensiná-los como conseguir tudo o que quiserem de qualquer pessoa em três passos simples.
---	---

Ex. 2 – (VERÍSSIMO, 2007, Volume 1: Texto fonte, *O motel*, p. 13)

(Volume 2: Texto de Chegada, *The Motel*, p.13)

- Acabo de receber um telefonema – disse. – Era o Dico.	"I was just on the phone right now," he said. "It was Joe."
---	---

É preciso também frisar que, como os estilos de cada autor, apesar de parecidos, têm diferenças consideráveis, cada tradução (ou versão) teve que seguir uma linha de humor diferente. É bastante claro que o humor de Luís Fernando Veríssimo é bem mais explícito em seus textos do que o de Charlie Fish.

Fish constrói suas histórias acrescentando pequenos elementos humorísticos sutis que às vezes são pouco perceptíveis. Além disso, o autor utiliza-se constantemente de referências que têm um sentido cultural, muitas vezes não tão explícito, e que formam o efeito cômico quando o leitor as reconhece. Um exemplo disso pode ser visto na seguinte passagem do texto "*How to Get Anything You Want*":

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 35)

((Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p. 37)

“...By the end of this three-day course you'll be irresistibly persuasive. With a bit of practice you'll be <i>selling spoons to Alanis Morissette</i> ”	- No fim desse curso de três dias vocês estarão irresistivelmente persuasivos. Com um pouco de prática vão ser capazes de <i>vender um Carnê do Baú para o Silvio Santos.</i>
--	---

Algumas dessas referências podem não fazer sentido para o leitor que não está inserido na cultura do autor. É o caso da referência feita por Fish à letra de uma canção da cantora Alanis Morissette, chamada *Ironic*, na qual ela compara: “It’s like ten thousand spoons when all you need is a knife”. Somente quem conhece a letra desta música irá entender a referência cômica da frase da personagem de Fish. No caso, como Alanis deixa claro que não precisa de colheres, vender tal artigo a ela seria algo muito improvável.

Como a cantora canadense não é muito popular no Brasil e, mesmo entre os que conhecem suas músicas aqui, muitos não compreendem a letra em inglês, foi necessário buscar, na tradução, um personagem relacionado a um objetivo de vendas tão difícil quanto o proposto originalmente pelo autor, ou seja, um referencial equivalente na cultura-alvo. Assim, no Brasil, o leitor entende melhor o quão improvável seria o apresentador e empresário Sílvio Santos comprar um de seus próprios carnês do baú.

Resumindo, o leitor do texto de chegada provavelmente não entenderá o que torna certo elemento cômico se a tradução for feita de forma literal. Assim, se o tradutor optar por manter certas referências como originalmente escrito, parte do texto pode não alcançar o efeito humorístico almejado pelo autor.

É claro que não existe uma solução única para todos os casos, já que cada texto, conforme mencionado anteriormente, tem suas particularidades e tom próprio. Porém, em algumas dessas situações pode-se optar por substituir a referência por um elemento semelhante que esteja culturalmente mais próximo do

leitor e que, portanto, surta um efeito cômico similar na leitura da obra, conforme demonstrado no exemplo anterior.

Já em outras passagens, nota-se que a referência funciona para as duas línguas - ou seja, para as duas culturas – não havendo necessidade de alteração. Em outros casos, pode-se observar que a referência não visa produzir efeito cômico ou que seu sentido pode ser deduzido pelo leitor a partir dos outros elementos do texto, novamente deixando a opção da não substituição por parte do tradutor.

Ex.1 – Referência funcional para as duas línguas:

(VERÍSSIMO, 1982, Volume 1: Texto fonte, Auto-entrevista, p. 9)

(Volume 2: Texto de Chegada, Self-interview, p. 9)

"O <i>Cristo Redentor</i> não ficaria melhor ali?"	"Wouldn't <i>Christ the Redeemer</i> look better there?"
--	--

Ex.2 Referência cujo sentido pode ser deduzido pelo leitor:

(VERÍSSIMO, 1982, Volume 1: Texto fonte, Auto-entrevista, p. 8)

(Volume 2: Texto de Chegada, Self-interview, p. 9)

Minha vida é regida por Saturno, Urano e, estranhamente, pelo <i>maestro Isaac Karabtchevsky</i> .	My life is conducted by Saturn, Uranus and, strangely enough, by <i>Maestro Isaac Karabtchevsky</i> .
--	---

Ainda quanto ao estilo de Fish, é possível observar também que muitas das histórias do autor trazem um tom de ironia e sarcasmo que são expressos por meio de um registro coloquial em seus textos, tais como gírias, expressões idiomáticas e contrações. Muitas vezes o leitor consegue reconhecer estes elementos e até mesmo a forma como provavelmente certo personagem falaria uma dita frase. Os textos de Fish possuem muitos elementos coloquiais, por isso, muitas vezes não são tão formais. A mesma abordagem é utilizada por Veríssimo, que por sua vez também tem como grande característica o uso de elementos informais da língua.

Ex. 1–Indicativo de sarcasmo:

(FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, The whole truth, p. 25)

“Yeah thanks, guys. I really loved it.”

Ex. 2 - Expressão idiomática:

(VERÍSSIMO, 2007, Volume 1: Texto fonte, O motel, p. 12)

- O Carlos Alberto me paga. Ah, me paga.

Os textos de Veríssimo têm um humor que aparece mais claramente para o leitor. Apesar de também se utilizar de sutilezas, é bastante comum o autor inserir pequenas deixas ou elementos cômicos em seus textos. Portanto, pode-se dizer que suas histórias, que são bem amarradas – têm um começo, meio e fim conectados e elementos utilizados no início do texto que têm representatividade em seu final – acabam surtindo o efeito cômico no leitor de duas formas. A primeira implica no efeito cômico dos elementos isolados espalhados no texto. Já a segunda refere-se ao efeito final do texto como um todo, ou seja, o conteúdo e sentido que é passado ao ler a história completa – envolvendo tanto os elementos isolados quanto as conexões de todos os aspectos do texto que o tornam inteiro.

Veríssimo, assim como Fish, aborda elementos e situações da vida cotidiana para produzir seu humor. Os dois autores parecem também tratar o absurdo com naturalidade, aproveitando suas deixas cômicas, mas, ao contrário das histórias de Fish, as de Veríssimo parecem em sua maioria terminar com um grande final cômico, ou seja, são geralmente encerradas com uma piada ou elemento humorístico.

Ao traduzir os textos destes dois autores é preciso lembrar que o tradutor deve tentar reproduzir além do conteúdo e elementos culturais, o estilo cômico de texto e as particularidades de cada escritor, que é o que os torna únicos e incontestavelmente originais. Portanto, pode-se dizer que um dos grandes desafios deste processo tradutório foi manter a atmosfera de cada história e o estilo humorístico de seus autores na língua de chegada.

2.2 PROCESSO TRADUTÓRIO ESPECÍFICO

Nesta seção, serão analisados os processos tradutórios individuais de cada uma das traduções realizadas no projeto. Com o objetivo de refletir sobre os obstáculos encontrados e discutir possíveis estratégias de abordagem, optou-se por detalhar e destacar as individualidades e semelhanças de cada um dos textos trabalhados.

2.2.1 O VERDADEIRO GEORGEY CLOONEY

O texto de Veríssimo, “O verdadeiro George Clooney”, é um dos poucos textos selecionados que não tem presença de diálogos, porém possui um formato não usual que precisou ser considerado durante a produção de sua versão. A história original apresenta uma seqüência de frases curtas separadas por pontos. Este elemento representa um fator estilístico para o autor, que faz com que o texto pareça uma listagem de fatos para comprovar o quanto George Clooney não é perfeito. Cada frase funciona como uma prova. É por isso que procurou-se manter o mesmo formato estilístico na versão, conservando as frases curtas. Mesmo que essa opção em situações normais faça com que o texto geralmente pareça truncado pelas sentenças curtas, a história de Veríssimo ainda mantém a fluidez com sua oralidade e elementos conectivos.

Foi preciso também conservar o tom de coloquialismo da crônica. Com a leitura do texto, parece clara a idéia de que o narrador está na verdade conversando informalmente com o seu leitor. Esse aspecto, que dá o tom da história, teve que ser também mantido no texto de chegada. Para tal, utilizou-se, assim como Veríssimo, linguagem informal, contrações orais e referências à primeira pessoa do plural, tal como nos trechos ressaltados a seguir:

1. “I *wouldn't* want to cast aspersions on other people...”

2. “*He's* just read one book...”

3. "...*he's* also got seborrhea..."

4. "...one other thing worth mentioning: his *B.O.*"

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, The real George Clooney, p. 3-4)

No primeiro exemplo (1), é possível observar a escolha de uma expressão já padronizada da língua inglesa cuja formalidade cria a comicidade da passagem textual – “cast aspersions” -, fazendo correspondência com a expressão comumente utilizada no Português falado “longe de mim falar mal de alguém”. Já os trechos 2 e 3 são um exemplo da utilização de contrações tipicamente orais do Inglês, trazendo o tom de informalidade para o texto. No último exemplo (4), a frase original continha uma gíria bastante utilizada no Brasil para tratar de odores corporais. Mantendo o mesmo sentido, a versão apresenta também uma abreviação informal que faz menção ao mesmo elemento na cultura de chegada.

Este tipo de linguagem informal também é utilizado por Charlie Fish em suas *short-stories*. Por se tratar de uma versão, foi importante fazer uma análise dos textos de Fish e do tipo de linguagem que torna suas histórias informais e naturais aos leitores de língua inglesa, para, assim, trazer este mesmo tom às histórias de Veríssimo quando reproduzidas nesta língua. Após esse estudo, optou-se por utilizar algumas expressões tipicamente coloquiais do Inglês, tais como as listadas abaixo, a fim de causar o efeito de uma atmosfera natural no leitor. Além das gírias e contrações, estas expressões e formas de fala são familiares e bem conhecidas, atingindo, portanto, o objetivo de tornar o texto mais adequado à realidade do leitor.

1. "...*seem to vanish* in comparison to George Clooney's."

2. "... does nothing to stop being idolized and *give us a shot.*"

3. . "And what about his teeth?"

4. "...*rumour has it* he walks..."

5. "*Spread the word.*"

Nos trechos acima pode-se observar que uma das táticas mais utilizadas na versão dos textos de Veríssimo, e talvez uma das mais importantes para este texto em específico, foram expressões informais típicas. No primeiro exemplo (1), apesar de o texto original em Português não expressar que as qualidades dos homens comuns “parecem desaparecer” em comparação com George Clooney, a tradução “*seem to vanish*” causa um melhor efeito na frase por ser uma forma de falar bastante natural da língua de chegada.

Na segunda frase (2), optou-se por utilizar uma expressão bastante informal que soasse familiar ao leitor de língua inglesa – “*give us a shot*”. Isso porque, como em algumas frases o efeito da versão não foi tão impactante quanto o original, foram inseridos pequenos elementos humorísticos como este a fim de compensar e balancear o resultado cômico final do texto. Como exemplo disso, pode-se considerar a versão da frase “E sua sovinice é lendária.”, que perdeu um pouco de seu impacto já que as palavras “sovinice” e “lendária” têm muito mais força e são bem mais singulares do que as utilizadas na língua de chegada. Como solução, houve compensação na versão de outros trechos do texto (caso do exemplo 2 mencionado acima). A compensação, de acordo com Mona Baker (1998, p. 37) é a técnica de recriar um efeito no texto de chegada parecido com o do texto original através de elementos que reponham outros cuja tradução é difícil ou impossibilitada, assim evitando perdas no texto final.

Ainda com o objetivo de manter a naturalidade coloquial do texto, o trecho 3 transforma a frase original de Veríssimo em uma pergunta, o que contribui também para a idéia da conversa entre o narrador e o leitor da história. Já nos trechos 4 e 5, são novamente utilizadas expressões informais bastante comuns da língua inglesa correspondentes ao sentido original.

Além disso, houve também algumas mudanças no texto quanto à estrutura de determinadas frases. O objetivo dessas alterações foi facilitar a fluidez do texto e reproduzir os elementos de certas frases em uma ordem mais comum dentro da língua de chegada. A fim de ilustrar isso, a seguinte frase pode ser considerada como exemplo:

Ex.

None of those numerous foam immersions in the bathtub – *which, by the way, has the shape of a swan* –, or the floral scents sprayed on him, *work*: that smell persists.

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, The real George Clooney, p.4)

Não adiantam as imersões em espuma na sua banheira em forma de cisne, nem os perfumes florais borrifados, o cheiro persiste.

(2012, Volume 1: Texto fonte, O verdadeiro George Clooney, p.4)

A frase original em Português trazia a negativa “não adiantam” logo em seu início, e quando a mesma foi reproduzida em Inglês, este elemento foi passado para o fim. Além disso, como o trecho poderia ser mal interpretado por estar truncado caso a ordem de todos os seus elementos fosse mantida, a explicação de que a banheira possuía forma de cisne foi inserida dentro da sentença como um aposto, juntamente com um conectivo informal (“which, by the way”). Assim, foi possível manter todo o conteúdo original da frase e, ao mesmo tempo, deixá-la mais natural e fluida, contribuindo, mais uma vez, para a noção de conversa entre narrador e leitor.

2.2.2. THE MAN WHO MARRIED HIMSELF

A *short-story* “The man who married himself” é provavelmente uma das histórias de Charlie Fish com estilo e conteúdo mais parecidas com as crônicas de Veríssimo. Utilizando temas cotidianos, como o casamento, Fish trata de uma situação absurda com absoluta naturalidade, causando surpresa em seus leitores. Neste texto, o autor, como Veríssimo, também adota a estratégia de diálogo com o leitor. No caso, o narrador é o personagem principal da história e parece estar contando os acontecimentos de sua vida para o público que está lendo. Além disso, a fim de causar este efeito, mais uma vez é utilizada a linguagem informal.

Neste texto, além de criar um final cômico para sua história, Fish, assim como Veríssimo, também se utiliza de elementos humorísticos isolados no decorrer

do texto. Durante o processo de tradução, o fato de o objetivo humorístico total do texto ir além do que somente um fechamento cômico precisou ser considerado.

Uma das peculiaridades desta história manifesta-se pelo fato de que, apesar de possuir muitas falas e diálogos, a maioria destes elementos é apresentada como uma citação, já que o próprio narrador-personagem está retransmitindo as informações. Levando isso em consideração, as falas apresentadas como diálogo logo no início do texto sofreram alterações quanto ao seu formato, para se adequarem à forma usual deste tipo de discurso na língua portuguesa. Portanto, como exemplo, os trechos com a frase “Por que não?” perderam as aspas e foram adicionados travessões. Já nas falas aludidas pelo narrador – como “Por que se casar? Você não podia só viver consigo mesmo?” (Tradução, 2012, *The man who married himself*)-, as aspas, indicativos comuns de citações, foram mantidas.

A fim de manter a fluidez e naturalidade do texto, foram também acrescentados alguns termos e conectivos na tradução para o Português que não eram apresentados na obra original. Estes elementos foram de grande auxílio para tornar a leitura do texto agradável e familiar ao público.

Ex. – (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, *The man who married himself*, p. 4)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, *O homem que casou consigo mesmo*, p.4)

1. He pointed out that Leviticus warns Christians not to marry their sister...	1. Ele me lembrou que <i>o livro de Levítico</i> diz para os cristãos não se casarem com suas irmãs...
2...(should they be tempted).	2. ...(caso estiverem tentados a <i>fazer isso</i>).
3. ...he eventually conceded those two fateful words:	3. “...ele acabou cedendo e <i>falando</i> aquelas três fatídicas palavras.”
4. ...that made me suddenly crave a child.	4....me fez desejar <i>ter</i> uma criança de repente.

5. I'd have to say that between an international religion, firmly established for two millennia, and my own humble parents....	5. <i>Verdade seja dita</i> , entre uma religião internacional que está firmemente estabelecida há dois milênios e os meus humildes pais...
6. ...my parents were far more difficult to persuade.	6. ... <i>eu diria</i> que foi bem mais difícil de persuadir eles.
7. The cliché is that I realised I was mortal...	7. O clichê <i>disso tudo</i> é que eu percebi que era mortal...
8. ...wanting a baby wasn't on the list of good reasons	8. ...o <i>fato de</i> eu querer ter um bebê não estava na lista de bons motivos...

No primeiro exemplo, optou-se por acrescentar o termo “livro”, já que a forma isolada do termo “Levítico” pode não parecer tão familiar para os leitores brasileiros. No segundo caso, o acréscimo (“a fazer isso”) foi realizado levando em consideração que o sentido da frase poderia ser de difícil compreensão sem um elemento que fizesse referência a uma parte anterior do texto. Já no exemplo 3, como a palavra “ceder” não está geralmente associada ao termo “palavras”, optou-se por acrescentar um complemento que mantivesse o primeiro termo e completasse seu sentido com uma forma mais natural de expressão na língua portuguesa. Em alguns casos, como no exemplo 4, foi necessário também incluir formas verbais que completassem o verbo anterior, a fim de que o sentido alcançado na tradução fosse o mesmo da obra original, não criando margens para erros de interpretação. Dessa forma, a expressão, que seria literalmente traduzida como “desejar uma criança”, ficaria ambígua em português, podendo inclusive ser entendida como desejo sexual, relacionado à pedofilia.

A fim de fazer com que a leitura do texto fluísse de forma mais natural foram acrescentados os termos “de tudo isso” no exemplo 7. Apesar de não estarem contidos no texto original, após uma leitura oral do parágrafo onde a frase usada como exemplo está inserida, foi possível observar que este acréscimo tornaria a estrutura da sentença mais familiar, facilitando sua leitura e criando o efeito de proximidade com o público alvo. Um procedimento similar, com o mesmo objetivo, foi

realizado no exemplo 5, sendo que no exemplo 6 foi alterada a ordem da frase, modificando sua estrutura e inserindo o elemento “eu diria” no fim. Já no exemplo 8, o acréscimo dos termos “o fato de” foi realizado levando em consideração que uma estrutura de frase apresentando sujeito + verbo no infinitivo + complementos + verbo “ser” conjugado não representa uma construção válida na língua portuguesa.

Utilizando como base o procedimento de explicitação de Vásquez-Ayora (VÁSQUEZ-AYORA 1977, p. 334), observou-se que, como a tradução direta de certos trechos não repassaria o conteúdo total original, havia necessidade do acréscimo de termos que fornecessem uma explicação de certos elementos em algumas passagens da obra. Este recurso foi utilizado para tornar o texto mais claro e facilitar sua compreensão para o público leitor, porém, de maneira não abusiva, a fim de manter sua originalidade e reforçar a idéia de a história ser interpretada pelo público – e não pelo tradutor. Isso pode ser ilustrado pelo exemplo abaixo, no qual os termos “para mulheres” representam um recurso para explicitar a informação repassada pelo narrador, evitando uma possível ambigüidade ou interpretação errônea.

Ex. – (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The man who married himself, p. 6)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O homem que casou consigo mesmo, p.6)

Unfortunately, although getting girlfriends was usually not too big a problem for me, I tended to have excruciatingly bad taste.	Mas infelizmente, mesmo que não me fosse difícil arranjar namoradas, eu parecia ter um péssimo gosto para mulheres.
--	---

No exemplo seguinte, é possível notar que a tradução dos termos “*mad eyes*” não se deu de forma direta. Neste caso, uma tradução literal, que poderia ser apresentada como “olhos loucos”, não faria sentido na língua de chegada. A fim de manter o conteúdo, e também o foco na expressão facial do personagem, a informação foi adaptada e traduzida como “olhava com cara de doido”.

Ex. (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The man who married himself, p. 5)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O homem que casou consigo mesmo, p. 5)

...he would usually pause briefly for dramatic effect, turn his wild eyes towards you and yell shrilly: 'Myself!'	...ele geralmente fazia uma pequena pausa dramática para causar efeito, <i>olhava com cara de doido</i> para a pessoa e gritava estridentemente: 'Comigo mesmo!'
---	--

O público-alvo de “The man who married himself” é provavelmente composto por jovens adultos, entre 20 e 30 anos. Levando isso em consideração, a tradução utilizou o recurso de gírias que correspondessem às expectativas e à noção de familiaridade dessa faixa etária. Um exemplo disso pode ser ilustrado com a utilização da expressão “difícil pra caramba” no seguinte trecho:

Ex. (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The man who married himself, p. 6)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O homem que casou consigo mesmo, p.6)

...(trying to make the tax inspector understand that I was my own spouse was hell, though).	...(apesar de ter sido difícil <i>pra caramba</i> convencer o fiscal de que eu era minha própria esposa)
---	--

Além disso, um dos maiores obstáculos encontrados no processo tradutório desta obra foi a tradução de uma referência cômica a um mito cultural na seguinte passagem:

Ex. (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The man who married himself, p. 7)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O homem que casou consigo mesmo, p.7)

My friends were cruel about it, saying that I was separating to stop myself from going blind.	Meus amigos foram cruéis com relação a isso, dizendo que eu estava me separando para que parassem de nascer mais pêlos na minha mão.
---	--

A frase original faz menção ao mito de que se uma pessoa se masturba com frequência acaba se tornando cega. Este mito é bastante comum em países de língua inglesa, tendo sido iniciado a partir da repressão ao ato por parte dos Judeus há 4.000 anos. Seguindo a repressão religiosa, conforme as sociedades foram evoluindo e a ciência avançando, a condenação da masturbação procurou ter um embasamento científico (apesar de falso), a fim de impedir que as pessoas realizassem tal ato. Havendo diversas culturas, diferentes mitos foram criados em cada sociedade. O mito relacionado à perda da visão não é comum no Brasil, portanto, foi utilizado um mito correspondente que também faz referência ao ato de masturbação. Desta forma, foi possível repassar o conteúdo e manter a piada e o efeito cômico desta passagem, criando uma alternativa viável na língua alvo. Neste sentido, pode-se definir este procedimento com o termo defendido por Rosas (Rio de Janeiro, 2002), transcrição, que faz alusão ao fato de que muitas vezes uma piada, ao ser traduzida, passa por um processo de recriação na língua de chegada, se transformando e tendo seu efeito traduzido para outra cultura. Cabe, neste caso, ao tradutor a tarefa da recriação da piada em sua forma válida na língua almejada.

Ainda embasado na teoria de Rosas, é possível citar certas coincidências lingüísticas entre determinados elementos cômicos do texto original e seu correspondente na língua de chegada. Esse caso pode ser exemplificado com o trecho a seguir:

Ex. (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The man who married himself, p. 5)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O homem que casou consigo mesmo, p.5)

<p>...claiming that he was the first person to have had sex in space. He seemed quite convinced, despite the fact that the closest he had come to space was the big button on his computer keyboard.</p>	<p>...alegando que tinha sido a primeira pessoa a fazer sexo no espaço. Ele parecia estar bem convencido disso, apesar do fato de que o mais perto que ele já chegou do espaço foi quando apertou aquele botão grande no teclado de seu computador.</p>
--	---

O elemento humorístico contido na analogia entre a tecla espaço do teclado de um computador e o espaço sideral pôde ser mantido, já que as palavras utilizadas em Português para fazer referência aos mesmos termos são também homônimos homógrafos. Isso significa que tanto na língua de partida quanto na de chegada os termos utilizados têm grafia igual e significação diferente. Além disso, a reprodução exata na tradução foi possível devido ao fato de a palavra “espaço” fazer, em Português, alusão aos mesmos elementos citados na língua original.

2.2.3 AUTO-ENTREVISTA

O texto Auto-entrevista, de Luís Fernando Veríssimo, é parte de uma coluna publicada pelo autor na Revista Veja em 1982. Visivelmente voltada para um público mais adulto, a obra satiriza o assédio, falsas suposições e perguntas superficiais direcionados ao próprio Veríssimo.

Por se tratar de uma entrevista, a linguagem utilizada é a coloquial – que geralmente é transcrita na revista a partir de uma conversa. Neste caso, há um certo grau de informalidade no texto, e, portanto, foram adotadas na versão algumas contrações típicas da língua falada, tais como “wouldn’t”, “couldn’t” e “I’m”.

Baseando-se no conceito de tradução por omissão de Baker (BAKER 1992, p. 77), por razões estilísticas houve a eliminação do termo “três” na seguinte passagem:

Ex. (VERÍSSIMO, 1982, Volume 1: Texto fonte, Auto-entrevista, p. 8)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Self-interview, p.9)

Durante dois ou três anos, apesar da insistência da família, só dizia meu nome...	For two years <i>or so</i> , despite my family's insistence, I would only say my name...
---	--

Visando tornar a frase o mais natural possível para o público-alvo, optou-se por manter apenas a menção dos termos “dois anos”, acrescentando uma expressão correspondente da língua inglesa “or so” para compensar a omissão. Desta forma, foi possível manter a idéia original de não exatidão temporal.

O texto também apresenta logo no início um trocadilho com o verbo “reger”. Na frase, o autor insere o termo em dois contextos diferentes: o astral e o musical. A fim de recriar o mesmo efeito e manter o trocadilho na língua de chegada, foi realizada uma pesquisa em dicionários de regência e concordância (OXFORD 2009, p.153). Assim, foi possível solucionar o caso com a utilização do verbo “conduct”, que pode estar relacionado tanto com signos astrais quanto com concertos musicais.

Assim como em outros textos do autor, bem como também nas obras de Charlie Fish, na publicação Auto-entrevista é possível observar algumas referências que contextualizam o texto no Brasil. Veríssimo menciona, por exemplo, cidades como Brasília e Rio de Janeiro, além de citar também alguns pontos turísticos do país. A referência a estes locais não influencia a compreensão do leitor falante da língua inglesa, portanto, estes elementos não foram alterados na produção desta versão. Um outro motivo para que as referências fossem mantidas foi a nacionalidade do próprio autor. Como Veríssimo fala, em tese, de si mesmo, não seria apropriado alterar esses elementos para algo mais próximo do leitor.

Além disso, foram conservadas também as menções ao Pão de Açúcar e ao Cristo Redentor, considerando que são locais turísticos bastante conhecidos internacionalmente e que seu sentido também poderia ser deduzido através do contexto. Não há influência dos locais mencionados sob o efeito cômico desta frase, o que difere das referências a Jorginho Guinle e Luiza Brunet. No primeiro caso, o efeito cômico se dá através da menção de uma figura conhecida no Brasil como um *bon vivant* que nunca trabalhou. Ao chamá-lo de esquerdista, Veríssimo consegue passar o elemento humorístico a seus leitores. O obstáculo desta referência é que ela só produz o tom cômico pelo fato de o público saber quem é a figura citada e que ela se sustentava apenas com a fama. A fim de produzir o mesmo efeito na língua de chegada, foi preciso “transcriar” a piada, colocando-a num contexto referencial mais próximo do público alvo. Neste caso, optou-se por fazer menção a uma figura conhecida internacionalmente como ‘*bon-vivant*’, milionária através de sua herança, tal como Jorginho Guinle: Paris Hilton

Ex. (VERÍSSIMO, 1982, Volume 1: Texto fonte, Auto-entrevista, p. 9)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Self-interview, p.9)

Mas não me tornem por um esquerdista radical. Não sou nenhum Jorginho Guinle.	But please don't take me for a radical leftist. I am no Paris Hilton.
---	---

Um procedimento similar foi realizado na reprodução da referência a Luiza Brunet. O efeito cômico desta passagem se deu através do apelo sexual da figura da modelo brasileira. A fim de alcançar efeito similar em outra cultura, optou-se por citar a atriz internacionalmente conhecida, Scarlett Johansson. Além de ser reconhecida por sua beleza, Johansson é tida como sex symbol mundial; referir-se a ela, portanto, desperta conotação sexual similar à citação de Luiza Brunet, fazendo com que a piada seja facilmente compreendida pelo público-alvo.

Ex. (VERÍSSIMO, 1982, Volume 1: Texto fonte, Auto-entrevista, p. 9)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Self-interview, p.9)

Não acredito em nada que eu não possa pegar, apalpar, cheirar ou morder. Não acredito na Luíza Brunet, por exemplo.	I don't believe in anything I can't grab, touch, smell or bite. I don't believe in Scarlett Johansson, for instance.
---	--

Outro obstáculo foi a versão da piada relacionada ao duplo sentido da palavra “clima”. A tradução direta deste termo para o Inglês não funciona como trocadilho, como ocorre no Português. Neste caso, foi preciso adotar outra palavra com duplo sentido e recriar (ou transcriar) a piada para adaptá-la ao novo termo.

Ex. (VERÍSSIMO, 1982, Volume 1: Texto fonte, Auto-entrevista, p. 9)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Self-interview, p.9)

Acho que não há clima para um golpe, atualmente, no Brasil. Ainda mais no Rio, onde tem chovido muito. O que dá toda vantagem estratégica ao sapo, como se sabe.	No, I don't think we have the right atmosphere for a coup nowadays. Especially in Rio, with this ozone hole getting bigger. This gives all strategic advantages to aliens, as you
--	---

	may know.
--	-----------

Veríssimo referiu-se também ao Presidente Jânio Quadros em um dos trechos do texto. Ao citá-lo, o autor utiliza apenas o primeiro nome do político. Como consequência, caso traduzida diretamente, a frase poderia não ser compreendida pelos leitores de língua inglesa que, por não estarem inseridos na cultura brasileira, normalmente não teriam conhecimento dos antigos presidentes do país. Mantendo a mesma referência, a solução encontrada foi a explicitação do significado desta menção, acrescentando o termo “presidente” antes do nome próprio. Esta estratégia, de acordo com Vázquez-Ayora (cf. 1977:334-335), implica no esclarecimento de elementos que estão implícitos no texto de partida. Desta forma, o público-alvo, mesmo não conhecendo o nome Jânio Quadros, poderá deduzir seu significado através do complemento inserido.

Outro caso similar se encontra em uma das últimas frases do texto. O entrevistado menciona que só teria ido ao local onde está sendo realizada a entrevista para tratar de uma assinatura da revista. Veríssimo utiliza apenas a palavra assinatura. Para que a versão não ficasse ambígua, ou desse margem a erros de interpretação, foi utilizado novamente o recurso da explicitação, com o acréscimo do termo “magazine”.

Ex. (VERÍSSIMO, 1982, Volume 1: Texto fonte, Auto-entrevista, p. 10)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Self-interview, p.10)

Deve haver algum engano. Eu vim aqui tratar de uma assinatura. Me larguem!	There must be a mistake. I came here for a magazine subscription. Let me go!
--	--

2.2.4 ALTERNATIVE CURRICULUM

O texto “Alternative curriculum”, escrito por Charlie Fish, segue uma linha de humor similar a de Veríssimo em seu texto “Auto-entrevista”. A obra, publicada em seu website, utiliza-se de uma estrutura padrão de currículo profissional para contar uma história íntima do autor. Assim como Veríssimo, Fish também parece

estar satirizando as perguntas íntimas geralmente direcionadas a ele. Pode-se dizer que os dois textos representam uma crítica à mídia e seu interesse por coisas pessoais dos artistas e escritores e, muitas vezes, não por seu trabalho.

Um dos elementos mais importantes desta obra é seu formato. Através de recursos tipográficos como o uso de negrito, itálico, letras maiúsculas, margens demarcadas e espaçamentos correspondentes, o leitor consegue claramente reconhecer a expressão textual como um currículo, mesmo que seu conteúdo seja um pouco diferente. Parte do efeito cômico esperado desta obra está justamente nisso: o uso de uma estrutura especificamente utilizada em uma situação séria e de trabalho, agora utilizada para tratar de um conteúdo nada sério, a experiência sexual do autor, o que representa um elemento surpresa para o leitor. Desta forma, foi de grande importância manter o formato e fazer uso dos mesmos recursos na tradução para o Português.

Levando em consideração que o objetivo original do autor era imitar um currículo profissional de verdade, a linguagem utilizada no texto é um pouco mais formal, o que desperta um tom irônico, pois o conteúdo não é nada formal. A fim de manter essa característica, foi necessário atentar para a utilização de um registro mais compatível com a situação, ou seja, mais formal.

Pôde-se observar que alguns dos elementos encontrados no texto original não possuíam correspondentes na língua de chegada. No Português, não há um termo exato, por exemplo, para reproduzir o conceito “*rebound relationship*”, citado pelo autor. A fim de explicitar seu sentido e manter o efeito cômico do trecho, optou-se por criar um novo termo auto-explicativo que se encaixasse na frase e refletisse um significado similar ao da expressão original. Mesmo não sendo um termo existente na língua formal, a nova expressão é válida por ter seu sentido facilmente deduzido pelos leitores.

Ex. (FISH, 2011, Volume 1: Texto fonte, Alternative Curriculum, p. 11)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Currículo alternativo, p.11)

Dealt with Louise calmly and efficiently in a high-pressure rebound environment.	Lidei de maneira calma e eficiente com Louise mesmo estando em um ambiente de
--	---

	grande pressão pós-término-com-o-ex-namorado.
--	---

Os termos “*light bondage*” poderiam não ser compreendidos em sua totalidade caso fosse realizada uma tradução direta literal. A fim de evitar isso, foi utilizado um elemento correspondente ao tipo de situação descrita (“algemas”), mantendo, assim, o significado da frase e dando continuidade à circunstância descrita. Além disso, nesta mesma passagem, houve uma alteração estrutural na frase, através de um aposto, com o objetivo de manter uma ordem de elementos mais comum em Português.

Ex. (FISH, 2011, Volume 1: Texto fonte, Alternative Curriculum, p. 11)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Currículo alternativo, p.12)

Willing to experiment with light bondage and group activity.	Disposto a experimentar algemas e atividades em grupo (de forma não excessiva).
--	---

2.2.5 O MOTEL

Uma das características mais marcantes desta crônica de Luís Fernando Veríssimo é a presença constante de diálogos. Em “O motel”, o autor se vale praticamente apenas das falas dos personagens para contar a história. Levando em consideração a importância deste formato, foi preciso adaptar a estrutura dos diálogos para uma forma mais comum na língua de chegada. Neste caso, através da utilização de aspas e a pontuação especial para diálogos na língua inglesa:

Ex. 2 – (VERÍSSIMO, 2007, Volume 1: Texto fonte, O motel, p. 13)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, The Motel, p.13)

- Acabo de receber um telefonema – disse. – Era o Dico.	“I was just on the phone right now,” he said. “It was Joe.”
---	---

Além disso, considerando que o texto não fazia referências típicas regionais ao Brasil ou a qualquer outro lugar, optou-se por realizar uma mudança de alguns nomes próprios para aproximá-los mais da cultura da língua de chegada. Este foi o caso dos nomes Mirtes, adaptado para Marian, Carlos Alberto, adaptado para Charlie, e o apelido Dico, adaptado para Joe. Foi adaptado também o apelido de Lourdes, que passou de Lu para Elle.

Um outro elemento muito importante para o enredo da crônica é o nome do motel onde os dois personagens do texto se encontraram. O nome original, “Discretíssimus”, tem um claro significado no contexto da história. O efeito irônico causado pelo sentido da palavra “discreto” precisava ser mantido. Para isso, houve a transcrição do nome “Super Secret Way”, levando em consideração que o nome deveria ser compatível com um nome de motel na cultura de chegada apresentando uma conotação sexual, já que originalmente não existe esta ligação em países falantes do Inglês. Esta troca, além de importante para o efeito cômico total do texto, foi também uma boa solução para manter a referência que a personagem Lourdes faz ao nome do motel, criticando o fato de ele não ser nada discreto.

Durante todo o processo de versão, procurou-se utilizar a linguagem coloquial inglesa, considerando a quantidade de diálogos. Isto incluiu o uso de expressões idiomáticas como “*broke down*” e “*kept on babbling*”, e interjeições típicas, como “*oh*”.

2.2.6 DEATH BY SCRABBLE

Com um humor mais sombrio do que os outros textos, Death by scrabble, de Charlie Fish, fala da vida entediante de um casal e da rotina que faz com que ambos se odeiem. Também com um fim trágico, a semelhança entre essa história e “O motel”, de Veríssimo, é claramente visível. Os personagens jogam um jogo de tabuleiro de palavras cruzadas muito conhecido em países de língua inglesa,

chamado *Scrabble*. O *Scrabble* tem versões brasileiras e é geralmente conhecido simplesmente como Palavras Cruzadas, nome que reproduziu a expressão original na tradução.

Uma das primeiras considerações a se fazer quanto a este texto refere-se a seu título, já que sua tradução direta não faria sentido na língua de chegada. A fim de manter o elemento misterioso, optou-se por um título que representasse suspense e, ao mesmo tempo, fizesse menção ao jogo. Portanto, a solução criada foi o título: Jogando com a morte.

Cada palavra formada pelos personagens no jogo tem um significado para a história. Conforme o enredo se desenrola, é possível notar que o sentido de cada um dos termos criados pelo casal se torna realidade. Portanto, ao realizar a tradução deste texto, foi preciso encontrar palavras de significado similar ao original que fossem compatíveis com os acontecimentos originais da história, se adequassem às regras do jogo – considerando que cada jogador tem apenas 7 peças para formar palavras – e, ainda, pudessem fazer combinações com outras palavras. Seguem alguns exemplos de soluções a seguir:

Ex. – (FISH, 2005, *Death by Scrabble*, p. 14-18)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Jogando com a morte, p.14-19)

I play, appropriately, BEGIN	Faço a jogada apropriada, COMEÇA.
She plays JINXED, with the J on a double-letter score.	Ela escreve MALDITO, com o L no quadrinho de pontos em dobro.
I play WARMER for 22 points, mainly so I can keep chewing on my H.	Escrevo CALOR para ganhar 22 pontos, pra poder continuar mordendo o U.
It needs to rain, to clear the air. As soon as that thought crosses my mind, I find a good word. HUMID on a double-word score...	Tem que chover pra limpar o ar. Assim que pensei nisso, encontrei uma palavra. ÚMIDO, colocado no quadrinho de pontos em dobro...

She plays IGNORE on the triple-word for 21 points.	Ela escreve IGNORA com a palavra valendo o triplo, levando 21 pontos.
She plays FAN, with the F on a double-letter, and gets up to fill the kettle and turn on the air conditioning.	Ela escreve AR, com o R no quadrinho duplo, e se levanta pra encher a chaleira e ligar o ar condicionado.

Em alguns casos, não foi possível encontrar uma solução sem alterar minimamente alguma parte da história. Portanto, houve a recriação destes detalhes, a fim de manter as jogadas compatíveis com os acontecimentos narrados pelo texto. Este é o caso da passagem a seguir:

Ex. – (FISH, 2005, Volume 1: Texto fonte, Death by Scrabble, p. 17)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Jogando com a morte, p.18)

<p>I play FLY, using the L of EXPLODES. I sit back in my chair and close my eyes, waiting for the sensation of rising up from my chair. Waiting to fly.</p> <p>Stupid. I open my eyes, and there's a fly. An insect, buzzing around above the Scrabble board, surfing the thermals from the tepid cup of tea. That proves nothing.</p>	<p>Escrevo MANGA, usando o M de MALDITO. Sento em minha cadeira e fecho os olhos, esperando o choque da fruta ao cair. Esperando que uma manga caísse do céu.</p> <p>Idiota. Abro os olhos e vejo minha mulher limpando o chá que tinha respingado em sua manga. A manga da blusa dela com aquela mancha marrom e o chá quente pingando perto do tabuleiro. Isso não era prova nenhuma</p>
--	--

Originalmente, um dos personagens da história tenta formar uma palavra absurda para verificar se as jogadas estão de fato se tornando realidade. Assim, é

formada a palavra “*fly*”, que em Inglês pode representar tanto o verbo “voar” quanto o substantivo “mosca”. O personagem, que fecha os olhos após realizar a jogada, esperando voar, descobre que sua palavra fez com que uma mosca aparecesse em sua casa. A fim de reproduzir a surpresa que esta palavra de duplo sentido deve causar nos leitores, foi realizado o levantamento de algumas palavras homógrafas que pudessem ter efeito semelhante. Como há uma limitação de palavras homógrafas em todo idioma, não foi possível encontrar um correspondente exato, portanto, optou-se por utilizar um termo que, assim como “*fly*”, fosse curto e pudesse ser encaixado nos elementos já descritos pelo autor. Utilizando o homógrafo “manga” foi possível obter dois sentidos diferentes que puderam ser rearranjados e encaixados na história original. Na tradução, portanto, o personagem não espera voar, e sim que uma fruta vá cair do céu. O elemento surpresa após o processo tradutório é representado pela descoberta de que a palavra “manga” não se referia à fruta, e sim à parte de uma roupa.

Um procedimento similar foi realizado na tradução da palavra “*zaps*”:

Ex. – (FISH, 2005, Volume 1: Texto fonte, Death by Scrabble, p. 15)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Jogando com a morte, p.16)

It's the hottest day for ten years and my wife is turning on the kettle. This is why I hate my wife. I play ZAPS, with the Z doubled, and she gets a static shock off the air conditioning unit. I find this remarkably satisfying.	É o dia mais quente dos últimos 10 anos e minha mulher está ligando a chaleira. É por isso que eu odeio ela. Escrevo FAÍSCA com o F no quadrinho duplo, e ela queima o dedo quando pega a chaleira no fogão, o que me deixa bastante satisfeito.
---	--

Caso a palavra fosse traduzida como “choque”, seu sentido seria facilmente previsto pelos leitores, tornando os acontecimentos futuros demasiadamente óbvios. A fim de manter parte da surpresa, optou-se por adotar a palavra “faísca” e mudar os elementos a ela relacionados. Neste caso, a personagem, ao invés de levar um choque estático do ar condicionado, queima o

dedo com a chaleira. Assim, foi possível relacionar os acontecimentos com um evento já descrito pelo autor anteriormente: a água sendo fervida no fogão.

Outro obstáculo encontrado no processo tradutório se referiu à questão das peças de cada jogador. Em diversos trechos do texto, Fish descreve as letras que cada personagem possui para formar novas palavras. Estas peças se combinavam para formar as jogadas descritas em seguida pelo autor. Como as palavras foram alteradas com a tradução, foi preciso modificar também as letras embaralhadas no suporte dos jogadores. Para isso, foi necessário levar em consideração as próximas palavras a serem formadas e o número limite de peças.

Novamente por razões estilísticas, houve ainda neste texto a necessidade da omissão de um termo.

Ex. – (FISH, 2005, Volume 1: Texto fonte, *Death by Scrabble*, p. 16)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, *Jogando com a morte*, p.17)

She slept through an argument our next-door neighbours had that resulted in a broken door, a smashed TV and a Teletubby Lala doll with all the stuffing coming out. And then she bitched at me for being moody the next day from lack of sleep.	Uma vez ela dormiu enquanto os nossos vizinhos do lado discutiam. Eles acabaram quebrando a porta e a TV, e deixando um boneco dos Teletubies estropiado e sem enchimento. E depois ela ficou me enchendo o saco porque eu estava sem paciência por não ter dormido.
---	--

Ao descrever a noite em que seus vizinhos brigaram, o personagem utiliza uma série de detalhes. A fim de manter o texto fluente, foi omitido o nome do boneco – “Lala” – mantendo ainda o significado e efeitos gerais do trecho.

2.2.7 ENTRA GODOT

“Entra Godot” é uma história em formato de peça baseada na obra “*En attendant Godot*”, de Samuel Beckett (traduzida por ele mesmo do francês para o

Inglês como “Waiting for Godot”). Nesta sátira, que também questiona a existência de Deus, Godot, que não aparece na peça original, entra em cena e confunde os outros personagens.

Um dos principais desafios da versão deste texto foi manter a linguagem e o formato de uma peça teatral na língua de chegada. O jargão específico deste tipo de obra precisou ser mantido (por exemplo, termos como “entra” e “deixa”). Assim, foram mantidas as frases descritivas no início do texto e, em seguida, os nomes dos personagens, sem mais complementos. Por haver uma intertextualidade entre a obra de Veríssimo e a de Beckett, foi possível verificar se os nomes próprios originais correspondiam aos da tradução oficial em Inglês. Além disso, uma análise da peça de Beckett facilitou a tradução de alguns elementos, como a “estrada rural”, originalmente apresentada como “country road”.

Na seqüência, uma das falas do personagem Vladimir é completada por Godot. O autor faz com que a última frase faça referência à primeira. Não parecendo natural caso utilizado sozinho, o termo “absurd” ganhou os complementos “this is”. Desta forma, apesar de as frases não se completarem na seqüência exata, ainda há menção ao elemento que Vladimir deixou de utilizar em sua fala (o absurdo).

Ex. – (VERÍSSIMO, 2011, Volume 1: Texto fonte, Entra Godot, p. 19)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Enter Godot, p.21)

VLADIMIR - É uma parábola. Uma alegoria. Metáfora. Metonímia. Translação. Nós esperamos você, e você nunca aparece. Você pode ou não pode ser Deus. Nós podemos ou não podemos representar a condição humana. Nada é muito claro. É o chamado teatro do...	VLADMIR: It is a parable. An allegory. Metaphor. Metonymy. A translation. We wait for you and you never show up. You may or may not be God. We may or may not represent the human condition. Nothing is really clear. It is the Theatre of the...
GODOT - Absurdo! Como é	GODOT: This is absurd! How can I be God? I don't have the physique for the role. Although

que eu posso ser Deus? Não tenho o físico para o papel. Se bem que, com a maquiagem e um pouco de enchimento...	with a little make up and a bit of filling...
---	---

2.2.8 THE WHOLE TRUTH

Também questionando a existência de Deus e criticando o radicalismo de religiões, Fish traz um elemento final surpresa com um ar de absurdo *nesta short-story*: após morrer e encontrar seres misteriosos, o personagem principal acaba descobrindo que nem eles sabem o real sentido da vida.

Durante o processo tradutório de “The whole truth” foram encontradas algumas expressões idiomáticas em inglês que necessitavam ser reproduzidas para o português de forma natural, a fim de facilitar a fluência do texto. A maioria delas, conforme exemplificado abaixo, possuía um correspondente similar em Português.

Ex. – (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The Whole Truth, p. 22, 23)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Toda a verdade, p.22-27)

...but in this part of the Old City they were almost all Arabs, and they turned a blind eye.	...mas nessa parte da Cidade Velha quase todos eram árabes, e eles fizeram vista grossa.
Did that Arab lunatic kill me?" asked Josef angrily, deciding to play along with the situation until the world started making sense again.	Aquele árabe lunático me matou?", perguntou Josef com raiva, decidindo ir com a maré até que as coisas voltassem a fazer sentido.

Porém foi necessária a utilização de recursos como a explicitação e equivalência em alguns casos.

Ex. – (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The Whole Truth, p. 23, 21)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Toda a verdade, p. 24, 23)

In fact, he seemed to be having a little bit of trouble <i>grasping reality</i> .	Na verdade, parecia estar tendo um pouco de dificuldade para entender o que estava se passando.
Fastest draw in the Middle East!	O golpeador mais rápido do Oriente Médio!

No primeiro caso, a expressão “*grasping reality*”, do original, precisou ter seu sentido esclarecido para os leitores por meio de uma frase, quando passado para o Português. Já o segundo exemplo, referente à tradução da expressão “*draw*”, foi solucionado com a utilização de um termo de equivalência no contexto de brigas: golpeador.

Logo no início do texto foi encontrado um obstáculo cultural na referência à cor dos dentes do vilão. Caso mantidas as cores originais, o efeito poderia causar estranhamento nos leitores de língua Portuguesa. Portanto, optou-se por utilizar cores parecidas que se encaixassem melhor para a descrição de um dente na língua alvo.

Ex. – (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The WholeTruth, p. 21)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Toda a verdade, p.22)

The Arab grinned widely, showing off all three of his long pink-yellow teeth.	O árabe abriu um largo sorriso, mostrando todos os seus três dentes amarelos.
---	---

Além disso, um outro obstáculo foi conseguir manter o tom de ironia na tradução das seguintes frases:

Ex. – (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The Whole Truth, p. 24,25)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Toda a verdade, p.25-26)

"Oh, that makes it OK then?" interrupted Josef indignantly.	- Ah tá, então tudo bem, né? - Interrompeu Josef indignado.
"Yeah thanks, guys. I really loved it."	- Ah, valeu gente. Adorei meesmo.

No primeiro exemplo, a solução encontrada foi utilizar a expressão oral em Português: “Ah tá, então tudo bem, né?” Já o segundo caso foi solucionado através da utilização de um recurso gráfico de alongamento de uma das sílabas da palavra “mesmo”. Os elementos da língua falada facilitam o reconhecimento do tom de ironia por parte dos leitores.

Além disso, com relação a onomatopéias, foi realizada uma pequena alteração na original “*ha*”, levando em consideração que o som de risada em Português é geralmente representado com a letra “R”, não “h”. Portanto, em sua tradução, foi adotado o termo “rá”.

2.2.9 O QUE ELA MAL SABIA

Com um ar de suspense, agora é Veríssimo quem utiliza o humor negro: ele satiriza uma história de terror em “O que ela mal sabia”. A surpresa final, apesar de trágica, dá fechamento ao tom cômico do texto, já que, caso não houvesse lido a revista ou acreditado no que leu, a personagem principal não iria supostamente morrer.

A versão de algumas expressões idiomáticas como “fazer uma limpa”, para a qual não foi possível encontrar um equivalente informal exato em Inglês, precisou ter seu sentido esclarecido para os leitores. Para isso, utilizou-se novamente o recurso da explicitação.

Ex. — (VERÍSSIMO, 2011, Volume 1: Texto fonte, O que ela mal sabia, p. 26)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Little Did She Know, p.28)

A recepcionista se desculpa. Fez uma limpa nas revistas enquanto ela estava lá dentro.	The receptionist apologizes. She had been trashing old magazines while she was inside.
--	--

Neste texto é possível encontrar uma referência à revista brasileira "Cruzeiro". Como o elemento "revista" é bastante discutido na história, tendo a personagem principal inclusive questionado seu estilo e data de publicação, optou-se por substituí-la por uma revista que, além de conhecida internacionalmente, também fosse publicada há um tempo considerável. Assim, optou-se por fazer referência à revista People, que além de ser o tipo de revista geralmente encontrado em consultórios médicos, também é antiga, como a Cruzeiro, sendo publicada desde 1976. Desta forma, foi preciso realizar uma alteração no ano da edição da revista mencionada na história.

Ex. – (VERÍSSIMO, 2011, Volume 1: Texto fonte, O que ela mal sabia, p. 27)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Little Did She Know, p.28)

Precisava saber que revista era aquela. Uma Cruzeiro. Sim, parecia uma Cruzeiro da década de 50. A Cruzeiro publicava contos? Não interessava.	She needed to know what magazine was that. People. Yes, it seemed like a People magazine from the Seventies. Did People magazine publish stories? It didn't matter.
--	---

Além disso, um dos principais desafios da versão deste texto foi encontrar uma solução para reproduzir o efeito cômico referente à oralidade da frase "Seja bonzinho!", que acabou sendo confundida com "Você é um bandido". Para isso, foi levada em consideração a situação da personagem, que estava com a boca anestesiada e não conseguia se expressar muito bem. Desta forma, foi preciso pensar em uma frase neutra que pudesse soar como uma ofensa de acordo com a articulação oral de uma pessoa anestesiada. A solução encontrada foi a frase: "*Just let me do that*", que seria confundida com "*you're a douchbag*".

Ex. – (VERÍSSIMO, 2011, Volume 1: Texto fonte, O que ela mal sabia, p. 27)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Little Did She Know, p. 29)

<p>“Mas eu preciso!” “Não pode.” “Seja bonzinho!” diz a mulher. Como está ofegante, e com a boca anestesiada, o que ela parece ter dito é “Você é um bandido”. “O quê?”, diz o homem, avançando na sua direção. No caminho, ele pega uma barra de ferro.</p>	<p>“But I have to!” “You can’t.” “Let me do that!” says the woman. As she was gasping and she had her mouth numb, what she seemed to have said was “You’re a douchbag”. “Come again?” says the man going towards her. On his way, he picks up an iron bar.</p>
--	--

2.2.10 HUMAN REALTY

Durante o processo de tradução do título desta história de Charlie Fish, foi preciso levar em conta a referência ao mercado imobiliário desenvolvida no enredo do texto. Frustrado, o personagem principal é um desempregado que acaba vendendo sua alma a uma empresa. O que, de acordo com o descrito por Fish, não parece muito diferente do que fazemos com trabalhos normais.

Logo no início da história, é possível notar que os dois primeiros parágrafos funcionam, na verdade, como espelho um do outro. Existe uma intertextualidade entre eles que precisa ser respeitada na tradução. Portanto, foi necessário manter o mesmo formato, estrutura e tempo verbal das frases.

Ex. – (FISH, 2008, Human Realty, p. 27)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O Mercado humano, p.29)

<p>A graduate with six years' executive experience. A proven ability to work well in a team. Highly proficient at Microsoft Office products, with particularly strong customer service and project management skills.</p> <p>Experience of presentations, training, events organisation and working with senior-level staff.</p>	<p>Pós-graduado com seis anos de experiência em trabalho executivo. Capacidade comprovada de trabalhar em equipe. Altamente competente no uso de programas do Microsoft Office, além de ter um talento especial para o atendimento de clientes e gerenciamento de projetos.</p> <p>Experiência com apresentações, treinamentos, organização de eventos e trabalho com funcionários de nível superior.</p>
--	---

<p>Six jobs in six years. A proven ability to conflict with the boss. Highly proficient at surfing Wikipedia for hours on end, with particularly strong interest in sexual fetishes and school shootings. Experience of long lunch breaks, stealing office supplies, hung over Mondays and pissing off senior-level staff.</p>	<p>Teve seis empregos em seis anos. Capacidade comprovada de entrar em conflito com o chefe. Altamente competente em navegar na Wikipédia durante horas a fio, tendo um interesse especial por fetiches sexuais e tiroteios em escolas. Experiência em tirar longos intervalos para almoço, roubar materiais do escritório, ficar de ressaca na segunda e em irritar funcionários de nível superior.</p>
--	--

Foi utilizado novamente o recurso da explicitação na tradução de alguns trechos do texto, conforme os exemplos abaixo:

Ex. – (FISH, 2008, Volume 1: Texto fonte, Human Realty, p. 27, 28, 29)
(2012, Textos de chegada, O Mercado humano, p.29, 30, 31)

Dan Taylor wasn't standing quite as proud and straight in his flashy ex-rental suit anymore.	Dan Taylor não parecia mais tão orgulhoso e altivo em seu terno chamativo <i>que um dia havia sido alugado</i> .
Male, 26, four years' retail experience, always punctual, seeks corporate opportunity, <i>pref LTR</i> .	Homem, 26 anos, quatro anos de experiência em varejo, sempre pontual, procura oportunidade corporativa, <i>preferencialmente de longa duração</i> .
The <i>Cheshire</i> smile did not flinch.	Aquele sorriso de <i>gato do Alice no País das Maravilhas</i> não se desvaneceu.

No primeiro trecho, caso traduzido literalmente como “ex-alugado”, o elemento “*ex-rental suit*” não seria compreendido pelos leitores. A fim de deixar claro que o terno era de aluguel, mas, possivelmente, havia sido afanado pelo personagem, foi necessária a criação de uma pequena frase (“...que um dia havia sido alugado”) que esclarecesse o significado almejado. No segundo caso, há a utilização de uma abreviação da língua inglesa, geralmente associada a relacionamentos interpessoais (“*pref LTR*”). Como não há uma abreviação correspondente para esta expressão em Português, optou-se por traduzir e manter seu real significado. Com relação ao último trecho, o texto original, que fazia referência ao personagem do gato apenas pelo seu nome (“*Cheshire*”), precisou ser explicado aos leitores. Desta forma, o público brasileiro, que em sua maioria não conhece o personagem do gato de “Alice no país das maravilhas” apenas pelo nome, pôde compreender o sentido da frase e visualizar a descrição do sorriso do personagem de “Human realty”.

Outra referência alterada na tradução deste texto foi a seguinte:

Ex. – (FISH, 2008, Volume 1: Texto fonte, Human Realty, p. 31)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O Mercado humano, p.34)

<p>"How about a trial period?" snaked the salesman.</p> <p>"Technically, EU regulations require that we offer you the option to reclaim your soul after a contracted period."</p>	<p>- Que tal um período de teste? - atacou o vendedor.</p> <p>- Tecnicamente, as regras do Conselho exigem que lhe ofereçamos a opção de recuperar a sua alma após o período de contratação.</p>
---	--

Originalmente, fazendo alusão à União Européia, a abreviação EU foi substituída por um elemento que representasse o governo. Como o texto não explicita em mais nenhuma passagem o local onde se passa a história, optou-se por utilizar um termo mais neutro que pudesse fazer sentido nas duas direções textuais – no caso, “Conselho”, dando a idéia de uma autoridade superior.

Os diálogos do texto foram todos adaptados à estrutura usual de diálogos em Português. Havendo, portanto a utilização de recursos como o travessão.

Ex. – (FISH, 2008, Volume 1: Texto fonte, Human Realty, p. 30)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O Mercado humano, p.32)

<p>"This isn't a job," explained the smirk as they walked through winding passageways, "we're going to harvest your soul."</p>	<p>- Isto não é um emprego - explicou o homem enquanto andava por passagens tortuosas - vamos colher sua alma."</p>
--	---

Foram realizadas ainda outras alterações com relação à pontuação. Em casos como o da frase a seguir, a fim de adotar um formato mais comumente utilizado na língua de chegada, houve a substituição da vírgula original para o elemento usualmente adotado nestas situações na língua portuguesa, dois pontos.

Ex. – (FISH, 2008, Volume 1: Texto fonte, Human Realty, p. 30)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O Mercado humano, p.33)

Which is why Pan Twardowski's opened, to help keep up with the demand."	É por isso que a Pan Twardowski abriu: para dar conta da demanda."
---	--

É

A expressão comum em Inglês, "*sucked his teeth*", literalmente traduzida como "chupou/sugou os dentes", poderia não ser muito bem recebida pelo público de chegada caso mantida dessa forma. Esta tradução direta da expressão provavelmente causaria o estranhamento dos leitores por não ser um elemento comum e não representar uma expressão física válida para o contexto descrito. Assim, mantendo a idéia de que o personagem misterioso estava "pensando no caso" de Dan Taylor, a frase foi reproduzida como "mordeu os lábios".

Ex. – (FISH, 2008, Volume 1: Texto fonte, Human Realty, p. 32)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, O Mercado humano, p.34)

The man sucked his teeth. "We might be able to stretch to seventeen."	O homem mordeu os lábios - Talvez possamos conceder dezessete."
--	--

2.2.11 ESTOU NUMA ILHA DESERTA

Este texto inovador de Luís Fernando Veríssimo não conta apenas uma história: ele parece representar um dos devaneios do próprio autor sobre o tema "bilhetes em garrafas". Claramente dividido em duas partes, foi preciso considerar os diferentes estilos apresentados no mesmo texto no procedimento tradutório.

Logo no início da obra, Veríssimo faz um trocadilho com a palavra "bilhete", que, por possuir duplo sentido, pode referir-se tanto a uma nota escrita quanto ao comprovante de jogo de uma loteria. Havendo traduzido a palavra "bilhete" como "*note*", foi preciso encontrar um outro sentido para esta mesma palavra a fim de que ela também pudesse representar um trocadilho. No caso, o novo sentido alternativo adotado foi o de uma cédula de dinheiro, cujo

correspondente em Inglês também pode ser o termo “*note*”. Assim, a piada teve que ser reelaborada para ficar compatível com o novo sentido.

Ex. – (VERÍSSIMO, 1977, Volume 1: Texto fonte, Estou numa ilha deserta, p. 32)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, I’m on a Desert Island, p.35)

Eu mesmo certa vez coloquei um bilhete dentro de uma garrafa e larguei no mar. Até hoje não sei ^v se o bilhete estava premi ⁿ ado ou não.	I even put a note myself inside a bottle once and threw it into the sea. Till now, I am not sure <i>whether I lost five or fifty pounds.</i>
---	--

A seguir, foi encontrado um obstáculo na tradução da palavra “garrafão”. Sua simples tradução direta não teria um efeito tão cômico, portanto optou-se por encontrar um elemento na língua alvo que fosse exageradamente grande e estivesse dentro do contexto da história. Por isso, surgiu a idéia de um barril.

Ex. – (VERÍSSIMO, 1977, Volume 1: Texto fonte, Estou numa ilha deserta, p. 33)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, I’m on a Desert Island, p. 35)

E o naufrago prolixo que só mandava <i>garrafão</i> .	How about that prolix castaway who would only send <i>barrels</i> ?
---	---

Na segunda parte do texto, no trecho que faz referência a um comercial do whisky Chivas Regal, foi omitido o termo “whisky” por questões estilísticas. A fim de não formar uma frase muito longa, o termo foi subtraído da frase, levando em consideração que a marca Chivas Regal é bastante conhecida internacionalmente por seu whisky., portanto seu significado seria facilmente deduzido pelos leitores.

Ex. – (VERÍSSIMO, 1977, Volume 1: Texto fonte, Estou numa ilha deserta, p. 33)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, I’m on a Desert Island, p.35)

A melhor história de garrafas e bilhetes que conheço é de um anúncio, acho que do <i>uísque Chivas Regal</i> .	The best story about bottles and notes I know is that one from a <i>Chivas Regal</i> ad.
--	--

Conforme o texto vai chegando ao seu fim, as estruturas das frases ficam visivelmente alteradas. À medida que o personagem náufrago vai enlouquecendo por estar sozinho na ilha, suas frases vão ficando embaralhadas e muitas vezes absurdas. O mesmo efeito precisou ser mantido na versão, portanto é necessário considerar que, mesmo que muitas vezes as frases não façam sentido ou não estejam semanticamente corretas ou numa ordem natural, isso faz parte do contexto geral que leva ao sentido cômico do texto.

Ex. – (VERÍSSIMO, 1977, Volume 1: Texto fonte, Estou numa ilha deserta, p. 34)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, I'm on a Desert Island, p.37)

"Estou numa ilha com 17 Medi Roomes, 15 elefantes, 10 palmeiras, 8 favores desertos, ajudas acesas e 6 fogueiras. Mandem 5 caixas de champanhe."	"I'm on an island with 17 Medi Roomes, 15 elephants, 10 palm trees, 8 desert pleases, lit helps and 6 bonfires. Please send me 5 boxes of champagne."
--	---

2.2.12 HOW TO GET ANYTHING YOU WANT

Um texto um pouco maior do que as outras *short-stories* de Charlie Fish, How to get anything you want traz um tom de humor e sensualidade e um final inteligente.

Um dos grandes desafios dessa tradução foi a reprodução de uma referência que o autor faz a uma música de Alanis Morissette. Na história original, a personagem Joleen, que dá um curso sobre como conseguir persuadir pessoas, fala que quando as aulas terminarem seus alunos poderão vender colheres até para

Alanis Morissette. O que grande parte dos leitores, especialmente os brasileiros, podem não saber é que em sua música “*Ironic*” existe um trecho que menciona justamente o termo “colheres”: “It's like ten thousand spoons when all you need is a knife” (que pode ser traduzido como “é como ter dez mil colheres quando tudo o que você precisa é uma faca”). Neste sentido, a personagem de Joleen estaria ensinando seus alunos a vender algo específico até para quem de fato não precisa do objeto. A fim de reproduzir este efeito, foi realizada uma aproximação da realidade cultural brasileira, fazendo com que o elemento humorístico fosse mantido também na língua alvo.

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 35)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.37)

“...By the end of this three-day course you'll be irresistibly persuasive. With a bit of practice you'll be <i>selling spoons to Alanis Morissette</i> ”	- No fim desse curso de três dias vocês estarão irresistivelmente persuasivos. Com um pouco de prática vão ser capazes de <i>vender um Carnê do Baú para o Silvio Santos.</i>
--	---

Outra referência que precisou ser alterada foi a relativa à revista masculina Loaded. Já que os leitores brasileiros poderiam não entender o tipo de revista e seu significado para a história, optou-se por substituí-la pela revista internacionalmente conhecida do gênero erótico, a Playboy.

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 35,36)
(2012, Textos de chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.38, 39)

"What are your hobbies?" she asked, her black eyes fixed on me.	“Quais são os seus hobbies?” ela perguntou com aqueles olhos escuros me fitando.
Watching television and masturbating. It took me a few	Ver TV e me masturbar. Levei alguns segundos pra conseguir

seconds to come up with something else. "Cooking. And reading," I said, which was almost true. Cooking Pot Noodles and reading Loaded magazine.	pensar em outra coisa. "Cozinhar e ler," falei, o que era quase verdade. Cozinhar miojo e ler a Playboy.
---	--

Além disso, em alguns trechos o autor utiliza-se do recurso do duplo sentido de algumas palavras para causar o efeito humorístico do texto.

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 35, 40)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.38, 43)

Next week I'm raising money for breast cancer research by walking a marathon in my bra, so I expect you all to support me."	- Na semana que vem vou arrecadar fundos para a pesquisa do câncer de mama correndo a maratona de soutian, então espero o suporte de todos.
...I watched her glorious hips swaying as she walked away. In the morning it was my head that was swaying.	...fiquei olhando seu lindo quadril balançando enquanto ia embora. De manhã, minha cabeça que parecia balançar.

No primeiro exemplo, foi preciso encontrar uma palavra que pudesse ao mesmo tempo referir-se ao apoio moral dos estudantes e à sustentação do *soutian*. Já no segundo caso, a palavra a ser traduzida teria que se encaixar no contexto das duas frases com sentidos diferentes: um que fizesse referência ao movimento dos quadris de Joleen, e outro que mostrasse a confusão mental do personagem principal no dia seguinte. Assim, foi utilizado um termo que implica em movimento e pôde ser encaixado nos dois contextos.

A referência a um título de livro por parte da personagem Joleen também precisou ser recriada, a fim de reproduzir seu sentido para o público brasileiro de uma forma mais familiar. Desta forma, foi possível manter o efeito do título e também seu contexto original ("deserto").

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 37)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.41)

A lot of my course is based on Chris de Lafley's series 'Selling Sand to Saharans'.	Grande parte do meu curso é baseado na série de livros do Chris de Lafley “Vendendo areia no deserto”.
---	--

Algumas referências de “How to get anything you want” citam elementos internacionalmente conhecidos, portanto não houve necessidade de alteração. Este é o caso do exemplo a seguir:

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 35)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.38)

This woman had the body of Barbie, the libido of Barbarella and the playfulness of Barbara Windsor.	A mulher tinha o corpo da Barbie, a libido da Barbarella e o espírito brincalhão da Barbara Windsor.
---	--

Em algumas passagens do texto, não houve compatibilidade cultural de expressões físicas. Por exemplo, uma das reações do personagem principal, “*shuffle in my seat*”, não representa nada na cultura de chegada. Mesmo explicado, o gesto não faria muito sentido para os leitores, portanto, a fim de expressar o sentimento do personagem, a solução foi utilizar uma expressão física que representasse algo semelhante, adotando a estratégia da equivalência.

Ex. – (FISH, 2004, How to get anything you want, p. 1)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.39)

She flashed me a smile. She may have winked. I had to shuffle in my seat to hide my	Ela sorriu para mim. Talvez tenha até piscado um olho. Fiquei olhando para o chão para
---	--

reaction.	esconder minha reação.
-----------	------------------------

Além disso, outra expressão física que precisou ser explicada foi o gesto realizado pelo personagem principal quando ele fala “*I made fists at her*”. A fim de que o leitor conseguisse compreender este gesto, foi necessária a descrição da cena. É preciso levar em consideração que, em inglês, os termos “*made fists*” já fazem essa ilustração por si só, enquanto no Português não existe uma expressão fixa para a mesma situação.

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 38)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.41)

Using humour: "I work for Doctor & Johnson, so I guess we're rivals," I made fists at her to illustrate this. I guess I thought it was funny. Mercifully, she laughed.	Usar o bom-humor: “Eu trabalho na Doctor & Johnson, acho que somos rivais, heim?”, fechei os punhos como se fôssemos lutar. Achei que pudesse ser engraçado. Felizmente, ela riu.
--	---

Por se tratar de um texto com bastantes referências sexuais, alguns trechos acabaram sendo mais difíceis de serem reproduzidos. No caso a seguir, o autor utiliza o termo “*brain*” para explicar que a “mente” do personagem estava indo para outro membro de seu corpo. A fim de manter a sutileza e, também o elemento sexual, optou-se por traduzir o termo “*brain*” como “força”:

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 411)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.45)

It took some concentration to prevent my brain from migrating about a metre down my body	Tive que ficar concentrado para evitar que minha força fosse pra outro membro do meu corpo.
--	---

A tradução se valeu, em alguns casos, do recurso do coloquialismo para reproduzir o sentido de alguns elementos do texto original. A fim de traduzir o termo “*smirk*”, que através de apenas uma palavra repassa a idéia de um tipo de sorriso afetado, a solução encontrada foi demonstrar o sentimento pejorativo expressado pelo personagem através da utilização do diminutivo. Passando um sentido similar ao original, a palavra “sorrisinho” traz ainda fluidez e naturalidade ao texto.

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 46, 47)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.50)

I instantly remembered why I found her so attractive, and yet part of me was repulsed by her ever-present overconfident smirk	Logo me lembrei porque tinha me sentido atraído por ela, mas ao mesmo tempo parte de mim sentia repulsa por aquele sorrisinho permanente dela.
---	--

Outra alteração realizada no texto refere-se aos termos “*A-level text book*”. Havendo uma incompatibilidade cultural de sistemas escolares, foi necessário adaptar a referência para seu correspondente na cultura de chegada. Desta forma, ainda mantendo a idéia de que o livro mencionado era de um nível básico de ensino, foi adotada a tradução “segundo grau”.

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 49)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.53)

I got it from my A-level physics textbook.	Achei ela no meu livro de química do segundo grau.
--	--

Por fim, vale mencionar o grande número de expressões idiomáticas e gírias encontrados no texto original. A fim de manter o mesmo tom informal, foi preciso encontrar expressões correspondentes em sentido e efeito na língua alvo, tais como as listadas a seguir:

Ex. – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 34-50)

(2012, Textos de chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.37-54)

making conversation	puxando papo
bring it on	manda ver.
entertain the idea	namorando a idéia
nobodies	Zé-ninguém
mumbo-jumbo	lengalenga

3 REVISÃO DE LITERATURA

Para dar suporte às reflexões e procedimentos aqui propostos, foi realizada uma revisão da literatura relevante para a tradução de textos humorísticos e a tradução literária em geral. As leituras e análises de bibliografias incluíram autores que já realizaram grandes contribuições teóricas relacionadas a questões culturais, tais como: Eugene Nida, Lawrence Venuti, Marta Rosas, Mona Baker e Sírío Possenti.

Os desafios da tradução de textos humorísticos são muitos. Provavelmente, por abordar uma categoria textual que provoca o riso e o prazer do leitor, este tipo de tradução ainda não alcançou um status científico. Além de haver um convencionalismo de que os estudos sobre a área não são tão necessários, por não se acreditar que o assunto seja relevante ou sério o bastante, o tradutor precisa ainda se preocupar com a questão da ética e dos valores culturais do público-alvo ao lidar com as controvérsias e estereótipos freqüentemente inseridos no humor.

Se você diz a alguém que estuda piadas, o primeiro efeito que produz ainda é o riso. É uma pena que seja assim, porque as piadas são de fato um tipo de material altamente interessante. Por várias razões. Em primeiro lugar, as piadas são interessantes para os estudiosos porque praticamente só há piadas sobre temas controversos. [...] Em segundo lugar, porque piadas operam fortemente com estereótipos. [...] Em terceiro lugar, as piadas são interessantes porque são sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados, como entrevistas. (POSSENTI 1998, p. 25)

Ao lidar com esse tipo de tradução, o tradutor muitas vezes opta por adotar estratégias de domesticação, a fim de deixar o texto mais natural em sua língua de chegada. Apesar de muitas críticas, principalmente por parte do teórico Lawrence Venuti, que defende que esta estratégia estaria contribuindo para uma possível hegemonia da língua inglesa, a domesticação tem seu valor para o público, especialmente quando relacionada a textos literários. As expectativas de um leitor frente a uma obra, principalmente sendo esta de teor humorístico, são as de poder ler e entender um conteúdo que lhe provoque emoções (sejam estas o riso, a tristeza, a curiosidade, etc.) e não ler um texto truncado e não natural que, além de muitas vezes ser incompreensível, não despertará sentimentos por ainda estar basicamente codificado. A estrangeirização de Venuti, que propõe que as traduções devam ser vistas claramente como traduções, e não como obras originais, tenta manter a opacidade e o ar de estrangeirismo dentro dos textos. Mas, apesar de conservar certa originalidade do autor, esta estratégia pode levar o público a pensar que simplesmente a obra foi mal escrita originalmente, já que nem todos os elementos do texto poderão ser decifrados pelo leitor.

Claramente, quando a técnica de domesticação é utilizada abusivamente, corre-se o risco de perder muito do teor e sentido originais do texto, já que a obra pode acabar se transformando completamente no fruto de outra cultura. É preciso levar em consideração que, apesar de um texto literário ter que fluir naturalmente durante sua leitura, a obra estrangeira ainda é a expressão e reprodução de uma cultura totalmente diferente do que a do público de chegada. A função do tradutor é reproduzir também esta diferença de culturas, e não facilitar tanto um texto a ponto de este não pertencer mais ao seu autor.

Desta forma, se torna claro que o que se deve buscar é, na verdade, um meio termo entre estas duas visões. Isso possibilitará manter o teor da cultura e contexto a serem retransmitidos, aliados à naturalidade essencial para a boa compreensão de uma obra.

Sabendo que, ao ler um texto de teor humorístico, o leitor tem certas expectativas a respeito dos efeitos e resultados a serem causados pela leitura, o profissional deve ter em mente que é necessário reproduzir o efeito almejado na criação da obra, o que muitas vezes implica em não apenas retransmitir frases e palavras literalmente. Por estarem deslocadas de seu contexto social, elas podem não fazer sentido para o público ao qual o texto é destinado. Marta Rosas adota a

Teoria do Escopo de Reiss e Vermeer. Tal teoria implica que a tradução deve se focar no público-alvo e na melhor forma de fazer este público compreender o sentido original de um texto, sendo que a fidelidade do tradutor seria para com o leitor e os efeitos nele causados. Rosas prevê três passos a serem levados em consideração durante o processo tradutório:

Manter a função na ação translativa, com base na determinação do receptor final e/ou na intuição de suas possíveis expectativas; 2. estabelecer critérios de avaliação do que importa preservar ou alterar em cada parte do texto-fonte (definir novos “valores”), com base principalmente na detecção do gatilho; 3. buscar alternativas que permitam a obtenção de um efeito análogo ao que o texto (potencialmente) provoca na língua-cultura de partida, com base nas injunções – e, é muito importante frisar, também nas ofertas/possibilidades – da língua-cultura de chegada, privilegiando sempre aquelas cuja oferta informativa mais se aproxime da do texto de partida. (ROSAS, 2003, p. 149)

Em casos de obstáculos culturais, além de se valer de soluções e abordagens utilizadas em estudos anteriores, o tradutor deve ser conhecedor dos diferentes contextos sociais pelos quais está transitando, para que assim possa criar uma solução válida que seja bem vinda em outra cultura e, ao mesmo tempo, consiga traduzir o mesmo sentido cômico alcançado com a obra original. Isso significa que em muitos casos, em concordância com Niedzielski (1984, p.155), o tradutor terá que encontrar situações em ambas as línguas que, embora não sejam parecidas, evoquem os mesmos conceitos, sentimentos, emoções ou reações.

Ex. 1 – (FISH, 2005, Volume 1: Texto fonte, Death by Scrabble, p. 17)

(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Jogando com a morte, p.18)

I play <i>FLY</i> , using the L of EXPLODES. I sit back in my chair and close my eyes, waiting for the sensation of rising up from my chair. Waiting to fly. Stupid. I open my eyes, and	Escrevo <i>MANGA</i> , usando o M de MALDITO. Sento em minha cadeira e fecho os olhos, esperando o choque da fruta ao cair. Esperando que uma manga caísse do céu. Idiota. Abro os olhos e vejo minha
--	---

there's a fly. An insect, buzzing around above the Scrabble board, surfing the thermals from the tepid cup of tea. That proves nothing.	mulher limpando o chá que tinha respingado em sua manga. A manga da blusa dela com aquela mancha marrom e o chá quente pingando perto do tabuleiro. Isso não era prova nenhuma
---	--

Ex. 2 – (FISH, 2004, Volume 1: Texto fonte, How to get anything you want, p. 36)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Como conseguir tudo o que quiser, p.39)

She flashed me a smile. She may have winked. I had to <i>shuffle in my seat</i> to hide my reaction.	Ela sorriu para mim. Talvez tenha até piscado um olho. Fiquei <i>olhando para o chão</i> para esconder minha reação.
--	--

Para encontrar tais soluções e estratégias é importantíssima a bagagem sociocultural do tradutor, que mesmo não sendo o autor da obra, terá indubitavelmente um pouco de seu idealismo e pensamentos inseridos no resultado final da tradução. Isso não é um fator ruim. É certo que se deve buscar o máximo de proximidade do que foi intencionado pelo autor, mas os traços e a personalidade de quem repassa o conhecimento estarão sempre presentes em qualquer reprodução de informação. É importante lembrar que, em diversas situações, é bastante possível que o leitor não compreendesse uma piada caso o tradutor não houvesse criado uma solução compatível, a partir de sua vivência e experiência dentro da língua alvo. A piada pode não ter sido a mesma estruturalmente, mas seu objetivo e efeito foram mantidos da melhor maneira possível: esta seria uma solução praticamente ideal para estes ditos obstáculos culturais que o tradutor precisa enfrentar durante o processo tradutório.

¹Uma tradução publicada é o fruto de um grande esforço criativo por parte do tradutor, que é agente fundamental na atividade subjetiva e prática social

1 A published translation is the fruit of a substantial creative effort by the translator, who is the key agent in the subjective activity and social practice of translation. Whatever the restraints of the network

da tradução. Quaisquer que sejam as limitações inerentes a rede de fatores sociais e culturais é o tradutor literário, em última análise, quem toma os milhares de decisões que dão a uma obra literária "vida após a morte": uma existência em outras línguas (BENJAMIM 1923).

Com base na teoria do Escopo, de Reiss e Vermeer, e nos conceitos teóricos de Rosas e Niedzielski, o processo tradutório envolvido na reprodução das histórias selecionadas neste projeto para a língua de chegada considerou principalmente o público-alvo a ser alcançado e suas expectativas com relação aos textos. Procurou-se manter um equilíbrio entre a fidelidade ao conteúdo original escrito pelos autores e a fidelidade ao leitor, que, como alvo final de um texto reproduzido em diferentes culturas, precisa compreender o sentido essencial criado pelo autor, mesmo que alguns elementos precisem ser transcriados a fim de manter o mesmo efeito almejado inicialmente. Neste caso, pode-se dizer que os textos originais dos autores são respeitados na sua reprodução, considerando que sua idéia cômica foi de fato transmitida, e, por muitas vezes, uma tradução direta literal dos mesmos elementos não comunicaria tal conteúdo.

É preciso lembrar que, por se tratarem de textos diferentes e não contínuos, cada um possuindo estilos, estruturas, temas e tipos de humor únicos, as histórias de Charlie Fish e Luís Fernando Veríssimo não foram traduzidas através de apenas uma fórmula definida. Por terem elementos distintos a serem transmitidos, portanto, apresentando também diferentes obstáculos, foram adotadas estratégias também diferentes na tradução de cada história. O objetivo final deste projeto, e também dos teóricos que discutem a tradução de textos literários humorísticos, não é criar um procedimento fixo de tradução que possa ser utilizado em toda reprodução de um texto de uma língua para outra, e, sim, possibilitar a descoberta e análise de novas soluções que possam se encaixar em diferentes textos, de acordo com sua estrutura e teor. Assim, é possível criar uma espécie de "memória" que pode ser consultada e auxiliar, através de modelos de soluções já utilizadas, na tradução de certos tipos textuais.

Um exemplo disso pode ser a teorização do recurso da explicitação, conceito criado por Vásquez-Ayora (1977:334-335) que implica na explicação de um elemento para o público alvo. Através dessa estratégia, é possível tornar claros

elementos e expressões idiomáticas não tão familiares para os leitores. Este recurso foi utilizado no procedimento tradutório da maioria dos textos aqui analisados. Porém, vale notar que cada explicitação ocorreu de forma diferente em cada história, já que cada uma apresentava uma dificuldade ímpar e conteúdo autêntico. A não ser que uma piada fosse idêntica em teor e estrutura, não seria possível adotar a explicitação como uma forma fixa concreta e imutável. Assim, comprovadamente, alguns casos podem ser resolvidos através da utilização de um só termo (exemplo 1) enquanto a solução de outros pode implicar em uma frase mais complexa (exemplo 2).

Ex. 1 – (FISH, 1999, Volume 1: Texto fonte, The WholeTruth, p. 21)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Toda a verdade, p. 23)

Fastest draw in the Middle East!	O golpeador mais rápido do Oriente Médio!
----------------------------------	---

Ex. 2 - (FISH, 2011, Volume 1: Texto fonte, Alternative Curriculum, p. 11)
(2012, Textos de chegada, Currículo alternativo, p. 11)

Dealt with Louise calmly and efficiently in a high-pressure rebound environment.	Lidei de maneira calma e eficiente com Louise mesmo estando em um ambiente de grande pressão pós-término-com-o-ex-namorado.
--	---

(FISH, 2008, Volume 1: Texto fonte, Human Realty, p. 27)
(2012, Volume 2: Texto de Chegada, Mercado humano, p.29)

Dan Taylor wasn't standing quite as proud and straight in his flashy ex-rental suit anymore.	Dan Taylor não parecia mais tão orgulhoso e altivo em seu terno chamativo <i>que um dia havia sido alugado</i> .
--	--

Às vezes, pode-se encontrar mais de uma solução para um mesmo obstáculo cultural. Não havendo uma fórmula ideal, cabe ao tradutor avaliar o método que melhor se encaixa no texto a ser traduzido, reproduzindo o teor da história da maneira mais eficaz possível aos leitores. Assim, dependendo, por exemplo, do público alvo de uma obra, a escolha do recurso para traduzir cada elemento do texto pode variar. Em um texto infantil, por exemplo, pode ser mais comum a utilização da estratégia de adaptação, descrita por Newmark (1998: 46) como a forma mais livre de tradução, a qual consiste, geralmente, na preservação de um enredo e a conversão de alguns elementos para uma maior aproximação da cultura alvo. Já em um texto voltado para adultos, com mais bagagem cultural, pode-se preferir utilizar mais explicitações, mantendo o elemento estrangeiro do texto, mas o tornando claro para os leitores.

Neste sentido, mesmo a tradução de uma única frase pode permitir a utilização de recursos como a omissão, adaptação ou explicitação, por exemplo, demonstrando novamente como as estratégias não são fixas, e sim um molde a ser recriado e adaptado para cada situação textual. Como exemplo, a passagem a seguir do texto “How to get anything you want” de Charlie Fish (exemplo “a”) poderia ter sido traduzida de diversas formas.

a)

This woman had the body of Barbie, the libido of Barbarella and the playfulness of Barbara Windsor.

b)

A mulher tinha o corpo da Barbie, a libido da Barbarella e o espírito brincalhão da Barbara Windsor.

c)

A mulher tinha o corpo da Carol Castro, a libido da Carolina Dickman e o espírito brincalhão da Carolina Ferraz

d)

A mulher era linda, sensual e bem humorada.

As opções válidas são várias. Podem incluir a utilização de uma adaptação dos termos, como no exemplo “c”, que manteve a repetição da letra inicial dos nomes citados - no caso, substituindo o B por C. Podem, também, possibilitar uma omissão (exemplo “d”), descrita por Baker (1992, p. 77) como o recurso utilizado quando não existem correspondentes na língua de chegada, o sentido não pode ser facilmente explicado ou há o impedimento de questões estilísticas. Contudo, por considerar que as referências utilizadas pelo autor eram reconhecidas internacionalmente e seu sentido poderia ser facilmente deduzido, a opção neste trabalho foi pela tradução direta (exemplo “b”).

Outro elemento discutido nas análises de processos tradutórios que, apesar de ser um pouco mais fixo do que as demais estratégias de tradução, ainda está sujeito a variações, é a transformação dos discursos (falas literais) na reprodução dos textos em outras línguas. A pontuação tem uma importante função semântica dentro do texto e, por isso, deve ser analisada cuidadosamente.

²A pontuação é um aspecto essencial da análise do discurso, uma vez que dá uma indicação semântica da relação entre as sentenças e cláusulas, que pode variar de acordo com a língua. (NEWMARK 1988, p.58)

É certo que é comum que cada língua tenha suas formalidades com relação ao formato e à pontuação dos diálogos, tendo o Inglês, por exemplo, a utilização das aspas como padrão para falas, e o Português, o uso do travessão. No entanto, é preciso lembrar que existem exceções e, em alguns casos, o estilo do autor pode ser diferente do arquétipo de sua língua, tendo a estrutura das falas, portanto, um importante papel no teor total do texto. Neste caso, é possível que a melhor solução seja a de manter o estilo de diálogo original do autor, que já foge deliberadamente de um padrão por um propósito inicial. Neste sentido, torna-se claro que, apesar de o modelo de transformação geralmente implicar na utilização de estruturas de diálogos correspondentes da língua alvo, ainda é necessário analisar cada caso individualmente, a fim de “personalizar” a solução ideal a ser adotada.

Os trechos citados a seguir, retirados de dois textos de Veríssimo não traduzidos neste projeto, são exemplos de diálogos que fogem do padrão formal de expressão de falas do Português. No primeiro caso, são utilizadas aspas para a

² Punctuation is an essential aspect of discourse analysis, since it gives a semantic indication of the relationship between sentences and clauses, which may vary according to languages

demarcação dos diálogos em todos os parágrafos do texto. Já no segundo, a obra como um todo é feita na forma de um depoimento do narrador-personagem a um delegado, portanto, apesar de haver ocorrência de falas, elas não são marcadas em momento algum. Os dois exemplos refletem, assim, as possibilidades de variação de diálogo.

a)

Décimo-quarto mês. "Minha barba está tentando boicotar a missão! Faz um estranho barulho eletrônico e várias vezes já tentou me estrangular. Deve ser comunista. Começaram a chegar as enciclopédias que comprei. Tenho jogado xadrez comigo mesmo e ganho sempre" (Veríssimo, Em algum lugar do Paraíso, Solidão, 2011, p. 54)

b)

Mas a culpa, delegado, é da inconstância humana. Ninguém é uma coisa só, nós todos somos muitos. E o pior é que de um lado da gente não se deduz o outro, não é mesmo? Você, o senhor, acreditaria que um homem sensível como eu, um homem que chora quando o Brasil ganha bronze, delegado, bronze? Que se emocionava com a penugem nas coxas dela? Que agora mesmo não pode pensar na ponta do nariz dela se mexendo que fica arrepiado? Que eu seria capaz de atirar um dicionário na cabeça dela? E um Aurelião completo, capa dura, não a edição condensada? Mas atirei. Porque ela também se revelou. Ela era ela e era outras. A multiplicidade humana, é isso. A tragédia é essa. Dois nunca são só dois, são 17 de cada lado. E quando você pensa que conhece todos, aparece o décimo oitavo. Como eu podia adivinhar, vendo a ponta do narizinho dela subindo e descendo, que um dia ela me faria atirar o Aurelião completo na cabeça dela? Capa dura e tudo? Eu, um homem sensível? (Veríssimo, Em algum lugar do Paraíso, O que cada um tem por dentro, 2011, p. 56)

Outro importante elemento que deve ser analisado e discutido a fim de contribuir para a elaboração de possíveis abordagens tradutórias é a conservação da naturalidade e fluidez de um texto, especialmente os de tipo humorístico. Nida

(1964, p. 126 - 140) sustenta que, para que seja possível produzir no receptor final uma resposta similar àquela dos receptores originais, é necessária uma tradução fluida e natural. Especialmente a fim de manter esse tom natural, é preciso considerar os elementos funcionais de uma língua, principalmente expressões idiomáticas e conectivas, e considerar sua adequação à cultura de chegada. Toda língua apresenta expressões usuais para um certo tipo de situação que, muitas vezes, não corresponde aos elementos utilizados em outras culturas. Em alguns casos, se tais elementos forem reproduzidos para a língua alvo através de uma tradução direta, sem considerar sua funcionalidade real naquela cultura, é possível que a estrangeiração excessiva contribua para a criação de um texto truncado que, além de provavelmente mal recebido pelo leitor, também não reproduzirá o conteúdo e efeitos desejados pelo autor.

³Cada idioma tem palavras de marcação que sinalizam uma pausa ou o fim de um tema, como 'Certo', 'Bem', 'Bom', 'Está bem', 'Então', e o internacionalismo 'OK'. Por fim, há marcas que utilizadas para manter um fluxo de conversação: 'não é', 'pois é', 'sabe', que exigem uma resposta padrão. (NEWMARK, 1998, p.57)

Considerando que cada língua tem suas particularidades que a tornam familiar para as pessoas inseridas em sua cultura, é preciso reproduzir esse mesmo efeito em um texto traduzido. Isto é especialmente importante no caso de textos humorísticos, que visam alcançar uma sensação de prazer do leitor. Assim, nos textos cujo objetivo é produzir um efeito cômico no público alvo, é importante que os leitores inseridos na cultura de chegada encontrem elementos agradáveis, que fluam de forma natural e correspondam às suas expectativas de humor.

Neste sentido, a tradução dos textos de Fish e Veríssimo trabalhadas neste projeto procuraram analisar o tom utilizado pelos autores em cada uma de suas histórias, visando reproduzir o mesmo registro de formalidade na língua alvo. Desta forma, nos textos que eram inicialmente mais informais e repletos de elementos da língua coloquial, procurou-se utilizar gírias, conectivos e expressões idiomáticas que reproduzissem essa mesma sensação de informalidade no resultado final. Já nos textos cujo conteúdo exigia um registro mais padrão de comunicação,

³ Each language has marking words that signal a break or end of a subject, such as 'Right', 'Well', 'Good', 'Fine', 'Now', and the internationalism 'O.K.'. Lastly, there are the tags that are used to keep a flagging conversation going: 'isn't it', 'see', 'you know', which require a standard response.

foram utilizados elementos correspondentes em efeito, geralmente encontrados na mesma situação original (como no texto “Alternative-curriculum” de Fish, que parodia um currículo profissional, utilizando linguagem formal).

Tendo em vista que a naturalidade e compatibilidade entre o registro e o objetivo do texto humorístico desempenham uma importante função na forma de recepção de um texto por parte de seus leitores, cabe ao tradutor a tarefa de recriar esta mesma sensação e efeito alcançados no original, utilizando elementos da língua de chegada familiares ao público. Isto significa que, caso o estilo do determinado texto seja caracterizado pelo uso de gírias e coloquialismos, por exemplo, em sua reprodução para um nova cultura, tais elementos, que contribuem para a unicidade da obra, devem ser traduzidos através de expressões correspondentes adotadas pelo grupo ao qual a história é direcionada. Segundo a afirmação de Bérghson (BERGSON, 2004, p.4), “nosso riso é sempre um riso de um grupo” e “precisa de um eco”. Assim, cada grupo cultural cria seus próprios padrões, expressões e conceitos de comicidade, que devem ser despertados pelo tradutor na reprodução do texto original.

Alguns tradutores têm sucesso ao evitar vulgaridades e gírias, mas erram ao tornar uma mensagem relativamente simples no idioma de origem soar como um documento legal complicado na língua de chegada, se esforçando demais para obter um texto completamente não ambíguo. Como resultado, ⁴tal um tradutor tece suas definições em longas frases técnicas. Em tal tradução resta pouco da graça e naturalidade originais. (NIDA 1964, p. 126)

Além do tipo de linguagem utilizada e da necessidade de tornar um texto natural a seus leitores, outro grande obstáculo na tradução do humor se encontra na reprodução de referências cômicas e piadas em geral. Assim como as gírias e expressões idiomáticas, cada grupo social possui um conhecimento compartilhado de certos elementos expressivos típicos de sua cultura. É claro que existe uma interposição de grupos, sendo que um indivíduo, ao mesmo tempo que é pertencente ao grupo de sua classe social, é também participante do grupo referente à sua faixa etária, estando ainda inserido na sociedade global e sendo conhecedor

⁴ Some translators are successful in avoiding vulgarisms and slang, but fall into the error of making a relatively straightforward message in the source language sound like a complicated legal document in the receptor language by trying too hard to be completely unambiguous; as a result such a translator spins out his definitions in long, technical phrases. In such a translation little is left of the grace and naturalness of the original.

de referências internacionalmente conhecidas. Assim, o tradutor precisa focar o público alvo para o qual a reprodução de um texto se direciona, a fim de traduzir referências de uma cultura de partida que muitas vezes não são funcionais na língua de chegada, por pertencerem ao sistema semântico de um grupo fechado.

A abordagem da tradução de uma referência, assim como a utilização de recursos como omissão, equivalência e explicitação, é diferente para cada situação textual. Por transitar em duas culturas diversas, e por estar ele mesmo inserido em distintos grupos culturais, o tradutor se encontra, neste caso, numa posição bastante próxima da de um autor, já que cabe a ele a decisão da recriação, adaptação ou conservação de uma referência a um dado elemento. Sendo a tradução mais do que apenas uma transcodificação de palavras, implicando em uma operação comunicativa complexa (CINTRÃO, 2006), Lessa afirma o seguinte: (a tradução) será tão melhor quanto mais estiver adequada aos seus objetivos. Nesse caso: produzir o riso. (LESSA, p.3)

Isto sustenta a adaptação de certos tipos de referenciais formadores de uma piada em uma cultura, a fim de que a piada seja recriada na língua alvo, mesmo que através de referenciais diferentes dos originais. Algumas dessas passagens de texto podem ser reproduzidas através de variadas soluções, que podem implicar tanto em pequenas alterações (como a de um gesto ou uma cor), como em recriações de um trecho do texto para a adequação com a nova piada. Esta operação de transcrição não se refere apenas às grandes mudanças, mas também às alterações de pequenos detalhes, já que, mesmo neste caso, o tradutor estaria livremente inserindo um outro elemento, não presente no original, no texto de chegada.

[Na transcrição]... é decisivo o papel do tradutor como recriador do texto, tanto no plano do significante quanto no do significado. Assim, numa teoria “concreta” da tradução literária, o leitor/intérprete/tradutor deixa de ser um receptor passivo do texto estrangeiro para interferir radicalmente no processo criativo, levando em conta o horizonte cultural do idioma de chegada e “traindo” conscientemente o texto de partida em muitos de seus aspectos lingüísticos e culturais. Vale sublinhar que, nesse processo, é o signo em sua totalidade que está sendo posto em articulação. (ROSAS, 2003, p.150)

É preciso lembrar que alguns elementos componentes de um grupo semântico fechado de uma cultura são praticamente intraduzíveis, e, mesmo que em alguns casos não o sejam por completo, sua tradução direta pode não alcançar o nível de comicidade desejado. Portanto, sua transcrição, de certa forma, se torna inevitável para a obtenção de um bom resultado tradutório.

Cada povo, cada nação possui seu humor e, muitas vezes, de tal forma típico, característico, que só é realmente compreendido pelos componentes do grupo em que originou e para o qual se dirige, sendo, por isso, inclusive intraduzível. (BRITO, Mário S.)

Uma outra questão a ser discutida, objetivando a contribuição com uma elaboração de uma teoria mais extensa sobre a tradução de textos humorísticos - e literários como um todo -, refere-se à tradução dos nomes próprios utilizados nas histórias originais. Sabe-se que é mais comum a tradução de nomes de personagens e locais em histórias infantis, mas a razão desta alteração pode se aplicar também a outros textos. Lia Wyler, em entrevista concedida a um site de crítica de cinema (www.omelete.com.br), afirma, quanto à tradução dos nomes dos personagens em 'Harry Potter e a Pedra Filosofal', que a influência da língua inglesa na cultura brasileira não é suficiente para que todos os leitores percebam o significado dos nomes e o humor que eles contêm, ainda mais levando em consideração o público infantil ao qual o texto é direcionado.

Assim, a existência de um significado incutido nos nomes de personagens de determinadas obras representa um motivo consistente para que tais elementos sejam alterados e re-adaptados para a cultura do público alvo. Mesmo em textos voltados para leitores adultos, o significado das denominações e o objetivo geral de um texto podem fazer com que o tradutor opte por mudar tais elementos em sua reprodução. Este caso pode ser exemplificado através da tradução dos textos aqui analisados.

Levando em consideração o objetivo dos autores de elaborar uma história que poderia se aplicar a qualquer grupo cultural, em qualquer local do mundo, representando uma situação que poderia ser corriqueira para qualquer indivíduo, as histórias 'O motel' (a), de Veríssimo, e 'Death by scrabble' (b), de Fish, tiveram alguns dos nomes de personagens alterados. Nas histórias mencionadas não existe nenhuma menção a qualquer elemento que possa ser considerado uma

caracterização de uma dada cultura ou local, deixando clara, portanto, a idéia de um texto neutro que cause nos leitores a sensação de que a história poderia estar ocorrendo com eles mesmos, aproximando o público-alvo da obra.

a) 'O motel'

Carlos Alberto	→	Charlie
Lu	→	Elle
Mirtes	→	Marian
Deco	→	Joe

b) 'Death by scrabble'

Harold	→	Haroldo
--------	---	---------

Um recurso tradutório muito adotado, ainda não mencionado, é a utilização de notas de rodapé para a explicitação de algum referencial mantido conforme o original, a fim de explicitar seu sentido e repassar o conteúdo almejado pelo autor para os leitores. As notas de rodapé, apesar de bastante válidas para textos mais formais, não têm grande funcionalidade em textos humorísticos. Isto se deve ao fato de que, por visar despertar o prazer do público, textos cômicos se utilizam de estratégias cuja interpretação deve ser realizada pelos próprios leitores. Caso inserida uma nota de rodapé para a explicação de um elemento cômico numa tradução/versão de uma obra humorística, é praticamente certo que não será possível alcançar o efeito e os sentimentos de prazer almejados, já que este caso implicaria na facilitação excessiva e não apropriada de um componente que deveria ser questionado e analisado pelo leitor, e não pelo tradutor.

Esta situação se adequaria à descrição realizada pela expressão coloquial "explicar piada", que refere-se à perda da comicidade de um elemento por ele não ter mais o traço de surpresa e unicidade que possuía antes. Outro efeito negativo deste recurso é a quebra da cadência e ritmo do texto, o que, numa obra de humor, é imprescindível. Neste sentido, optou-se por não utilizar notas de rodapé como recurso na tradução de nenhuma das crônicas e *short-stories* aqui analisadas.

Por fim, é preciso ainda considerar mais uma característica específica do modo textual aqui analisado: a rápida e contínua modernização do humor. Ao traduzir uma obra cômica, o tradutor deve lembrar que este tipo de texto está em

constante mudança e atualização conforme o passar do tempo. O humor tem características específicas e sofre inúmeras alterações de acordo com cada época. Conforme os anos passam, mudam os valores sociais, expressões idiomáticas e referências cômicas, elementos que contribuem para a formação do efeito humorístico em um texto e que podem acabar se tornando obsoletos.

Desta forma, uma história infantil atual, por exemplo, não poderia ser traduzida utilizando gírias e expressões típicas dos anos 80 ou 90, que podem ser incompreendidas pelo público. Do mesmo jeito, não seria muito apropriado adaptar uma referência a uma celebridade atual na cultura de partida por uma personalidade de outra época que já entrou em esquecimento e pode não ser recordada pela cultura de chegada. Portanto, cabe ao tradutor realizar decisões coerentes e adotar uma linguagem compatível com a do texto de origem e de partida, levando em consideração as mudanças culturais e temporais que fazem com que determinado elemento tenha efeito humorístico ou não.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos humorísticos representam, sem dúvida, um gênero textual complexo e único, que ainda precisa ser analisado em maior profundidade pelos teóricos da tradução. Por envolver obstáculos ímpares e requerer o uso de estratégias e soluções inovadoras para sua reprodução, esta categoria deveria ser mais pesquisada, pois apresenta dificuldades singulares que poderiam ser contornadas mais facilmente caso houvesse um maior aprofundamento e registro de abordagens tradutórias já realizadas.

Por lidar com obstáculos culturais complexos que, em muitas situações, são praticamente intraduzíveis, cabe ao tradutor a difícil tarefa de construir soluções para reproduzir os elementos cômicos de uma cultura - que porventura podem estar inseridos no conjunto semântico fechado de um grupo - a novos leitores, que possuem expectativas e referenciais diferentes. Além da piada real, estão ainda inseridos nos textos humorísticos diversos elementos que constituem e se somam para criar a comicidade final a ser recebida pelo público.

Por apresentar tantos e tão variados desafios, que estão em constante mudança, conforme o humor e seus elementos vão se atualizando, torna-se clara a heterogeneidade desta categoria. Portanto, é, sim, necessário que ela seja encarada e valorizada como objeto de estudo entre os pesquisadores da tradução. A reprodução do efeito cômico de uma cultura para outra é um entrave difícil de ser contornado, mas que, quando bem solucionado, cativa e agrada ao público. Além disso, o humor está relacionado a conceitos e valores externos muito complexos, e, na maioria dos casos, controversos.

Assim, fica evidente que a tradução do sentimento de riso e prazer também representa um assunto sério entre os profissionais da língua. Por se tratar de um gênero muito sensível, até mesmo por lidar geralmente com um conteúdo de discurso proibido, são necessárias atenção, discernimento e criatividade do tradutor, que deve ser melhor preparado para enfrentar este desafio. Neste sentido, a tarefa de reprodução de elementos humorísticos seria menos árdua se o profissional compreendesse e estudasse, através de uma memória de soluções e da definição de estratégias e conceitos, que tipo de obstáculos irá encontrar.

Ressalta-se, mais uma vez, que isso não implica criar um procedimento fixo de tradução, um molde pronto que engesse a missão do tradutor. Ao contrário,

com essa “memória” à disposição, o tradutor ganha mais liberdade e segurança para encarar o desafio de se tornar a ponte necessária entre o autor e seu leitor, entre a cultura original de um e de outro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Mona. **Routledge encyclopedia of translation studies**. London: Routledge, 1998

_____. **In other words: a coursebook on translation**. London: Routledge, 1992. p. 77

BECKETT, Samuel. **Waiting for Godot**. Cambridge University Press: Cambridge. Second edition, 2004.

BENJAMIN, Walter. **The task of the translator**: an introduction to the translation of Baudelaire's Tableaux Parisiens. New York: Schocken Books, 1923/1969, p. 69-82

BERGSON, H. **O riso — ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.4

BRITO, Mário S. **Citações de Mário da Silva Brito**. Disponível em: <<http://www.citador.pt/frases/citacoes/a/mario-da-silva-brito>>. Acesso em: 05 jun 2012.

CINTRÃO, Heloísa Pezza. **Efeitos de uma abordagem funcionalista, discursiva e funcional à formação de tradutores**: alguns resultados positivos. 2006. (Mimeo).

CUNEGUNDES, Eraldo. **Significação das palavras**. Disponível em: <http://www.bdt.org.br/sma/entendendo/atual.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2012.

FERNANDES, Aline da Silva. **A Tradução do humor crítico-social nas histórias em quadrinho da Mafalda**. Brasília: Coordenação de Pós-graduação e atividades complementares, Universidade Gama Filho, 2010. Disponível em: <<http://www.ugfpos.com/media/7f1a4c19d3b3a086ffff8dbeffff8709.pdf>>

FISH, Charlie. **The man who married himself**. Disponível em: <www.fictionontheweb.co.uk > Acesso em: dez 2011

_____. **Alternative-curriculum**. Disponível em: <www.fictionontheweb.co.uk > Acesso em: dez 2011.

_____. **Death by scrabble**. Disponível em: <www.fictionontheweb.co.uk > Acesso em: dez 2011.

_____. **How to get anything you want**. Disponível em: <www.fictionontheweb.co.uk > Acesso em: dez 2011.

_____. **Human realty**. Disponível em: <www.fictionontheweb.co.uk > Acesso em: dez 2011.

_____. **The whole truth.** Disponível em: <www.fictionontheweb.co.uk> Acesso em: dez 2011.

LEPPIHALME, Rita. **Culture bumps:** an empirical approach to the translating of allusions. Clevedon: Multilingual Matters, 1996.

LESSA, Giane da Silva Mariano. **Nota sobre um estudo sobre a tradução do humor.** UFRRJ/ UNIRIO: Rio de Janeiro.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** Rio de Janeiro: EB, 2007.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation.** New York: Prentice Hall, 1988.

NIDA, Eugene. **Principles of correspondence.** In: Lawrence Venuti (org.). The Translation Studies Reader . Londres: Routledge, 1964. p. 126 -140.

NIEDZIELSKI, Henry. **Metalinguistics, semantics and idiomatic expressions. translation** Theory and Its Implementation in the Teaching of Translating and Interpreting. Tübingen: Gunter Narr, 1984. p. 154-164.

OXFORD, Oxford University Press (Ed.) **Oxford collocations dictionary.** Editor Chefe Colin Mcintosh. Nova Iorque, 2009. p. 153

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua:** análises lingüísticas de piadas. Campinas:Mercado de Letras, 1998.

ROSAS, Marta. **Tradução de humor:** transcriando piadas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Por uma teoria da tradução do humor.** Univeristá Rovira e Virgili, Itália: 2003. p.150

REISS, Katharina & VERMEER, Hans. **Fundamentos para uma teoría funcional de la traducción.** Madrid: Ediciones Akal, 1984.

VÁZQUEZ-AYORA, G. **Introducción a la traductología: curso básico de traducción,** Washington, Georgetown University Press,1977. p.334

VENUTI, Lawrence. **The translation studies reader.** London: Routledge, 2000

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Autor-entrevista.** In: Veja on-line. 1982. Disponível em:<http://veja.abril.com.br/idade/estacao/luis_fernando_verissimo/artigos/auto_entrevista.html>

_____.**O verdadeiro George Clooney.** In: Em algum lugar do paraíso. Objetiva (Ed.), Rio de Janeiro: 2011.

_____.**Entra Godot.** In: Em algum lugar do paraíso. Objetiva (Ed.), Rio de Janeiro: 2011.

_____. **Estou numa ilha deserta.** In: Em algum lugar do paraíso. Objetiva (Ed.), Rio de Janeiro: 2011.

_____. **O motel.** Crônica. Disponível em: <<http://eupodiatamatando.com/2007/10/02/o-motel-de-luis-fernando-verissimo/>>

_____. **O que ela mal sabia.** Crônica. Disponível em: <<http://sonhoseumdiario.blogspot.com.br/2011/09/o-que-ela-mal-sabia.html>> Acesso em: 23 mar 2012

WYLER, Lia. **Omelete entrevista: Lia Wyler, a tradutora da série Harry Potter.** Em entrevista a Ederli Fortunato, site Omelete, 2005. Disponível em: <<http://omelete.uol.com.br/games/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-da-serie-harry-potter/>> Acesso em: 20 mar 2012



UnB – Universidade de Brasília
Departamento de Línguas Estrangeiras
Curso de Letras Tradução Inglês

GIOVANA QUADROS ZOCOLI

Projeto Final de Graduação

TRADUZINDO COM HUMOR:

UM ESTUDO DE ESTILOS E TÉCNICAS UTILIZADAS NAS TRADUÇÕES DOS TEXTOS DE
VERÍSSIMO E FISH

VOLUME 1

TEXTO FONTE

**BRASÍLIA
2012**

TRADUZINDO COM HUMOR:
UM ESTUDO DE ESTILOS E TÉCNICAS UTILIZADAS NAS TRADUÇÕES DOS
TEXTOS DE VERÍSSIMO E FISH

VOLUME 1

TEXTO FONTE

Textos fonte selecionados para tradução e análise no projeto TRADUZINDO COM HUMOR: Um estudo de estilos e técnicas utilizadas nas traduções dos textos de Veríssimo e Fish, sob orientação do Prof. Mark David Ridd

BRASÍLIA
2012

SUMÁRIO

1. O VERDADEIRO GEORGE CLOONEY.....	03
2. THE MAN WHO MARRIED HIMSELF.....	04
3. AUTO-ENTREVISTA.....	08
4. ALTERNATIVE CURRICULUM.....	10
5. O MOTEL.....	11
6. DEATH BY SCRABBLE.....	13
7. ENTRA GODOT.....	18
8. THE WHOLE TRUTH.....	20
9. O QUE ELA MAL SABIA.....	25
10. HUMAN REALTY.....	26
11. ESTOU NUMA ILHA DESERTA.....	32
12. HOW TO GET ANYTHING YOU WANT.....	34

1. O VERDADEIRO GEORGE CLOONEY

(VERÍSSIMO, Luís Fernando, Em algum lugar do Paraíso)

Longe de mim querer difamar alguém, mas acho que no caso do George Clooney o que está em jogo é a autoestima da nossa espécie, os homens que não são George Clooney.

Todas as nossas qualidades e todos os nossos atributos, físicos e intelectuais, desaparecem na comparação com o George Clooney.

As mulheres não escondem sua adoração pelo George Clooney. O próprio George Clooney nada faz para diminuir a idolatria e nos dar uma chance.

Fica cada vez mais adorável, cada vez mais George Clooney. E se aproxima da perfeição. É bonito. É charmoso. É rico. É bom ator. Faz bons filmes. Está envolvido com as melhores causas. E que dentes!

Não temos defesa contra esse massacre. Só nos resta a calúnia.

Os dentes são falsos. Ali onde elas veem pomos da face irresistíveis e um queixo decidido, há, obviamente, botox. Ele tem pernas finas e desvio no septo.

É solteiro, portanto, claro, gay. Tem casa num dos lagos italianos, o que já é suspeito, e dizem que anda pelos seus chãos de mármore depois do banho de espuma vestindo um longo caftan bordado e sendo borrifado com perfumes florais pelo seu amante filipino Tongo, enquanto seu amante italiano, Rocco, prepara a salada de rúcula completamente nu.

George Clooney bate na mãe todas as quintas-feiras. É extremamente burro. Só leu um livro até hoje e não lembra se foi "O pequeno príncipe" ou "O grande Gatsby". Nos filmes em que faz personagens mais reflexivos, contratam um dublê para as cenas dele pensando.

Foi ele que propôs a demolição da Torre Eiffel porque já era mais que evidente que não encontrariam petróleo no local. E sua sovinice é lendária. Levou nadadeiras quando visitou Veneza, para não gastar com táxi.

É notório, em Hollywood, o mau hálito do George Clooney. Quando ele fala em algum evento público, as primeiras três fileiras do auditório sempre ficam vazias.

Atrizes obrigadas a trabalhar com ele têm direito a um adicional por insalubridade, em dobro se houver cenas de beijo. Outra coisa: a asa. Não adiantam as imersões em espuma na sua banheira em forma de cisne, nem os perfumes florais borrifados, o cheiro persiste.

Sabem que George Clooney e suas axilas se aproximam a metros de distância, e muita gente aproveita o aviso para fugir.

Além de tudo, tem seborreia e é republicano.

Passe adiante.

2. THE MAN WHO MARRIED HIMSELF

(FISH, Charlie, 1999, www.fictionontheweb.co.uk)

"Why not?"

With those two words, my good friend Reverend Zatarga changed the course of my life. When he said them to me, he had just spent two hours on the telephone with Bishop Fleming discussing various sections of the Bible in excruciatingly fine detail. He pointed out that Leviticus warns Christians not to marry their sister, aunt, mother, mother-in-law, daughter or even their granddaughter (should they be tempted). But nowhere in the good book is there a rule against marrying oneself. So when I told Reverend Zatarga that was exactly what I wanted to do, he eventually conceded those two fateful words:

"Why not?"

Of course, the Bible also neglects to forbid anyone from marrying great-grandmothers, tables or pet fish. I wouldn't be surprised to learn that Bishop Fleming ended up marrying his beloved French poodle as a result of all this. Or his blanket - after all he's been sleeping with it for years. Anyway, once I convinced the good Reverend to let me marry the man of my dreams, I had to convince my mother and father. I'd have to say that between an international religion, firmly established for two millennia, and my own humble parents - my parents were far more difficult to persuade.

My mother just wouldn't take it seriously at first. OK, very few people took it seriously, but I needed her to know I meant it. She kept asking me silly things like "why marry - you can just live with yourself," or "what will you wear for the wedding?"

And sadly, it drove my father quite mad. Literally. For years after the wedding he spent days typing up articles for a wide variety of news journals, record books and space administration newsletters claiming that he was the first person to have had sex in space. He seemed quite convinced, despite the fact that the closest he had come to space was the big button on his computer keyboard. When asked who he had allegedly had sex with, he would usually pause briefly for dramatic effect, turn his wild eyes towards you and yell shrilly; "Myself!"

I would have hoped that I could trust my best friends to be sympathetic towards my cause, but I think it was all a bit of a joke for them. They were often supportive, but since the wedding they just spend a lot of time making fun of me. Some of the wedding presents I received from them were quite demeaning: pornographic magazines, silk gloves, even a ceiling mirror. And I'm disappointed in them for not stifling their mirth when Reverend Zatarga recited the marriage vows: "Will you keep yourself as a husband, to live as one in marriage? Will you love and comfort yourself, obey and honour yourself in sickness and in health, and be faithful to yourself as long as you shall live?" I swear one of my friends wet himself laughing.

I had a great honeymoon in Las Vegas, gambling away all my savings with nobody to nag me about how much money I was spending. I had a penthouse suite in the Luxor hotel for the night of consummation...

I had many reasons for getting married when I did, apart from the tax benefits of course (trying to make the tax inspector understand that I was my own spouse was hell, though). Ever since I understood the concept of wedlock, I longed for a partner that I could trust. I wanted to have someone with me always, to whom I could tell all my deepest, darkest secrets without having them laugh at me. Unfortunately, although getting girlfriends was usually not too big a problem for me, I tended to have excruciatingly bad taste. Then I realised that my perfect partner was closer to home than anyone could have realised.

Altogether, I think the marriage was a great success for the most part. I rarely argued with my spouse; in fact I found myself to be the best conversation holder around. The few times that I did argue, I always won. And the sex was, well... it was whatever I made of it. There was some media intrusion of course, lots of cheap journalists trying to cash in on this unusual union. I found some of their articles amusing, and others quite offensive, especially the ones dubbing me the most conceited and/or narcissistic man in the world. I don't think I'm such an egotist, I just happen to enjoy my company.

I suppose it was a hormonal thing, a stage of life or something, that made me suddenly crave a child. The cliché is that I realised I was mortal, and I therefore wanted to pass on my genes. So after many days weighing up the pros and cons I decided to split up from my husband in order to find a wife. I had a chat with Reverend Zatarga, and he informed me that I couldn't just file for a divorce on a moment's notice. I had to have legitimate justification. Curiously, wanting a baby wasn't on the list of good reasons to divorce.

As the good Reverend explained, I could only divorce if I had been living apart from my spouse for at least a year - which would be difficult without major surgery - or if my spouse had treated me cruelly or been imprisoned for at least a year... I wasn't particularly willing to beat myself up a bit or lounge around in prison just so I could divorce myself. That left one option: Adultery. I just had to have sex with someone

other than myself; normal, straight, human sex, and I could be free from the bonds of marriage.

And so it was that I reluctantly removed my wedding ring and started searching for a mate. My friends were cruel about it, saying that I was separating to stop myself from going blind. I think my mother was relieved when I told her that my relationship with myself was coming to an end. My father just paused for dramatic effect, turned his wild eyes towards me and yelled shrilly; "Myself!" Maybe he really is on another world.

I expected it to take me quite a while to find someone who was both willing to sleep with me and who hadn't read the newspapers enough to know that I was already married, but I soon found a plain-faced Malaysian girl who was relatively easy to seduce. The sex was, to be honest, rather disappointing. It seemed that she knew almost nothing of what turns a man on, whereas by that point I myself had become quite an expert. I suppose it wasn't great for her either - I wasn't practised in pleasuring members of the fairer sex.

The divorce was easy after that. It seemed that the church was keen to split me apart, as if my marriage had been a big mistake. I felt quite lonely for several months after the break-up. At least the local psychiatrist (specialising in multiple personality disorders) stopped sending me his damned business cards every week.

It took me nearly a decade to find a good wife who didn't think she'd be marrying into a threesome. Most of that time was just waiting for the media to forget about 'The Man Who Married Himself'. Meanwhile, I wrote an autobiography with that very title. Included in the book was a detailed account of my marriage to myself, including the ups and downs of living with myself, how I dealt with everyone's criticism of me and my husband, and some intimate details of my relationship. I think it was these sections that made the book a real success when it was published some years later. People were just curious to read about the implications of such an unusual marriage. I suppose it made people think. They would read my book and ask themselves; "Am I easy to live with? If I had to live with me, could I do it?" They all stopped searching

for their Mister or Little Miss Right for just a moment to ask themselves if they would ever make a good spouse - for anyone.

I didn't hear of any copycat self-marriages, which probably either means the media lost interest or the church is determined not to let it happen again. Anyway, that's all behind me now. My wife and I have just moved into a new home, big enough to accommodate our new child when he is born. I am happy now. In fact, right now I can't wipe the smile off my face - you see, our next door neighbours are Bishop Fleming and his lovely wife, the French poodle.

3. AUTO-ENTREVISTA

(VERÍSSIMO, Luís Fernando, 1982, Revista Veja)

És ciumento?

Nasci aqui na Bolívia mesmo. Nascer foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Eu não seria o que sou hoje se não tivesse, nascido. Acho que foi um parto normal. Perguntei para minha mãe mas ela insiste que não estava lá na ocasião. Desconfiei que alguma coisa errada comigo porque papai trazia os amigos para me ver, no berçário, mas apontava para outro bebê. Custei a falar. Durante dois ou três anos, apesar da insistência da família, só dizia meu nome, minha patente e meu número de série. Sou de Libra. Minha vida é regida por Saturno, Urano e, estranhamente, pelo maestro Isaac Karabtchevsky.

Já foi beijado?

Me considero um homem de esquerda. Tenho certeza que meus filhos ainda viverão sob o socialismo. Em Paris, às minhas custas. Eu não tinha entendido o termo "capitalismo selvagem" até que um representante do FMI desceu em Brasília, pediu que carregassem sua bagagem e um ministro da área econômica disse "Sim, bwana". Não sei se o FMI vai interferir mesmo no país mas quando sua comitiva esteve no Rio um dos membros foi visto apontando para o Pão de Açúcar e perguntando: "O Cristo Redentor não ficaria melhor ali?" Não entendo por que uma nação inteira deva se submeter aos interesses dos banqueiros internacionais. Eles

não são melhores que os banqueiros nacionais. Mas não me tornem por um esquerdista radical. Não sou nenhum Jorginho Guinle.

Preferes loira ou morena?

Bem, penso da morte a mesma coisa que penso das multinacionais. Ela está aí, existe, não há como evitá-la, pode até ser uma coisa boa na medida em que cria empregos, etc. - mas sou contra. Quanto à vida eterna minha preocupação não é se existe ou não, é chegar lá e encontrar os melhores lugares tomados por quem foi primeiro. Os etruscos devem ter todas as coberturas, os fenícios os terrenos do lago e a gente acaba ficando num quarto debaixo de uma escola de dança flamenca, para sempre. Mas sou um materialista agnóstico. Não acredito em nada que eu não possa pegar, apalpar, cheirar ou morder. Não acredito na Luíza Brunet, por exemplo.

Gostas do Roberto Carlos?

Acho que não há clima para um golpe, atualmente, no Brasil. Ainda mais no Rio, onde tem chovido muito. O que dá toda vantagem estratégica ao sapo, como se sabe.

És cínico ou crês no amor?

Tive uma infância comum, Classe B, fundos. Minha família era tão classe média que tinha 3.2 filhos. Minha primeira experiência sexual foi com uma vizinha mas ela nunca ficou sabendo. Parei de estudar quando decidi que a escola não estava me preparando para o que eu queria: vagabundo. Tudo que aprendi foi a vida que me ensinou. Só não me perguntem a vida de quem. Em dezesseis anos de jornalismo aprendi algumas coisas, como jamais apertar o botão marcado "Tabulador" na máquina de escrever porque desregula tudo. Sou eleitor desde 57 (vide documento anexo) mas não me culpem pelo Jânio. Não fui só eu.

És machista ou evoluído?

Substituir o Millôr? Espera um pouquinho. Deve haver algum engano. Eu vim aqui tratar de uma assinatura. Me larguem!

4. ALTERNATIVE CURRICULUM

(FISH, Charlie, 2011, www.fictionontheweb.co.uk)

CHARLIE FISH

Address and telephone number on request - charlie@fictionontheweb.co.uk - dob:
12/03/80

RELATIONSHIP EXPERIENCE

Jan 2001 to date <i>Selly Oak, Birmingham</i>	Emmy Fish Equal partner in this multi-hundred pound turnover relationship, with responsibility for life skills training, general corruption, and Emmy's finance and administration. Key achievements so far have included taking on the leadership of various romantic treasure hunts, successfully applying for an extension of the relationship in February 2001, and collaborating with third parties to enhance our sex lives. Most recently promoted in January 2003 for discovering Emmy's G-spot, allowing me to continue ensuring that the customer always comes first. I enjoy using my initiative to gauge what Emmy wants and to try out new ways to give it to her within a limited budget. The relationship is planned to continue indefinitely.
Dec 2000 to Jan 2001 <i>Selly Oak, Birmingham</i>	Deborah Kenyon (Debs) Exploited lack of beds after a party to initiate a fling with Debs. Developed interpersonal skills and a renewed zeal for sexual relationships.
Oct 2000 to Dec 2000 <i>Selly Oak, Birmingham</i>	Louise Gosford Demonstrated strong capability to manage a platonic relationship. Dealt with Louise calmly and efficiently in a high-pressure rebound environment. Other tasks included designing poems, shop control and gash handling.
Oct 1999 to Oct 2000 <i>Tennis Courts, Edgbaston, Birmingham</i>	Rose Johnson Highly romantic, for example spreading petals on Rose's bed and paying her a surprise visit while she was working for Eurocamp in France. Developed relationship communication skills in the context of a University culture. Ensured compliance with health and safety regulations throughout.
Oct 1996 to Oct 1998 <i>Buckland, Surrey</i>	Aline Poulain Lost my virginity on May 18 th 1997. Experimented sexually in various ways, for example creative photography and innovative use of chocolate spread. Sustained a long-distance relationship faithfully and enthusiastically. Gained basic French skills.

EXTRA-CURRICULAR ACTIVITIES AND INTERESTS

Faithfulness	Unfaithful on only two occasions. Once as rebound therapy, and I have been fully forgiven for the second occasion, which was not a full-on transgression. Taught me to achieve a balance of flexibility and discipline in a relationship.
---------------------	---

Fetishes

Partial to sexy feet and legs, tend to notice women's mouths first. Willing to experiment with light bondage and group activity. Have conducted extensive research into Internet pornography.

Flirting

A dedicated and passionate flirter, I have honed and mastered these skills to a fine art. Achieved a Grade 8 in Truth or Dare, and a Gold Award in getting people naked. Developed teambuilding drinking game skills.

Additional Information

I have a full, clean bill of health.

5. O MOTEL

(Veríssimo, Luís Fernando, 2007, <http://eupodiatamatando.com/2007/10/02/o-motel-de-luis-fernando-verissimo/>)

Mirtos não se agüentou e contou para a Lurdes:

- Viram o teu marido entrando num motel.

A Lurdes abriu a boca e arregalou os olhos. Ficou assim, uma estátua de espanto, durante um minuto, um minuto e meio. Depois pediu detalhes.

- Quando? Onde? Com quem?

- Ontem. No Discretíssimu's.

- Com quem? Com quem?

- Isso eu não sei.

- Mas como? Era alta? Magra? Loira? Puxava de uma perna?

- Não sei, Lu.

- O Carlos Alberto me paga. Ah, me paga.

Quando o Carlos Alberto chegou em casa a Lurdes anunciou que iria deixá-lo. E contou por quê.

- Mas que historia é essa, Lurdes? Você sabe quem era a mulher que estava comigo no motel. Era você!

- Pois é. Maldita hora em que eu aceitei ir. Discretíssimu's! Toda a cidade ficou sabendo. Ainda bem que não me identificaram.

- Pois então?

- Pois então que eu tenho que deixar você. Não vê? É o que todas as minhas amigas esperam que eu faça. Não sou mulher de ser enganada pelo marido e não reagir.

- Mas você não foi enganada. Quem estava comigo era você!

- Mas elas não sabem disso!

- Eu não acredito, Lurdes! Você vai desmanchar nosso casamento por isso? Por uma convenção?

- Vou!

Mais tarde, quando a Lurdes estava saindo de casa, com as malas, o Carlos Alberto a interceptou. Estava sombrio.

- Acabo de receber um telefonema – disse. – Era o Dico.

- O que ele queria?

- Fez mil rodeios, mas acabou me contando. Disse que, como meu amigo, tinha que contar.

- O quê?
- Você foi vista saindo do motel Discretíssimu's ontem, com um homem.
- O homem era você!
- Eu sei, mas eu não fui identificado.
- Você não disse que era você?
- O que? Para que os meus amigos pensem que eu vou a motel com a minha própria mulher?
- E então?
- Desculpe, Lurdes, mas...
- O quê?
- Vou ter que te dar um tiro...

6. DEATH BY SCRABBLE

(Fish, Charlie, 2005, www.fictionontheweb.co.uk)

It's a hot day and I hate my wife.

We're playing Scrabble. That's how bad it is. I'm 42 years old, it's a blistering hot Sunday afternoon and all I can think of to do with my life is to play Scrabble.

I should be out, doing exercise, spending money, meeting people. I don't think I've spoken to anyone except my wife since Thursday morning. On Thursday morning I spoke to the milkman.

My letters are crap.

I play, appropriately, BEGIN. With the N on the little pink star. Twenty-two points.

I watch my wife's smug expression as she rearranges her letters. Clack, clack, clack. I hate her. If she wasn't around, I'd be doing something interesting right now. I'd be climbing Mount Kilimanjaro. I'd be starring in the latest Hollywood blockbuster. I'd be sailing the Vendée Globe on a 60-foot clipper called New Horizons - I don't know, but I'd be doing something.

She plays JINXED, with the J on a double-letter score. 30 points. She's beating me already. Maybe I should kill her.

If only I had a U, then I could play MURDER. That would be a sign. That would be permission.

I start chewing on my H. It's a bad habit, I know. All the letters are frayed. I play WARMER for 22 points, mainly so I can keep chewing on my H.

As I'm picking new letters from the bag, I find myself thinking - the letters will tell me what to do. If they spell out KILL, or STAB, or her name, or anything, I'll do it right now. I'll finish her off.

My rack spells MIUZPA. Plus the H in my mouth. Damn.

The heat of the sun is pushing at me through the window. I can hear buzzing insects outside. I hope they're not bees. My cousin Harold swallowed a bee when he was nine, his throat swelled up and he died. I hope that if they are bees, they fly into my wife's throat.

She plays SWEATIER, using all her letters. 24 points plus a 50 point bonus. If it wasn't too hot to move I would strangle her right now.

I am getting sweatier. It needs to rain, to clear the air. As soon as that thought crosses my mind, I find a good word. HUMID on a double-word score, using the D of JINXED. The H makes a little splash of saliva when I put it down. Another 22 points. I hope she has lousy letters.

She tells me she has lousy letters. For some reason, I hate her more.

She plays FAN, with the F on a double-letter, and gets up to fill the kettle and turn on the air conditioning.

It's the hottest day for ten years and my wife is turning on the kettle. This is why I hate my wife. I play ZAPS, with the Z doubled, and she gets a static shock off the air conditioning unit. I find this remarkably satisfying.

She sits back down with a heavy sigh and starts fiddling with her letters again. Clack clack. Clack clack. I feel a terrible rage build up inside me. Some inner poison slowly spreading through my limbs, and when it gets to my fingertips I'm going to jump out of my chair, spilling the Scrabble tiles over the floor, and I'm going to start hitting her again and again and again.

The rage gets to my fingertips and passes. My heart is beating. I'm sweating. I think my face actually twitches. Then I sigh, deeply, and sit back into my chair. The kettle starts whistling. As the whistle builds it makes me feel hotter.

She plays READY on a double-word for 18 points, then goes to pour herself a cup of tea. No I do not want one.

I steal a blank tile from the letter bag when she's not looking, and throw back a V from my rack. She gives me a suspicious look. She sits back down with her cup of tea, making a cup-ring on the table, as I play an 8-letter word: CHEATING, using the A of READY. 64 points, including the 50-point bonus, which means I'm beating her now.

She asks me if I cheated. I really, really hate her.

She plays IGNORE on the triple-word for 21 points. The score is 153 to her, 155 to me.

The steam rising from her cup of tea makes me feel hotter. I try to make murderous words with the letters on my rack, but the best I can do is SLEEP.

My wife sleeps all the time. She slept through an argument our next-door neighbours had that resulted in a broken door, a smashed TV and a Teletubby Lala doll with all the stuffing coming out. And then she bitched at me for being moody the next day from lack of sleep.

If only there was some way for me to get rid of her.

I spot a chance to use all my letters. EXPLODES, using the X of JINXED. 72 points. That'll show her.

As I put the last letter down, there is a deafening bang and the air conditioning unit fails.

My heart is racing, but not from the shock of the bang. I don't believe it - but it can't be a coincidence. The letters made it happen. I played the word EXPLODES, and it happened - the air conditioning unit exploded. And before, I played the word CHEATING when I cheated. And ZAP when my wife got the electric shock. The words are coming true. The letters are choosing their future. The whole game is - JINXED.

My wife plays SIGN, with the N on a triple-letter, for 10 points.

I have to test this. I have to play something and see if it happens. Something unlikely, to prove that the letters are making it happen. My rack is ABQYFWE. That doesn't leave me with a lot of options. I start frantically chewing on the B.

I play FLY, using the L of EXPLODES. I sit back in my chair and close my eyes, waiting for the sensation of rising up from my chair. Waiting to fly.

Stupid. I open my eyes, and there's a fly. An insect, buzzing around above the Scrabble board, surfing the thermals from the tepid cup of tea. That proves nothing. The fly could have been there anyway.

I need to play something unambiguous. Something that cannot be misinterpreted. Something absolute and final. Something terminal. Something murderous.

My wife plays CAUTION, using a blank tile for the N. 18 points.

My rack is AQWEUK, plus the B in my mouth. I am awed by the power of the letters, and frustrated that I cannot wield it. Maybe I should cheat again, and pick out the letters I need to spell SLASH or SLAY.

Then it hits me. The perfect word. A powerful, dangerous, terrible word. I play QUAKE for 19 points.

I wonder if the strength of the quake will be proportionate to how many points it scored. I can feel the trembling energy of potential in my veins. I am commanding fate. I am manipulating destiny.

My wife plays DEATH for 34 points, just as the room starts to shake.

I gasp with surprise and vindication - and the B that I was chewing on gets lodged in my throat. I try to cough. My face goes red, then blue. My throat swells. I draw blood clawing at my neck. The earthquake builds to a climax.

I fall to the floor. My wife just sits there, watching.

7. ENTRA GODOT

(VERÍSSIMO, Luís Fernando, 2011, Em algum lugar do paraíso)

Uma estrada rural, num lugar não identificado. O único cenário é uma árvore sem folhas. Sentados sob a árvore, dois vagabundos: Vladimir e Estragon.

VLADIMIR - Nada a fazer...

ESTRAGON - Vamos embora.

VLADIMIR - Você esqueceu? Estamos esperando o Godot.

ESTRAGON - Tem certeza que o lugar é este?

VLADIMIR - A árvore está aqui. Ele...

(Entra Godot.)

GODOT - Alô, alô, alô!

(Vladimir e Estragon se entreolham, apavorados.)

VLADIMIR (para Godot) - O q-que você está fazendo aqui?

GODOT - Ouvi a minha deixa e entrei.

ESTRAGON - Que deixa? Você não tem deixa na peça. Aliás, você não está na peça.

GODOT - Como não estou na peça? Eu sou o personagem principal!

VLADIMIR - Quem disse?

GODOT - Vá ver o cartaz lá fora. Qual é o nome que aparece com mais destaque? Godot.

ESTRAGON - Mas na peça você não aparece. Nós passamos o tempo todo esperando você, mas você não aparece.

GODOT - Nem no fim? Numa apoteose?

VLADIMIR - Nem no fim.

GODOT - Que diabo de peça é esta? Onde foi que eu me meti?

VLADIMIR - É uma parábola. Uma alegoria. Metáfora. Metonímia. Translação. Nós esperamos você, e você nunca aparece. Você pode ou não pode ser Deus. Nós podemos ou não podemos representar a condição humana. Nada é muito claro. É o chamado teatro do...

GODOT - Absurdo! Como é que eu posso ser Deus? Não tenho o físico para o papel. Se bem que, com a maquiagem e um pouco de enchimento...

VLADIMIR - Você não entendeu? Você não aparece. Deus não aparece. Deus talvez nem exista. A humanidade está sozinha. Eu estou sozinho.

ESTRAGON - Epa!

VLADIMIR - Eu estou com esse outro vagabundo, que é pior do que estar sozinho. Depois entram mais dois personagens, que também ficam esperando até o fim da peça. Mas Deus não vem, não há Deus. O homem não tem salvação. Está condenado ao abandono, a não entender o seu papel e não saber o seu destino. Condenado ao livre arbítrio.

GODOT - O livre arbítrio! Está aí! Eu sabia que alguma coisa tinha me feito entrar neste palco. Não foi uma deixa, foi o livre arbítrio. Decidi entrar, contra a vontade do autor, e entrei. Se Deus não existe, nada está escrito!

VLADIMIR - Ou talvez...

GODOT - O quê?

VLADIMIR - Talvez você seja Deus. Muito bem disfarçado, mas Deus. Você chegou. Nossa espera terminou.

ESTRAGON - Muito bem. Só que a espera durou só dois minutos. O que nós vamos fazer pelo resto do tempo?

GODOT - A gente pode improvisar.

VLADIMIR - Exato. Livre-arbítrio.

8. THE WHOLE TRUTH

(FISH, Charlie, 1999, www.fictionontheweb.co.uk)

"I believe in brotherhood, peace and love!" shrieked Josef, his long black sideburn curls bouncing as he ran from an Arabian knife-wielding maniac as fast as his black robe would allow. One hand held up his robe and the other held his oversized black top hat to his head. "I believe in not being chased by crazies of any race or creed... aaagh!"

Josef yelped as the Arab leapt dangerously down a flight of stone steps and landed squarely on him. The Arab recovered quickly and made sure that Josef was pinned. Josef struggled weakly, but he was helpless with his face squashed against the stone floor. He strained his eyes to look up at his attacker through crushed glasses, and jumped in surprise when he saw the Arab's wild eyes just two inches away from his own. The Arab grinned widely, showing off all three of his long pink-yellow teeth. A string of saliva dangled from that foetid mouth as he moved his face even closer to Josef's. Josef felt cold metal press against his back.

"Are you prepared to die for your beliefs?" The words oozed from the Arab's mouth like sweat.

Josef hastily tried to think of an effective compromise; "I believe in life!" His hand suddenly held a thick volume of the Torah, which he used to give the Arab an awkward uppercut. He managed to wriggle free as the Arab reeled. He dealt the Arab a few more blows with the heavy book for good measure.

"Fastest draw in the Middle East!" yelled Josef over his shoulder as he fled up a narrow alley, deftly returning his book to an inner pocket. He kept running, aware that the Arab would soon follow with a host of angry friends. Josef chastised himself for getting into another religious argument with anyone, let alone a degenerate Arabian vendor with nothing to lose but three teeth, a tattered prayer mat and a wall of souvenir candles. Not that he had anything against Arabs, but he just couldn't stand their misguided blind devotion to every letter in the Koran.

Josef ducked and weaved through the Arabian shoukim, the tall, narrow old stone alleys shading some of the harshness of Jerusalem's early afternoon sun. He bolted through the vaulted recesses of the Cardo, towards the Western Wall where it would be well policed. His intention was to hide behind a particularly burly law enforcement officer, preferably a Jewish one.

Josef didn't understand why people had to fight so much about what they believed in. He hated religion. Faith was a good idea, of course, but religion was too political. Religion caused wars, religion repressed entire races, religion made him have to grow stupid curly sideburns. He wished that somebody's God would descend from the skies and tell the world the whole truth, so there would be no more squabbling about what to believe in.

Josef stopped to kiss a Star of David that had been painted on the ancient stone wall, out of habit rather than any deep-set Semitic respect. Appearing as if out of nowhere, the Arab let out a battle cry from behind him and pushed his forehead hard against the wall. Josef was briefly stunned, though his wide-brimmed hat had saved his skull from any lasting damage. The Arab must have quietly caught up, thought Josef, running faster without the restrictions of this damned robe.

"You dishonoured Allah. Now I will circumcise the rest of you, you Jewish mosquito," breathed the Arab crudely. Josef stamped hard on the Arab's sandalled feet and stumbled away from him. The Arab thrust out his twisted dagger and caught Josef's robe, ripping it. Josef appealed to the onlooking shopkeepers and passers-by for help, but in this part of the Old City they were almost all Arabs, and they turned a

blind eye. The mad Arab grabbed a trailing strip of Josef's robe as he tried to run away.

"Please!" cried Josef. "Child of Allah! Muslim maniac! Let me go; I forgive you! I am not a violent man! I believe in pa-"

The Arab punched Josef in the jaw, knocking him out cold.

Josef awoke to the sensation of being dragged across a bumpy stone alley. He saw stars dancing above his head. In fact, he seemed to be having a little bit of trouble grasping reality. The next thing he knew, it was night and he was standing atop a high wall, overlooking the splendour of Jerusalem's City of David, thinking that he must be dreaming. One of the glittering stars overhead dislodged itself and fell. He watched the shooting star arc towards the earth, surprised at how long it was lasting. In fact, it was getting bigger. His jaw dropped when he saw the meteorite hit the earth some miles in front of him. Silent at first, the land reared up towards him like a tsunami.

"Oh my God!" screeched Josef, shutting his eyes and cowering.

"I'm not God," heard Josef.

"He is not God, child, and neither am I," said another voice.

Josef hesitantly opened one eye, and then the other. He found himself crouched in the middle of a red room. It was difficult to tell how big the room was because it was all exactly the same shade of crimson, with no visible source for the ambient light that filled it. He had a sneaking suspicion that he was naked. Although he could not see anyone, Josef was somehow aware that two other people were in the room with him.

"What happened?" asked Josef, a little distressed.

"Sorry Josef," consoled the first voice, "but... you're dead."

"Did that Arab lunatic kill me?" asked Josef angrily, deciding to play along with the situation until the world started making sense again.

The second voice explained; "It was an accident. You hit your head as he dragged you across -"

"Oh, that makes it OK then?" interrupted Josef indignantly. "Curse that wretched Arab, and his family. Ha! There is no God! I believe in - hang on; who are you guys anyway? And where am I?"

"I am Trochee, he is Dactyl," said the first voice.

"I am known only as Dactyl," said the second, "and this is the Gateway."

"Gateway to where?" asked Josef, apparently talking to thin air.

"To the Afterlife," responded Trochee dramatically.

Josef paused briefly to let this sink in. He decided that he should take these people seriously, just in case they represented something really holy. He instinctively reached for his Torah, which wasn't there. He quietly muttered a quick prayer then asked solemnly; "Am I going to heaven or hell?"

Dactyl inhaled deeply, which struck Josef as an odd thing for a voice without a body to do, and said simply:

"Yes."

"Which one?" asked Josef, feeling a little cheated. "Heaven or hell?"

"Both - for you will be reborn on earth as someone else again, and life is what you make of it," said Trochee rhythmically. "Which would you have called the life you just experienced? Would you have called it hell or heaven?"

Josef thought about this for a while. He noticed that the passage of time felt somehow very definite and measured in this featureless red room. Eventually he replied, under his breath - although, curiously, he seemed not to be breathing; "Damned Arab."

"I hope that you liked our column of fire illusion," drawled Dactyl suddenly.

"The meteorite impact?" asked Josef.

"You religious people love a bit of symbolism, don't you?" Trochee said proudly.

"And you have high expectations for death, so we help you go out with a bang," explained Dactyl.

"Yeah thanks, guys. I really loved it." Josef said wryly. Even though he could not see how far apart the flat red walls were, he felt certain that they were closing in on him. He had a sensation of running out of time. He remembered once wishing that somebody's God would descend from the skies and tell the world the whole truth so there would be no more squabbling about what to believe in. And now he was conversing with two beings that apparently knew the whole truth. He decided to try and get some information out of them. "What's the truth about death then?"

"There is only one soul touring all of the bodies, regardless of space and of time," recited Dactyl hypnotically, as if quoting from a book.

"No-one ever really dies," disclosed Trochee, "they're all reborn until the soul has no more bodies left to occupy."

"The Last Incarnation," said Dactyl dreamily, "will tell us the meaning of life."

"Really?" asked Josef, suddenly feeling very claustrophobic.

"Maybe," conceded Trochee. "Really, we don't know."

"Really, we're waiting for somebody's God to descend from the skies and reveal the whole truth to us all," admitted Dactyl. Now Josef could feel the red walls pressing in on him. They moved relentlessly closer together, crushing him.

And he was born.

9. O QUE ELA MAL SABIA

(VERÍSSIMO, Luís Fernando, 2011, <http://sonhoseumdiario.blogspot.com.br/2011/09/o-que-ela-mal-sabia.html>)

Idéia para uma história de terror: uma mulher vai ao dentista, e, enquanto espera a sua vez, pega uma revista para folhear. É daquelas típicas revistas de sala de espera, na verdade apenas parte de uma revista antiga, sem capas, caindo aos pedaços. A mulher começa, distraidamente, a ler um conto. Começa pela metade, pois o começo do conto está numa das páginas perdidas da revista. E de repente a mulher se dá conta que a história é sobre ela. Até os nomes – dela, do marido, de familiares,

de amigos – são os mesmos. Tudo que está no conto, ou naquele trecho do conto que ela tem nas mãos, aconteceu com ela. A última linha do trecho que lê é: “E naquele dia, saindo para ir ao dentista, ela tomou uma decisão: conquistaria sua liberdade. Mal sabia ela que (Continua na página 93)”. A mulher procura freneticamente, a página 93. A página 93 não existe mais. O pedaço de revista que ela tem nas mãos termina na página 92. Ela é chamada para o consultório do dentista. Na saída, a boca ainda dormente pela anestesia, pergunta para a recepcionista se pode levar aquela revista para casa. Qual revista? Uma que estava ali... A recepcionista se desculpa. Fez uma limpa nas revistas enquanto ela estava lá dentro. Botou tudo fora. Afinal, eram tão antigas... “Não é possível”, diz a mulher. “Você não sabe nem que revista era?” “Desculpe, mas não sei. Não tinha nem mais capas”. A mulher sai do dentista apavorada. Como a frase na cabeça: “Mal sabia ela que”. Que o quê? Sim, tinha decidido conquistar sua liberdade. Pedir, finalmente,

desquite* ao Joubert. Era a decisão mais importante da sua vida. Mas o que era que ela mal sabia? O que lhe aconteceria?

Voltou para a sala de espera. Suplicou à recepcionista. Precisava da revista. Não podia explicar, mas sua vida dependia daquela revista. “Joguei pela lixeira”, disse a recepcionista. “A senhora não pode...” Mas ela já está na escada, descendo para o porão do prédio. Não podia esperar nem o elevador. A revista. Precisava saber que revista era aquela. Uma Cruzeiro. Sim, parecia uma Cruzeiro da década de 50. A Cruzeiro publicava contos? Não interessava. Procuraria na lixeira do edifício. Descobriria a data da revista, de alguma maneira descobriria o fim daquele conto e o destino que a esperava.

No porão, teve uma briga com um empregado do prédio que é meio débil mental. “Não pode mexer no lixo não senhora”. “Mas eu preciso!” “Não pode.” “Seja bonzinho!” diz a mulher. Como está ofegante, e com a boca anestesiada, o que ela parece ter dito é “Você é um bandido”. “O quê?”, diz o homem, avançando na sua direção. No caminho, ele pega uma barra de ferro.

10. HUMAN REALTY

(FISH, Charlie, 2008, www.fictiononthewe.co.uk)

A graduate with six years' executive experience

A proven ability to work well in a team. Highly proficient at Microsoft Office products, with particularly strong customer service and project management skills. Experience of presentations, training, events organisation and working with senior-level staff.

Six jobs in six years. A proven ability to conflict with the boss. Highly proficient at surfing Wikipedia for hours on end, with particularly strong interest in sexual fetishes and school shootings. Experience of long lunch breaks, stealing office supplies, hung over Mondays and pissing off senior-level staff.

References on request.

After fifteen recruitment agencies, four failed interviews and a discussion with a street beggar who earned more than him, Dan Taylor wasn't standing quite as proud and straight in his flashy ex-rental suit anymore.

The familiar urge to jack it all in rose in his chest. The urge to reject the societal contract, to stick it to the man, to climb atop a plinth and rip his clothes off and cry and laugh and never come back.

One more agency, he told himself, just one more. So he found himself at Pan Twardowski's. He noticed something odd from the outset. The window contained index cards bearing bombastic messages, as all the other agencies did, but these cards were not promoting jobs; they were promoting people. Like capitalist lonely hearts. Male, 26, four years' retail experience, always punctual, seeks corporate opportunity, pref LTR. That kind of thing.

Dan pushed the door open and stepped inside. The main feature at the entrance of the strip-lit room was a ridiculously long counter, presided over by a smirking man with slicked-back black hair.

Dan always suffered from terrible nerves at times like this. He took a deep breath and tried to stand up straight, to project an air of confidence. He walked stiffly up to the oversize counter. As he approached, his heart dissolved into his stomach. The countertop was at eye-level.

"Hello?" he ventured.

"Welcome to Pan Twardowski's," beamed the plastic-looking man leaning over the counter above Dan. "How can we help you today?"

"I'm looking for a job," whimpered Dan.

The man's perfect smile loomed larger. "This isn't human resources, sir, this is human realty."

"Realty?"

"Yes, like an estate agency. Except we deal in spiritual property."

"What do you -"

"Souls, sir. We buy and sell souls. On behalf of our clients."

Dan stared up at the imposing smile, his own mouth hanging slightly open. The Cheshire smile did not flinch.

"I - uh..." stammered Dan, "I just want a job."

The Pan man tilted his head in a gesture of condescension. "You can apply to work here if you like."

Dan battled an instinct to flee. He really needed a job.

He sighed. "Ok. What do I need to do?"

"You just repeat after me. I pledge my allegiance to Pan Twardowski's..."

"I pledge my allegiance to Pan Twardowski's..."

"...Forsaking it for all others..."

"...Forsaking it for all others..."

"...Till death do us part..."

"What?"

The man behind the counter paused encouragingly for a moment, then his permanent smile broke into a mirthless laugh. "Well, some people fall for it, we have to try. Right this way please, sir."

A crack appeared in the towering counter, which resolved itself into a doorway. Dan's eyes darted back and forth, then up to the grinning attendant.

"Straight on through," instructed the man, descending a small flight of stairs so that he was level with Dan. "I'll show you to your desk."

Dan crept through and found himself in a characterless corridor. "My desk?" he asked. "Don't I have to do a proper application or an interview or something?"

"This isn't a job," explained the smirk as they walked through winding passageways, "we're going to harvest your soul."

"How are you going to do that?"

"Oh, the usual way. We'll start with the small things; insisting you dress unimaginatively, making sure you don't really know what you're supposed to be doing, not paying you enough. Then just as you're getting really fed up we'll give you a chance of a big promotion - we'll make you work longer and longer hours for it - but there'll be a company restructure at just the wrong moment that frustrates your meaningless ambitions. And, of course, the whole time we'll surround you with thoroughly unpleasant colleagues that have a nasty habit of getting promoted above you. That kind of thing."

Dan thought about this for a few seconds. "And what do I get in return?" he enquired.

"Total abdication of responsibility for your own life."

"Eh?" asked Dan.

"Finding a niche used to be pretty straightforward," mused the man. "Men did their father's job, women kept the family home. Church every morning and twice on Sundays. You were expected to make do with what you had. But now there's the burden of so much freedom. Mind you, it means that souls aren't worth what they

used to be. Which is why Pan Twardowski's opened, to help keep up with the demand."

"I've changed my mind," said Dan, stopping in the corridor. "I want to keep my soul."

"Oh, it's too late for that," said the toothy grin.

"What do you mean?"

"Well, you've rent to pay, and bills. You want that video game that just came out. You want to eat at that flashy restaurant. You've got to buy a birthday gift for your friend, and you don't want to seem mean. You're tied into a high standard of living, sir. You're addicted. No use fighting it."

"But - there must be alternatives," Dan entreated, his arms open wide, palms up.

"Of course there are. You could go out and look for a job you'll really enjoy. They don't tend to pay half as well, though, and you run the risk of ending up as a junior administrator for a pet insurance company. Why not sell your soul to one of the major corporations and live well for a while? Look, your desk is just around the corner here."

"It's not a fair deal. I won't accept it." Dan crossed his arms and propped himself against the wall.

"How about a trial period?" snaked the salesman. "Technically, EU regulations require that we offer you the option to reclaim your soul after a contracted period."

Dan leant forward. "You mean I would get my soul back?"

"If you chose to, yes."

"With no further commitments?"

"That's right, sir." The smiling man took advantage of the crack in Dan's resolve, and went in for the kill. "So, shall we sign you up for twenty years, sir?"

Dan arms flew up. "Three years! That's all I need."

"Oh no, I'm afraid I can't go any lower than eighteen years."

"I'll do eight, and that's my final offer."

The man sucked his teeth. "We might be able to stretch to seventeen."

"Ten."

"Done."

If it was possible for the man's smile to get any wider, it did. Dan, eyebrows raised, allowed himself to be ushered into a small cubicle office. He sat down, and the door clicked closed behind him.

11. ESTOU NUMA ILHA DESERTA

(VERÍSSIMO, Luís Fernando, 2977, Em algum lugar do paraíso)

Existem várias histórias de garrafas lançadas ao mar com um bilhete dentro. Eu mesmo certa vez coloquei um bilhete dentro de uma garrafa e larguei no mar. Até hoje não sei se o bilhete estava premiado ou não.

Há o caso do naufrago que usou seu último toco de lápis para escrever um pedido de socorro no seu último pedaço de papel e o jogou no mar dentro da sua última garrafa vazia. A garrafa, levada pela correnteza, sumiu no horizonte. Um mês depois voltou com o mesmo bilhete dentro, com várias correções na gramática.

Ficou famoso o caso do navegador português que mandava telegramas dentro de vidrinhos de remédios, para chegar mais rápido. E do outro, brasileiro, que escreveu

um bilhete pedindo socorro, rasgou o bilhete em vários pedacinhos, colocou cada pedacinho dentro de uma garrafa e mandou cada garrafa numa direção para aumentar suas chances de ser salvo. E do outro que usou uma garrafa de vinho para mandar um bilhete e uma meia garrafa para mandar um PS.. E o náufrago prolixo que só mandava garrafão.

A melhor história de garrafas e bilhetes que conheço é de um anúncio, acho que do uísque Chivas Regal. Um cartoon mostra alguém na praia lendo um bilhete retirado de uma garrafa trazida pelas ondas. O bilhete diz:

"Estou numa ilha deserta, só eu e 80 caixas de Chivas Regal que sobraram do naufrágio. Por favor, não mande ajuda."

Você pode imaginar variações para essa história. Garrafas de champahne começam a dar na praia, em sucessão. Cada uma com um bilhete dentro. Os primeiros bilhetes dizem:

"Estou numa ilha deserta com uma palmeira e cinco caixas de champanhe. Acendi uma fogueira para poderem me localizar. Por favor, mandem ajuda."

O 13º bilhete diz:

"Estou numa ilha deserta com duas palmeiras e quatro caixas de champanhe. Acendi uma fogueira para poderem me localizar. Por favor, mandem ajuda."

O 24º bilhete diz:

"Estou numa palmeira deserta com duas ilhas, três caixas de chamapanhe e a Demi Moore. Acendi uma ajuda para poderem me localizar. Por favor, mandem fogueira."

Dias depois:

"Estou numa fogueira com duas Demi Moores, quatro palmeiras e duas caixas de champanhe para poderem me ajudar. Acendi um favor, mandem uma ilha."

Depois:

"Estou numa Memi Doore com dois favores , uma caixa de champanhe, uma ilha, um deserto, 17 palmeiras e um elefante. Avistei um navio no horizonte e apaguei a fogueira."

Finalmente:

"Estou numa ilha com 17 Medi Roomes, 15 elefantes, 10 palmeiras, 8 favores desertos, ajudas acesas e 6 fogueiras. Mandem 5 caixas de champanhe."

Ou então:

"Estou numa ilha com a Sharon Stone e um orangotango que não apenas não deixa eu me aproximar dela como dá sinais de que vai querê-la como sua fêmea, com exclusividade. Por favor, façam uma dessas quatro coisas:

- a) mandem uma arma
- b) mandem uma orangotanga
- c) mandem a Demi Moore
- d) se nada der certo, mandem uma filmadora.

12. HOW TO GET ANYTHING YOU WANT

(FISH, Charlie, 2004, www.fictionontheweb.co.uk)

"Today," she said with that smile of hers trying to bust out of her face, "I am going to teach you how to get anything you want, from anyone, in three easy steps." At that moment most of the men in the room only wanted one thing, and she had just volunteered to tell us how to get it. We were rapt.

"There are a few simple psychological tricks that you can apply in any situation that'll guarantee you a high success rate," she continued with her lilting, playful Cockney accent. She had the manner of an east end city girl, but something about her skin and bearing said she was born on a beach.

"The techniques are easy to use. By the end of this three-day course you'll be irresistibly persuasive. With a bit of practice you'll be selling spoons to Alanis Morissette."

It must work, I thought. After all, she had managed to persuade a roomful of people, myself included, to pay the best part of a grand to come on this course. I could not wait to find out how I had been duped into this.

"But first," she cooed, "let me introduce myself. My name is Joleen Moorcock. I worked for four years as chief training advisor with Kimberlever PLC before leaving to run these courses on my own. My interests include bikram yoga, which is yoga in high heat..." scantily clad in a sauna contorting my body into the most fascinating positions (she only said this in my head) "...and raising money for charity. Next week I'm raising money for breast cancer research by walking a marathon in my bra, so I expect you all to support me."

This woman had the body of Barbie, the libido of Barbarella and the playfulness of Barbara Windsor. The ring on my wedding finger itched.

"Now let's go round the room and everyone else can introduce themselves. Let's start with you. What's your name and what do you do for a living?" As she did the rounds I watched her lustfully, rampantly flexing my Deadly Sin. She had dark eyebrows and heavy eyelids, a small nose and a long, thin neck. Her curly black hair was pulled back, stretching her skin tight over her face. And that smile – her face was built for it. It was a strain for her not to smile.

"Tom Burns," I said when it was my turn, "I'm a soap salesman."

"What are your hobbies?" she asked, her black eyes fixed on me.

Watching television and masturbating. It took me a few seconds to come up with something else. "Cooking. And reading," I said, which was almost true. Cooking Pot Noodles and reading Loaded magazine.

She flashed me a smile. She may have winked. I had to shuffle in my seat to hide my reaction. The rest of the room introduced themselves perfunctorily and I paid no attention to them whatsoever.

"Before I explain the first of the three steps," she beamed when the introductions were done, "I need you all to think of an example. An example of something that you want from someone; something that you've not been able to get, or that you think will be too difficult to get. Over the next three days you'll use this example to bring life to the techniques I'll teach you, and by the end of this course I guarantee you'll be able to get it, whatever it is."

She gave us a coffee break to think it over. I saw her drifting confidently from one conversation to another, making the course participants feel at ease. Laughing and smiling. Cheeky at both ends. She made me want her without even casting me a glance.

If I could get anything I wanted from anyone, what would it be? Despite myself I could only think of one example. I wanted Joleen. It seemed the perfect test of her technique; if she turned me down she would be admitting that her technique did not work. Then I could ask for my money back.

Of course, I never expected to succeed. No method of persuasion can be so magic as to fool the person who teaches it. Anyway, I would not want to succeed; I was happily married. But there could be no harm in trying, could there?

I made my decision. I slipped off my wedding ring and hid it in my pocket.

"Has everyone thought of an example," she queried when the lesson restarted, "of something they really want?"

Bring it on, I thought.

She flicked on a Powerpoint slide. STEP 1. "The first step to persuading someone is getting them into a 'Yes' mindset. We'll start with some basic principles, and then go into some specific psychological tricks."

At this stage I was extremely cynical about the whole process; I expected it to be ineffective and unsubstantial. But as the day went on, I found myself impatient to try out the techniques on Joleen. Leading questions. Probing questions. Positive language. Body language. Using humour. Using silences. Matching the tone and pace of your quarry's voice. Letting your quarry talk about themselves (they will always think you interesting if you encourage them to talk about themselves). I was eager to put what I had learned to the test, so as soon as the course finished for the day, I cornered Joleen and got some real practice in.

Icebreaker question: "How long have you been running this course?" I asked her, casually.

"Oh," she smiled, "not very long really. Did you find it inspiring?"

Honesty: "I was cynical at first, but I'm coming round to it." Open question: "How did you learn the methods yourself?"

"Well, a combination of things. I sort of compiled it from – well, you can't be interested really."

Getting her to talk about herself: "I am interested, please go on..."

"Well, I did a lot of reading about persuasion techniques. A lot of my course is based on Chris de Lafley's series 'Selling Sand to Saharans', and I learned some of it from my work at Kimberlever."

Using humour: "I work for Doctor & Johnson, so I guess we're rivals," I made fists at her to illustrate this. I guess I thought it was funny. Mercifully, she laughed.

"Yes, you said you were a soap salesman, I remember. You're Tom."

"Tom Burns. Hi."

"Nice to meet you," she grinned.

Body language: I imitated her posture, then turned towards her and leant forward. Subconsciously, she turned towards me and leant forward as well, bringing us comfortably closer together.

Getting a 'Yes' mindset: "Are you having supper in the hotel?"

"Yes," she said coquettishly.

"May I join you?"

"Yes."

Victory.

We talked for hours, about her mostly. We were only interrupted briefly when my wife called (I pretended she was my sister) to ask whether I thought it was a good idea to repaint the living room taupe. Apart from that, the conversation flowed even better than the wine. I think Joleen was attracted to me; in my mind, at least. After supper and a glass or three at the bar, she made her excuses.

"I'd love to talk more," she purred, "but I have to prepare for tomorrow. I can't believe how late it is already. You've obviously mastered the rapport building techniques from today's lesson; you had me here for ages longer than I meant to stay."

"That suits me actually, I have to send a couple of work emails. We've got a very important new product release coming up," I boasted, "and I'm coordinating the launch."

"Really?" she said, leaning forward so her cleavage drew my eye. "What's the product?"

"It's a revolutionary new kind of soap, the cutting edge of technology really. You actually put it into your water supply so the water that comes out of your shower or your bath taps already has this stuff dosed into it. It'll be a completely new category of product. I shouldn't be telling you all this, it's still top secret. The company even have a codename for it to fox our competition if they're spying on us."

Her glistening lips framed one of those winning grins. "These big companies get so paranoid about their new product developments, don't they?"

"Yes," I replied unnecessarily.

"And the codenames they give them are so funny sometimes aren't they?"

"Yes," I laughed, knowingly.

"Like, what's the codename for this project?"

"Pigg –" I started, but I cut myself off. I sat back and slit my eyes. "Hey, I see what you're up to. You got me into a 'Yes' mindset and asked me a question I shouldn't have answered."

Joleen was immediately apologetic, in her disarmingly effervescent way. "Sorry, I guess I do it instinctively now. I don't really care about your project; I suppose I'm just interested because I used to work in a similar area. I was just making conversation. Anyway, I'm off now. I'll see you tomorrow."

She said the last part with her hand resting affectionately on my shoulder. I was lost again in the allure of her smile. Still feeling the ghostly aftermath of pressure where her hand had been, I watched her glorious hips swaying as she walked away.

In the morning it was my head that was swaying. I struggled to pay attention to Joleen, who was as pert as ever.

"Getting whatever you want from people is about more than just getting them into a 'Yes' mindset," she explained. "That'll get them on your side; they'll want to help you. They'll want to say yes to you, but if it's something they don't necessarily want to do, you still have to get around that. You have to make it sound like something they do want to do. You have to sell the idea to them. That's what today is about. Selling ideas."

Her words echoed in my head without sticking. I sat up and shook my head violently to clear it, resolving to make sense of what she was saying. She went on.

"Today I'm going to give you an extremely powerful tool called the Persuasion Model, which is basically a structured way of selling your ideas. The structure is compatible with the natural way that the human brain applies logic; it's actually designed to stimulate the neuronal responses involved in decision-making, making it very hard for the other party to disagree with you."

She explained that getting a 'Yes' mindset was just the first step, and the most important, of the Persuasion Model. She went through the other steps, including the magic phrases that tapped into your subconscious to make you want to say 'Yes'.

By the time the evening came I was burning to practice what I had learned. I found Joleen at the bar and bought her a drink. With a pint of bitter and the Persuasion Model as ammunition I felt quietly confident, and she seemed especially pleased to see me, which made me bolder still.

"Are you single?" I asked, recklessly.

"Yes," she grinned. "Why do you ask?"

A coy smile was enough of an answer.

"I'm quite picky about my men," she elaborated.

"What do you look for in a guy?"

As she talked, I revelled in her sex appeal. It took some concentration to prevent my brain from migrating about a metre down my body, but I managed to stay focussed and apply every trick she had taught me to get her into a 'Yes' mindset. And I plied her with alcohol as a backup tactic. Soon I felt ready to go in for the kill.

I barrelled headlong into the Persuasion Model. The Model called for me to use the background knowledge I had gathered to come up with a compelling Hook, which would get Joleen irresistibly interested in my proposition:

"If I could show you a way to have a great night with the perfect guy who could fulfil every desire you've just told me about, would you be interested?"

"Of course!" she cried excitably.

"My idea is that you spend the night with me," I announced. I had worked her up into a 'Yes' frenzy, but as soon as I announced my idea I saw her enthusiasm start to melt away. I rushed straight into the next step of the Persuasion Model, which involved explaining my idea and restating its key benefits.

"We'll spend one night together as a trial, as a chance to find out how compatible we are. There'll be no pressure. Tomorrow we'll act professionally, as if nothing happened, to avoid unnecessary awkwardness, and then we can decide whether to see each other again afterwards. The key benefits are that you'll have satisfied your desire to be more spontaneous, you're guaranteed to have good conversation because you already know we have loads in common, and you'll have an intensely fun night."

The psychological ruses seemed to work unbelievably well. She was in a trance, as if everything but 'Yes' had been systematically removed from her mind. I wrapped it up with the grand finale of the Persuasion Model, the Assumptive Close:

"So, I'll meet you in Room 207 at ten?"

Her gorgeous jaw dropped open. She sat there, apparently stunned, seemingly trying to suppress an urge to nod her head vigorously. "That was masterful," she said at last. "I feel like I should say 'Yes' just to reward your effort. In fact, I can't think of a single reason not to sleep with you right now."

It was my turn for my jaw to drop. I never imagined this would actually work.

"I'll tell you what, Tom," she continued, "just so I don't feel like I've given in too easily I'll ask you a few questions to make sure we really have got loads in common. If I reckon you've answered them honestly, I'm yours for the rest of the night."

I could barely believe what she was saying. I would have thought she was kidding had she not been so damn sincere. I answered her first couple of questions automatically, before my brain had time to decide how to react.

"When's the last time you asked a woman out in a bar?" she asked.

"Never before," I said, my mind still racing.

"How important do you think it is to hold doors open for women?"

"It's only polite," I replied.

"Have you ever been unfaithful?"

"No," I said, rather curtly. Not yet, I thought. I noticed her glancing at my wedding finger, which was bare. Blood rushed to my head as if trying to remind me that I was married, and that continuing to entertain the idea of sleeping with Joleen was simply evil.

Joleen leaned forward and undid the top button of her blouse. "One more question, and then you can do whatever you want with me." She licked her lips. "What's the codename and release date of the Doctor & Johnson project you're working on?"

"That's got nothing to do with how much we have in common," I complained.

"You only have to answer if you want to have sex with me," she growled, and thrust her hand down my pants under the table. My resistance dissolved.

The next day I could not wipe the smile off my face. Guilty feelings did not get a look in. She had been everything I could have hoped for. She had taken me to her hotel room and ravaged me. She started by half-closing her eyes at me like a sultry Siren, and stripping like a porn star. Then she kissed me and teased me, all the time asking me stupid questions about my job, like a game. Every time I answered her, she rewarded me until I was incoherent with lust. I revelled in her tawny skin, in her forbidden charm.

And now she was lecturing the room as if nothing had happened, although I swear she gave me a conspiratorial glance once or twice. She was talking, in her gentle London twang, about what to do if you get a 'No'.

"However effective the Persuasion Model is," she explained, "it's not infallible. However, if you get a 'No', you can still turn it around. Today I'm going to show you how. First, you must establish the main genuine objection, which is often harder than it sounds..."

Her words washed over me. My mind was occupied with images and entanglements from the previous night. I had no need to learn about handling objections, I was awed by the power of the Persuasion Model. I felt invincible. I was daydreaming about all the people I could persuade to do my bidding; all of the long-held desires I could sate.

Of course above all I wanted to sleep with Joleen again. I wanted to repeat the illicit excitement of having someone new, someone secret, a match for my wildest

fantasies. But she was playing coy with me all day, as she said she would. Even when we broke for lunch she managed to avoid me. I yearned for the day's end so I could speak to her alone.

As soon as Joleen announced the end of the course my heart leapt into my throat, and my brain leapt into my groin. She went round the room reviewing whether everyone was happy with the technique and had used it successfully. An impressive proportion said 'Yes'. She asked us to fill in feedback forms and tell all of our friends about the course, then she wished us goodbye and good luck.

While the mob filed out, I stayed behind on the pretence of checking the voicemail messages on my mobile phone. I did have one message, but it was only my wife. Joleen seemed oblivious of my presence as she packed away her papers and tidied up.

As soon as the last satisfied customer had left the room and the door had clicked shut behind him, Joleen looked up at me.

"Hi Tom," she grinned. Her cartoon smile had taken on a sinister nuance. I shifted uncomfortably in my seat, feeling suddenly vulnerable in this abandoned room dominated by such a predatory female. "I'm glad you stayed behind. You're my special student."

She put her papers down and sidled up to me, grabbing a chair so she could sit close to me, intimidating rather than intimate. I started quietly panicking – why was she being so unfriendly? Why the malice in her voice?

"I want to give you an extra lesson," she snarled with a bittersweet malevolence in her voice. "I have to admit that I didn't tell the whole truth on this course. Getting a 'Yes' mindset, using the Persuasion Model, turning around a 'No'; those things are just shallow conjuring tricks. You can use them to persuade fools and children, but anyone with any sense will see through them."

"The good news is that there really are three easy steps to getting whatever you want, and they're much more powerful than the mumbo-jumbo I taught you over the last three days. These three techniques are thousands of years old and have been proven against every type of person imaginable, from peasant to president."

Her body was still flirting, but her speech was portending doom. I had Trojan butterflies in my stomach. Then my worst fears were realised as she spoke on.

"I'm going to teach you these steps, Tom: deception, bribery and blackmail. In fact, I've already shown you the first two. I deceived you by telling you that I no longer work for Kimberlever, and I bribed you with my body. In return, you told me some extremely valuable Doctor & Johnson company secrets. Now I want you to tell me the rest, so I'm going to demonstrate the third step. I'm going to blackmail you."

My head reeled at this news. My brain was struggling to assimilate the sight of sexy, playful Joleen, and the cold, calculating evil of what she was saying. I felt a creeping sense of my own stupidity at having let myself be manipulated by this woman, who had openly advertised herself as manipulative.

While I struggled to come to terms with the fact that I was suddenly a pawn in a twisted and sophisticated game of industrial espionage, she delivered her ultimatum. "I want you to bring me the formula card for this new product you're about to release, this Project Pigpen. You've probably never seen a formula card – it's an ordinary laminated A4 piece of paper describing the exact chemical makeup and processes for manufacture of a product. It's usually kept in a vault at the factory where the product is made.

"You will meet me in the lobby of this hotel at 5pm exactly one week from now with a copy of the formula card, or I'll inform your manager that you've been divulging company secrets to the competition, and I'll describe our tryst last night to your wife. It might not be easy for you to get the formula card, but you can use the persuasion techniques I've taught you, especially the last three, to succeed. Yes, you may risk losing your job by trying to get the formula card, but if you fail, you're guaranteed to lose your job, your wife, everything. See you next week."

And with that, she gathered her things and left. I sat in my chair, mouth slightly open, until the janitor came in and started stacking chairs. I could not believe how comprehensively I had been screwed by this woman (again, but not in a good way this time).

As I drove back home to my loving, unsuspecting wife, my mind worked through all of the unwelcome possible outcomes of this situation. I imagined industrial tribunals, a messy divorce, financial hardship; I even entertained thoughts of murder and suicide. I was deep in the mire of my self-pity, indignant at the injustice of it all.

When I next saw Joleen I was full of conflicting emotion. I instantly remembered why I found her so attractive, and yet part of me was repulsed by her ever-present overconfident smirk. She was ordering a drink at the bar by the hotel lobby and she had not seen me yet. I tried to suppress my brain as it urged me to take violent revenge against her, and my other brain as it urged me to make vigorous love to her. I cleared my head, and put on a brave, happy face – both feelings so distant from the truth that I must have looked quite pained.

"Hi Joleen!" I chirped, brightly.

"Do you have it?" she asked coldly and cautiously.

"The formula card?" I queried innocently, sitting on a bar stool beside her and imitating her defensive posture.

"Yes," she replied. I opened my arms and turned towards her slightly. Subconsciously, she did the same. Let the games begin, I thought.

"I have it." I took it out of my briefcase and gave it to her in an envelope. She opened it and inspected it, at first suspicious, then quietly pleased. "It was a lot of fun getting it, actually," I continued, "you'd be very proud of me. I used all the tactics you taught. It is what you wanted, isn't it?"

"Yes," said Joleen, and she was about to say more but I kept talking.

"Great, I hope that puts me in the clear. Although I was thinking about it – you have it made, don't you? You must get two salaries. One from running the course, and one from Kimberlever." I left a silence. She made no reply and the silence stretched. It felt uncomfortable, but she herself had taught me that silences were a great way of getting people to talk and say things that they may not otherwise have said.

"That's none of your business," she snapped at last, and I started speaking again before she could go on.

"Well, I guess that makes you a very rich and successful woman," I flattered. "I admire that. And you're beautiful as well. I feel like the luckiest man alive to have slept with you, even if it was only to get me to tell you all that stuff about Doctor & Johnson." I hoped I had not gone too far. I put my hand on her knee and played up my doe-eyed devotion for her, and I seemed to get away with it.

"Don't think that I'll sleep with you again," she warned, pushing my hand away.

I braced myself and dived into the deep end: "If I could show you a way to make even more money without having to seduce nobodies like me, would you be interested?"

I had said it with just enough eagerness and sincerity to catch her off guard.

"Go on..." she coaxed warily.

"My idea is that I continue to provide you with Doctor & Johnson company secrets, in return for a cut of the pay you get from Kimberlever." Now I had her attention. I went on to the next step of the Persuasion Model: explaining my idea and restating its key benefits.

"With my inside knowledge I can provide you with twice as much information as you're getting now, so you can ask for twice as much money. In return all I ask is

forty percent of whatever money or benefits you get for the information. On balance you'll be much richer, and you never have to pay attention to a sap like me again."

She was quiet. I had persuaded her to consider the proposition, already further than I had expected to get, although I was still heart-stoppingly nervous inside. I gave her a few seconds to think it over, then went for an Assumptive Close.

"Here's my business card. Email me a maildrop address and I'll start posting you the information right away."

Her face was almost blank. I could not tell if that was because everything but 'Yes' had been removed from her mind, or if it was because she was in livid disbelief at my flagrant impertinence.

"Not so fast," she half-whispered. "How do I know Kimberlever will give me a pay rise for this? I'll give you twenty percent."

My heart leapt. I was swept with a relief so strong it was almost sickening. I rejoiced inside and relaxed without. Joleen could immediately tell that there was something wrong.

"Tom?" she managed, reproachfully.

"Joleen," I countered, "you're an absolute genius."

She looked horrified.

"Your techniques to get anything you want are amazing. They even worked on you." I pulled my mobile phone out of my pocket. I had recorded her confession. "You'll be pleased to know that I applied your excellent teachings to deceive and bribe you, and now I'm going to blackmail you. You see, that formula card isn't for Project Pigpen, it's for ordinary household soap. I got it from my A-level physics textbook. That was my deceit. Then I bribed you with the possibility of making more money. I guess as someone so motivated by ruthless greed, you just assumed I was motivated by the same thing, otherwise I'm sure I wouldn't have been able to convince you."

"And you recorded our whole conversation, which you're going to use to blackmail me," she spat bitterly.

"That's right!" I was quite excited by then. "If this gets to the Office of Fair Trade, your company will be so heavily penalised that they'll make sure you never work again; and if this leaks to the media you'll be publicly discredited as a business spy whore. That'd make a good headline, don't you think?"

"What do you want?" she demanded.

I took a deep, satisfied breath. I reminded myself not to be too greedy, not to let the power of the victory get to my head. "All I want is to remove you from my life, forever, as if you'd never existed. If I ever see you again, if my wife ever thinks I had an affair, if Kimberlever sabotage Doctor & Johnson's launch, if any of those things happen, I'll send this recording out."

I could see a train of four-letter words that exploded behind her smouldering black eyes, but the one that she voiced was, "Done." With that, she got up and left to take her temper out on something else.

I sighed peacefully and ordered a celebratory drink. Perhaps the power of getting anything you want is too dangerous for human hands; after all, I got what I wanted and it nearly ruined me. For the time being, I thought, I would stick to simply asking for what I wanted. That way I would be protected from getting it.

Caracteres sem espaço: 74288

Laudas: Apx. 55



UnB – Universidade de Brasília
Departamento de Línguas Estrangeiras
Curso de Letras Tradução Inglês

GIOVANA QUADROS ZOCOLI

Projeto Final de Graduação

TRADUZINDO COM HUMOR:

UM ESTUDO DE ESTILOS E TÉCNICAS UTILIZADAS NAS TRADUÇÕES DOS TEXTOS DE
VERÍSSIMO E FISH

VOLUME 2

TEXTO DE CHEGADA

**BRASÍLIA
2012**

TRADUZINDO COM HUMOR:
UM ESTUDO DE ESTILOS E TÉCNICAS UTILIZADAS NAS TRADUÇÕES DOS
TEXTOS DE VERÍSSIMO E FISH

VOLUME 2

TEXTO DE CHEGADA

Tradução dos textos propostos para o projeto TRADUZINDO COM HUMOR: Um estudo de estilos e técnicas utilizadas nas traduções dos textos de Veríssimo e Fish, sob orientação do Prof. Mark David Ridd

BRASÍLIA
2012

SUMÁRIO

1. THE REAL GEORGE CLOONEY.....	03
2. O HOMEM QUE SE CASOU CONSIGO MESMO.....	04
3. SELF-INTERVIEW	08
4. CURRÍCULO ALTERNATIVO.....	11
5. THE MOTEL.....	12
6. JOGANDO COM A MORTE.....	14
7. ENTER GODOT.....	19
8. TODA A VERDADE.....	22
9. LITTLE DID SHE KNOW.....	27
10. O MERCADO HUMANO.....	29
11. I'M ON A DESERT ISLAND.....	35
12. COMO CONSEGUIR TUDO O QUE QUISER.....	37

1. THE REAL GEORGE CLOONEY

(Versão, 2012)

I wouldn't want to cast aspersions on other people but I guess when we are speaking of George Clooney the self-esteem of our kind, men who are not George Clooney, is endangered. All our qualities and physical and intellectual attributes seem to vanish in comparison to George Clooney's. Women don't hide their love for George Clooney. George Clooney himself does nothing to stop being idolized and give us shot. He becomes even more adorable, even more George Clooney. And he comes close to perfection.

He is handsome, charming and rich. He is a good actor. His films are great. He is engaged in the best possible causes. And what about his teeth? We are defenceless against this massacre. We can only defame him.

His teeth are fake. There, where women see those irresistible cheek bones and that determined chin, there is obviously botox. He's got thin legs and a deviated septum. He is single, thus, he is gay. He has a house by one of the Italian lakes, which is already suspicious itself. But also, rumour has it he walks about on those marble floors after taking a bubble bath wearing a long embroidered kebab while being sprayed with floral scents by his Philippine lover, Togo. Meanwhile, his Italian lover, Rocco, prepares a rocket salad completely naked.

George Clooney hits his mother every Thursday. He is extremely dumb. He's just read one book his entire life and he cannot remember whether it was the Little Prince or the Great Gatsby. Whenever he's playing a more pensive character in his films, they hire stuntmen for the contemplative scenes. He was the one who suggested the demolition of the Eiffel Tower since it was more than obvious they would not be able to find petroleum there anyway. Also, he is famous for his stinginess. He took his fins to Venice so he wouldn't have to spend on taxis.

People in Hollywood often comment about George Clooney's bad breath. When he speaks at some public event, the first three rows of the auditorium always go empty.

Actresses who have to work with him are entitled to an additional unsanitary fee, which is doubled if there are kissing scenes. And there's one other thing worth mentioning: his B.O. None of those numerous foam immersions in the bathtub – which, by the way, has swan shaped–, or the floral scents sprayed on him, work: that smell persists. People know when George Clooney and his armpits are coming close meters away, and many people escape after this warning.

Besides, he's also got seborrhoea and he is a Republican.

Spread the word.

2. O HOMEM QUE SE CASOU CONSIGO MESMO

(Tradução, 2012)

- Por que não?

Com estas três palavras, o meu bom amigo, Reverendo Zatarga, mudou o curso da minha vida. Antes de me dizer isso, ele passou duas horas no telefone com o Bispo Fleming discutindo as várias partes da Bíblia e examinando cada mínimo detalhe. Ele me lembrou que o livro de Levítico diz para os cristãos não se casarem com suas irmãs, tias, mães, sogras, filhas, ou mesmo com suas avós (caso estiverem tentados a fazer isso). Porém, em lugar algum deste sagrado livro existe alguma regra contra casar-se consigo mesmo. Então, quando falei ao Reverendo Zatarga que era exatamente aquilo que eu queria fazer, ele acabou cedendo e falando aquelas três fatídicas palavras:

- Por que não?"

Mas é claro que a bíblia também não proíbe ninguém de se casar com suas bisavós, suas mesas, ou seus peixinhos de estimação. Eu não me surpreenderia se o Bispo Fleming acabasse se casando com sua querida poodle francesa por conta disso tudo. Ou talvez se casasse com seu cobertor, afinal, já faz anos que eles dormem

juntos mesmo. Enfim, depois de convencer o bom Reverendo a me deixar casar com o homem dos meus sonhos, eu tive que convencer também minha mãe e meu pai. Verdade seja dita, entre uma religião internacional que está firmemente estabelecida há dois milênios e os meus humildes pais, eu diria que foi bem mais difícil de persuadir eles.

Minha mãe não levou a sério no começo. Bem, poucas pessoas levaram a sério, mas eu precisava que ela entendesse que eu realmente queria fazer aquilo. Ela insistia em fazer perguntas bobas como “Por que se casar? Você não podia só viver consigo mesmo?” ou “O que você vai vestir no casamento?”

E, infelizmente, isso tudo enlouqueceu meu pai. Literalmente. Por vários anos depois do casamento ele passava dias digitando artigos para diversos jornais, livros de recordes e revistas da administração espacial alegando que tinha sido a primeira pessoa a fazer sexo no espaço. Ele parecia estar bem convencido disso, apesar do fato de que o mais perto que ele já chegou do espaço foi quando apertou aquele botão grande no teclado de seu computador. Quando perguntavam com quem ele supostamente havia transado, ele geralmente fazia uma pequena pausa dramática para causar efeito, olhava com cara de doido para a pessoa e gritava estridentemente: “Comigo mesmo!”

Eu esperava que os meus melhores amigos fossem compreender minha causa, mas acho que aquilo tudo pareceu uma piada para eles. Eles geralmente me apoiavam, mas, depois do casamento, passaram um bom tempo zombando de mim. Alguns dos presentes de casamento que recebi deles eram bem ofensivos: revistas pornográficas, luvas de seda, e até um espelho de teto. E fiquei desapontado com eles por não conterem suas risadas quando o Reverendo Zatarga recitou os votos do casamento: “Você se aceita como marido, para viver como um só em matrimônio? Você promete amar e confortar a si mesmo, obedecer e honrar a si, na saúde e na doença, e lhe ser fiel enquanto estiver vivo?” Eu podia jurar que um dos meus amigos molhou as calças de tanto rir.

Tive uma ótima lua-de-mel em Las Vegas, apostando todas as minhas economias sem ter ninguém me incomodando pelo tanto de dinheiro que eu estava gastando. Fiquei em uma suíte na cobertura do hotel Luxor na noite de núpcias...

Eu tive muitas razões para me casar naquela época, além da vantagem dos impostos (apesar de ter sido difícil pra caramba convencer o fiscal de que eu era minha própria esposa). Assim que compreendi o sentido da palavra “matrimônio”, passei a querer uma parceira em quem eu pudesse confiar. Queria ter alguém que estivesse sempre comigo, alguém a quem eu pudesse contar os meus segredos mais íntimos e obscuros sem que rissem de mim. Mas infelizmente, mesmo que não me fosse difícil arranjar namoradas, eu parecia ter um péssimo gosto para mulheres. E então percebi que minha parceira ideal estava mais perto do que se podia imaginar.

Em geral, acho que o casamento foi um grande sucesso em sua maior parte. Eu raramente discutia com meu esposo, na verdade, eu descobri que eu sou muito bom de papo. As poucas vezes em que eu discutia, eu sempre ganhava a briga. E o sexo era, bem...ele era do jeito que eu quisesse. Houve certa intromissão da mídia, é claro, muitos jornalistas baratos tentando lucrar com esta união incomum. Achei alguns de seus artigos divertidos, e outros bastante ofensivos, principalmente aqueles que me pintavam como o homem mais vaidoso e/ou narcisista do mundo. Não acho que eu seja tão egoísta assim, eu só aprecio a minha companhia.

Acho que foi uma coisa hormonal, uma fase da vida ou alguma coisa assim, que me fez desejar ter uma criança de repente. O clichê disso tudo é que eu percebi que era mortal, e, por isso, queria passar meus genes adiante. Então, depois de muitos dias pesando os prós e contras, decidi me separar de meu marido para encontrar uma esposa. Tive uma conversa com o reverendo Zatarga e ele me informou que eu não podia simplesmente pedir o divórcio a qualquer momento. Eu tinha que ter uma justificativa legítima. Curiosamente, o fato de eu querer ter um bebê não estava na lista de bons motivos para se divorciar.

Como o bom reverendo explicou, eu só poderia me divorciar se estivesse separado de meu esposo por pelo menos um ano, o que seria difícil sem uma grande cirurgia,

ou se meu esposo tivesse me tratado cruelmente ou sido preso por pelo menos um ano. Particularmente, eu não estava disposto a me bater ou ficar em uma prisão só para poder me divorciar. Sobrou então uma opção: Adultério. Eu só tinha que transar com alguém que não fosse eu mesmo, só precisava de um sexo normal, hétero, humano, e então eu estaria livre das amarras do casamento.

E foi assim que, relutantemente, eu retirei minha aliança e comecei a procurar uma companheira. Meus amigos foram cruéis com relação a isso, dizendo que eu estava me separando para que parassem de nascer mais pêlos na minha mão. Acho que minha mãe ficou aliviada quando contei a ela que meu relacionamento comigo mesmo estava chegando ao fim. Meu pai apenas fez uma pausa dramática para causar efeito, virou-se me olhando com cara de doido e gritou estridentemente: “Comigo mesmo!” Talvez ele esteja mesmo em outro mundo.

Eu achei que ia demorar muito para que encontrasse alguém que, ao mesmo tempo que estivesse disposto a dormir comigo, também não lesse os jornais e soubesse que eu já era casado, mas logo encontrei uma garota sem sal da Malásia que foi relativamente fácil de seduzir. Para ser sincero, o sexo foi bem decepcionante. Parecia que ela não sabia quase nada sobre como excitar um homem, enquanto eu, naquela altura, já tinha me tornado um perito no assunto. Acho que não deve ter sido bom pra ela também – eu não tinha prática em dar prazer a membros do sexo oposto.

O divórcio ficou fácil depois disso. Parecia que a igreja fazia questão de me separar, como se o meu casamento tivesse sido um grande erro. Me senti muito solitário por vários meses após a separação. Pelo menos o psiquiatra da cidade (especializado em distúrbios de personalidade múltipla) parou de me enviar seus malditos cartões de visita toda semana.

Levei quase uma década para encontrar uma boa esposa que não achasse que estava se casando para fazer um ménage. Passei a maior parte desse tempo apenas esperando que a mídia esquecesse do “homem que se casou consigo mesmo”. Enquanto isso, escrevi uma autobiografia com este mesmo título. No livro, havia um relato detalhado do meu casamento, inclusive os altos e baixos de viver

comigo mesmo, como eu lidei com as críticas de todos sobre meu marido e eu, e alguns detalhes íntimos de minha relação. Acho que foram essas partes que fizeram do livro um verdadeiro sucesso quando ele foi publicado alguns anos depois. As pessoas estavam curiosas para ler sobre as implicações desse casamento tão incomum. Acho que ele fez as pessoas pensarem. Elas liam meu livro e se perguntavam: “Será que eu sou uma pessoa de fácil convívio? Se eu tivesse que viver comigo, será que eu conseguiria?” Todo mundo parou de procurar por seus pares perfeitos por um momento para se perguntar se algum dia eles conseguiriam ser um bom cônjuge para alguém.

Não fiquei sabendo de nenhuma imitação desse auto-casamento, o que provavelmente significa ou que a mídia perdeu o interesse nisso, ou que a igreja está determinada a não deixar que isso não aconteça de novo. Enfim, isso tudo é passado agora. Minha esposa e eu acabamos de nos mudar para uma nova casa, grande o bastante para acomodar nosso filho quando ele nascer. Estou feliz agora. Na verdade, agora eu não consigo mais tirar o sorriso do rosto. Sabe, nossos vizinhos de porta são o Bispo Fleming e sua adorável esposa, a poodle francesa.

3. SELF-INTERVIEW

(Versão, 2012)

Are you a jealous man?

Yes, I was born right here in Bolivia. Being born was the best thing that could have happened to me. I wouldn't be who I am nowadays if I hadn't been born. I think it was a normal delivery. I have asked my mother but she keeps insisting she was not there at the time. I noticed something about me was wrong because my father would bring his friends over to see me in the nursery and he would always point at another baby. It took me ages to start talking. For two years or so, despite my family's insistence, I would only say my name, my patent and my serial number. I am a Libra. My life is conducted by Saturn, Uranus and, strangely enough, by Maestro Isaac Karabtchevsky.

Have you ever been kissed?

I consider myself a leftist. I am sure my kids will one day live under socialism. They will be in Paris, and I will be paying for it. I hadn't really quite understood the words "savage capitalism" until a representative of IMF came to Brasilia and asked someone to carry his luggage and the Minister of Economy said "Yes, Mr. Bwana.". I don't know if IMF will really interfere in Brazil, but when his delegation was in Rio, people say they saw one of its members pointing at the Sugar Loaf and asking: "Wouldn't Christ the Redeemer look better there?" I don't understand why an entire nation should serve the interests of international bankers. They are not any better than the national ones. But please don't take me for a radical leftist. I am no Paris Hilton.

Do you prefer blondes or brunettes?

Well, what I think of death is the same thing I think of multinationals. It is there, it exists, and you can't avoid it. It might even be a good thing as it creates jobs and all - but I'm against it. As for eternal life, my only concern is not whether it exists, it is getting there and finding that the best seats are taken by who got there first. Etruscans must have all the penthouses. The Phoenicians have the lakeside land and we end up in a room under a flamenco dance school... forever. Anyhow, I'm a material agnostic: I don't believe in anything I can't grab, touch, smell or bite. I don't believe in Scarlett Johansson, for instance.

Do you like Frank Sinatra?

No, I don't think we have the right atmosphere for a coup nowadays. Especially in Rio, with this ozone hole getting bigger. This gives all strategic advantages to aliens, as you may know.

Are you skeptical or do you believe in love?

I had an average childhood: Class B, in the back of the hall. My family was so middle classed they had 3.2 children. My first sexual experience was with a neighbor, but she never found out about it. I stopped studying when I decided school wasn't preparing me for what I wanted to be: a wanderer. Life taught me everything I

learned. Just don't ask me whose life did that. After 16 years as a journalist I learned a few things, such as never to push the Tab button on the typewriter because it messes up the whole text. I have been voting since 1957 (please see the attached document), but please don't blame me for President Janio. It wasn't just me.

Are you a sexist or are you better than this?

Replacing Millôr? Now wait a second. There must be a mistake. I came here for a magazine subscription. Let me go!

4. CURRÍCULO ALTERNATIVO

(Tradução, 2012)

CHARLIE FISH

Endereço e telefone mediante solicitação – charlie@fictionontheweb.co.uk Nascimento: 12/03/80

EXPERIÊNCIA EM RELACIONAMENTOS

Jan 2001 - presente
Selly Oak, Birmingham

Emmy Fish

Parceiro igualitário neste relacionamento gerador de milhares de libras, sendo responsável por ensinar habilidades úteis para a vida, corrupção em geral, e pelas finanças e administração da Emmy. Minhas grandes realizações incluem, até o momento, assumir a liderança em diversas caças ao tesouro românticas, ter me candidatado com sucesso para uma extensão do relacionamento em fevereiro de 2001, e contribuir com terceiros para a melhoria de nossas vidas sexuais. Recentemente promovido em janeiro de 2003 por ter descoberto o ponto G da Emmy, o que me permitiu continuar garantindo que o cliente sempre venha em primeiro lugar. Gosto de utilizar minha iniciativa para avaliar o que a Emmy deseja e tentar novas formas de fornecer a ela o que ela quer dentro de um orçamento limitado. O relacionamento tem previsão para continuar indefinidamente.

Dez 2000 a Jan
2001

**Selly Oak,
Birmingham**

Deborah Kenyon (Debs)

Explorei a falta de um lugar pra dormir após uma festa para iniciar um romance com Debs. Desenvolvi habilidades interpessoais e renovei minha paixão por relações sexuais.

Louise Gosford

Demonstrei grande talento para administrar relacionamentos platônicos. Lidei de

Out 2000 a Dez 2000
Selly Oak, Birmingham

maneira calma e eficiente com Louise mesmo estando em um ambiente de grande pressão pós-término-com-o-ex-namorado. Outras atribuições incluem a concepção de poemas, controle de compras e tratamento de mágoas.

Rose Johnson

Out 1999 a Out 2000
*Quadra de Tênis,
Edgbaston, Birmingham*

Extremamente romântico, tendo, por exemplo, espalhado pétalas de rosa em sua cama e feito uma visita surpresa enquanto ela trabalhava no Eurocamp na França. Desenvolvi a capacidade de me comunicar em relacionamentos dentro do contexto cultural de uma universidade. Observei os regulamentos de saúde e segurança durante todo o período.

Aline Poulain

Out 1996 a Out 1998
Buckland, Surrey

Perdi minha virgindade no dia 18 de maio de 1997. Experimentei minha sexualidade de várias formas, utilizando-me, por exemplo, de fotografias criativas e creme de chocolate. Mantive um relacionamento à distância com fidelidade e entusiasmo. Adquiri conhecimentos básicos de Francês.

ATIVIDADES EXTRA-CURRICULARES E OUTROS INTERESSES

Fidelidade

Infel em apenas duas ocasiões, sendo que a primeira se deu como forma tratamento pós-término de namoro, e que fui totalmente perdoado pela segunda, não tendo o ato se consumido por completo. Isto me ensinou a alcançar um equilíbrio entre flexibilidade e disciplina dentro de um relacionamento.

Fetiches

Apreciador de pés e pernas sexys, tendendo a olhar primeiro para os lábios de uma mulher. Disposto a experimentar algemas e atividades em grupo (de forma não excessiva). Realizador de uma extensa pesquisa sobre pornografia na internet.

Paquera

Amante dedicado e cheio de paixão, tendo aperfeiçoado e dominado tais habilidades ao seu máximo. Obtive nota 8 em Verdade ou Conseqüência e um Prêmio por fazer pessoas tirarem suas roupas. Desenvolvi um talento para juntar pessoas para beber.

Outras informações

Possuo um histórico de saúde completo e sem alterações.

5. THE MOTEL

(Versão, 2012)

Marian broke down and told Lourdes all about it:

“People saw your husband entering a motel.”

Lourdes' jaw dropped and her eyes popped with surprise. She just stood there, like an astonished statue for a minute or so. Then, she asked for details:

"When? Where? With who?"

"Yesterday at the Super Secret Way motel."

"Who was he with? Who?"

"Oh, that I don't know."

"But how was she? Was she tall? Thin? Blonde? Did she limp on one leg?"

"I don't know Elle."

"Just wait until Charlie sees what I'm going to do to him. Just you wait!"

When Charlie arrived home that day, Lourdes told him she was leaving him.

And she told him why.

"What do you mean, Lourdes? You know the woman I was with at that motel. It was you!"

"I know. Damn it, I should never have agreed to go there! Super Secret Way... the whole town found out about it. Thank god they don't know it was me."

"So?"

"So, I gotta leave you. Cant' you see? That is what my friends are expecting from me. I am not that type of woman whose husband cheats on her and she does nothing."

"But I didn't cheat on you. You were the one there with me!"

“But they don’t know this!”

“I can’t believe it, Lourdes! Are you really breaking up our marriage over this?
Over a social convention?”

“Yes, I am!”

Later on, when Lourdes was leaving home with her bags, Charlie stopped her. He seemed gloomy.

“I was just on the phone,” he said. “It was Joe.”

“What did he want?”

“Oh, he kept on babbling until he finally broke down. He told me that, as he was my friend, he just had to tell me.”

“Tell you what?”

“That people saw you leaving the Super Secret Way motel yesterday with a man.”

“The man was you!”

“I know, but they don’t know it was me.”

“Why didn’t you tell him it was you?”

“What for? So my friends think I go to motels⁵ with my own wife?”

“What about it?”

⁵ In Brazil, motels have a sexual connotation and are usually designed for couples who want a place to have sexual encounters.

“I’m sorry Lourdes, but...”

“What?”

“I’m gonna have to shoot you...”

6. JOGANDO COM A MORTE

(Tradução, 2012)

O dia está quente e eu odeio minha mulher.

Estamos jogando palavras cruzadas no tabuleiro. Pra você ver, a coisa está feia mesmo. Tenho 42 anos e nessa tarde escaldante de domingo jogar palavras cruzadas era realmente tudo o que eu queria estar fazendo da vida.

Eu deveria estar fora, me exercitando, gastando dinheiro, conhecendo pessoas. Acho que não falei com mais ninguém além da minha mulher desde quinta de manhã. Falei com o vendedor de leite naquela quinta de manhã.

As minhas peças estão um lixo.

Faço a jogada apropriada, COMEÇA. Com o Ç no quadrinho rosa. Vinte e dois pontos.

Fico olhando a expressão presunçosa da minha mulher enquanto ela rearranja as letras. Tac tac tac. Odeio ela. Se ela não estivesse aqui eu estaria fazendo algo interessante agora. Estaria escalando o Monte Kilimanjaro. Estaria estrelando no mais novo sucesso de Hollywood. Navegando pelo Vendee Globe em um clíper de 18 metros de altura chamado Novos Horizontes – sei lá, estaria fazendo alguma coisa.

Ela escreve MALDITO, com o L no quadrinho de pontos em dobro. 30 pontos. Ela já está ganhando de mim. Talvez devesse matá-la.

Se ao menos eu tivesse um T, poderia escrever MATAR. Seria um sinal. Me daria uma autorização.

Começo a morder minha letra U. É um péssimo hábito, eu sei. As letras estão todas roídas. Escrevo CALOR para ganhar 22 pontos, pra poder continuar mordendo o U.

Enquanto tiro as novas letras do saquinho, fico pensando – as letras vão me dizer o que fazer. Se elas formarem MATE, ou ELIMINA, ou o nome dela, alguma coisa do tipo, vou fazer isso agora mesmo. Vou acabar com ela.

As letras no suporte formam MIFISA. Além do U, que está na minha boca. Droga.

O calor do sol vindo da janela está me queimando. Ouço o barulho dos insetos lá fora. Espero que não sejam abelhas. Meu primo Haroldo engoliu uma abelha quando tinha nove anos. A garganta dele inchou tanto que ele morreu. Tomara que se forem abelhas elas voem pra dentro da garganta da minha mulher.

Ela escreve ESQUENTA usando todas as letras e o E de COMEÇA. 24 pontos mais 50 de bônus. Se não estivesse muito quente para eu me mover eu a estrangularia agora mesmo.

Está esquentando. Tem que chover pra limpar o ar. Assim que pensei nisso, encontrei uma palavra. ÚMIDO, colocado no quadrinho de pontos em dobro, usando o D de MALDITO. O U respinga um pouco de saliva quando o coloco no tabuleiro. Mais 22 pontos. Tomara que as letras dela estejam ruins.

Ela fala que as letras dela estão ruins. Por alguma razão, acabo odiando-a ainda mais.

Ela escreve AR, com o R no quadrinho duplo, e se levanta pra encher a chaleira e ligar o ar condicionado.

É o dia mais quente dos últimos 10 anos e minha mulher está ligando a chaleira. É por isso que eu odeio ela. Escrevo FAISCA com o F no quadrinho duplo, e ela queima o dedo quando pega a chaleira no fogão, o que me deixa bastante satisfeito.

Ela se senta novamente com um suspiro e começa a remexer suas letras de novo. Tac tac. Tac tac. Sinto um ódio terrível crescendo dentro de mim. Um veneno se espalhando lentamente pelos meus membros, e quando ele chegar até os meus dedos vou pular da cadeira, espalhando as letrinhas do jogo pelo chão, e vou começar a bater nela uma, duas, três vezes.

O ódio chega até os meus dedos e passa. Meu coração está batendo. Estou suando. Acho que meu rosto está se contraindo. Dou um suspiro profundo e me sento de novo na cadeira. A chaleira começa a assobiar. Enquanto o barulho aumenta vou ficando com mais calor ainda.

Ela escreve PRONTA, com bônus duplo pela palavra, levando 18 pontos, e se serve um pouco de chá. Não, eu não quero chá.

Roubo uma pecinha em branco do saco de peças quando ela não estava olhando e coloco o meu V lá dentro. Ela me olha desconfiada. Senta com sua xícara de chá manchando a mesa de madeira, enquanto eu escrevo uma palavra com 7 letras: TRAPAÇA, usando o A de pronta. 64 pontos, incluindo os 50 pontos de bônus, o que significa que agora estou vencendo.

Ela pergunta se eu trapaceei.

Deus, como eu a odeio.

Ela escreve IGNORA com a palavra valendo o triplo, levando 21 pontos. Está 155 a 153 pontos para mim.

O vapor que sai do seu copo me faz sentir mais calor. Tento escrever palavras violentas com as letras no meu suporte, mas o máximo que consigo é DORMIR.

Minha mulher sempre está dormindo. Uma vez ela dormiu enquanto os nossos vizinhos do lado discutiam. Eles acabaram quebrando a porta e a TV, e deixando um boneco dos Teletubies estropiado e sem enchimento. E depois ela ficou me enchendo o saco porque eu estava sem paciência por não ter dormido.

Se ao menos eu conseguisse me livrar dela.

Consigo uma chance de usar todas as minhas letras: QUEBRAR, usando o Q de ESQUENTA. 72 pontos. Agora ela vai ver.

Enquanto ponho a última letra, ouço um barulho e o ar condicionado para de funcionar.

Meu coração acelera, mas não pelo choque da explosão. Não consigo acreditar – isso não pode ser uma coincidência. As letras fizeram isso acontecer. Escrevi a palavra QUEBRAR e aconteceu – o ar condicionado quebrou. E antes, eu escrevi a palavra TRAPAÇA quando trapaceei. E FAISCA quando minha mulher se queimou com a chaleira. As palavras estão se tornando realidade. As letras estão escolhendo o futuro. Esse jogo está...AMALDIÇOADO.

Minha mulher escreve SINAL, com o N no quadrinho de bônus triplo: dez pontos.

Tenho que testar isso.

Tenho que fazer uma jogada e ver o que acontece. Algo fora do normal, para provar que as letras estão fazendo isso acontecer. As letras do meu suporte formavam ABNGFW. Isso não me dá me dá muitas opções. Começo a morder o B ansiosamente.

Escrevo MANGA, usando o M de MALDITO. Sento em minha cadeira e fecho os olhos, esperando o choque da fruta ao cair. Esperando que uma manga caísse do céu.

Idiota. Abro os olhos e vejo minha mulher limpando o chá que tinha respingado em sua manga. A manga da blusa dela com aquela mancha marrom e o chá quente pingando perto do tabuleiro. Isso não era prova nenhuma. Ela estava com essa blusa o tempo todo e a manga sempre esteve ali.

Preciso escrever algo que não seja ambíguo. Algo que não possa ser interpretado de forma errada. Algo completo e definitivo. Algo decisivo. Algo letal.

Minha mulher escreve: “CUIDADO”. Usando a peça em branco como i. 18 pontos.

Minhas letras formam TMREUE, mais o B que está em minha boca. Fico impressionado com o poder das letras e frustrado por não poder usá-lo. Talvez eu devesse trapacear de novo, pegar as letras que eu preciso pra escrever CORTAR ou ELIMINA.

Então me ocorreu: a palavra perfeita. Uma palavra poderosa, perigosa e terrível.

Escrevo TREMOR, com o R de QUEBRAR, por 19 pontos.

Fico pensando se a força do tremor será equivalente aos meus pontos. Posso sentir a energia vibrante do potencial em minhas veias. Estou comandando o destino. Manipulando a sorte.

Minha mulher escreve MORTE e faz 34 pontos, bem na hora que o quarto começa a tremer.

Me engasgo com a surpresa e com a prova de que aquilo era verdade – o B que estava mordendo fica preso em minha garganta. Tento tossir. Meu rosto vai ficando vermelho, e depois roxo. A garganta incha. Cuspo o sangue subindo pelo meu pescoço. O terremoto chega ao seu clímax.

Caio no chão. Minha mulher fica lá sentada, me olhando.

7. ENTER GODOT

(Versão, 2012)

A rural lane in an unknown place. The only thing on stage is a tree without leaves. Two vagrants seat under the tree: Vladimir and Estragon.

VLADIMIR: There's nothing to do here.

ESTRAGON: Let's go.

VLADIMIR: Did you forget about it? We are waiting for Godot.

ESTRAGON: Are you sure this is the right place?

VLADIMIR: Well, the tree is here. He...

(Enter Godot)

GODOT: Hello everyone, hello, hello!

(Vladimir and Estragon look at each other seeming terrified)

VLADMIR (to GODOT): What are you doing here?

GODOT: I heard my cue and entered.

ESTRAGON: What cue? You have no cues in this play. In fact, you are not even in this play.

GODOT: How come I am not in the play? I am the main character!

VLADMIR: Who told you that?

GODOT: Go out and see what is on that poster outside. What name is highlighted? Godot.

ESTRAGON: But you don't show up in this play. We spend the whole time waiting for you, but you never come.

GODOT: Not even in the end? In an apotheosis?

VLADMIR: Not even in the end.

GODOT: What sort of play is this? Where the hell did I get myself into?

VLADMIR: It is a parable. An allegory. Metaphor. Metonymy. A translation. We wait for you and you never show up. You may or may not be God. We may or may not represent the human condition. Nothing is really clear. It is the Theatre of the...

GODOT: This is absurd! How can I be God? I don't have the physique for the role. Although with a little make up and a bit of padding...

VLADIMIR: Don't you get it? You don't show up. God doesn't show up. Maybe God does not even exist. Humanity is alone. I am alone.

ESTRAGON: Hey!

VLADMIR: I am with this vagrant, which is worse than being alone. After that, more two characters enter the stage. And they also keep waiting until the end of the play. But God doesn't come. There is no God. Mankind is hopeless. It is doomed to abandonment and to not understanding its role and not knowing its fate. Mankind is doomed to free-will.

GODOT: Free-will! There you go! I knew something had made me enter this stage. It was not a cue. It was free-will. I decided to enter against the author's wishes and got in. If God doesn't exist, nothing is written!

VLADMIR: Or maybe...

GODOT: What?

VLADMIR: Maybe you are God. Very well disguised indeed, but still...God. You have arrived. Our wait is over.

ESTRAGON: Very well. But we only had to wait for two minutes. What are we going to do during the rest of the time?

GODOT: We can improvise.

VLADMIR: Exactly. Free-will.

8. TODA A VERDADE

(Tradução, 2012)

- Eu acredito na fraternidade, na paz e no amor! - gritou Josef com os cachos negros de sua grande costeleta balançando enquanto corria de um maníaco árabe armado com uma faca o mais rápido que sua túnica preta o permitia. Uma mão segurava a túnica, e a outra o enorme chapéu preto em sua cabeça. - Acredito em não ser perseguido por maníacos de qualquer raça ou credo... aaagh.

Josef soltou um grito quando o árabe saltou perigosamente por um lance de degraus de pedra e caiu bem em cima dele. O árabe se recuperou rapidamente e imobilizou Josef. Ele resistiu fracamente, mas estava sem ação com o rosto esmagado contra o chão de pedra. Fez um grande esforço para olhar para seu agressor com seus óculos esmagados, e saltou de surpresa quando viu os olhos selvagens do árabe a apenas dois centímetros de distância. O árabe abriu um largo sorriso, mostrando todos os seus três dentes amarelos. Um fio de saliva balançava em sua boca fétida enquanto ele aproximava ainda mais seu rosto do de Josef. Sentiu a pressão do metal frio em suas costas.

- Está pronto para morrer por suas crenças? - As palavras escorriam de sua boca como suor.

Josef tentou às pressas pensar em como chegar a um acordo, "Eu acredito na vida!". Sua mão de repente agarrou um enorme livro da Torá que ele usou para golpear o árabe de um jeito estranho. Conseguiu se soltar quando o árabe cambaleou para trás. Josef deu mais algumas livradas nele por via das dúvidas.

- O golpeador mais rápido do Oriente Médio! - gritou Josef olhando para trás enquanto fugia para um beco estreito colocando seu livro de volta no bolso. Ele continuou correndo, mesmo sabendo que o árabe logo o encontraria com um bando de amigos irritados. Josef se repreendeu por entrar mais uma vez numa discussão religiosa com alguém, ainda mais se tratando de um vendedor árabe degenerado com nada a perder exceto seus três dentes, um tapete de orações esfarrapado e uma estante cheia de velas. Não que ele tivesse alguma coisa contra árabes, é que ele simplesmente não suportava a devoção equivocadamente cega deles a cada letra do Corão.

Josef se abaixou e foi costurando pelas shoukims árabes, aquelas ruelas longas e estreitas feitas de pedra antiga, se escondendo do escaldante sol da tarde de Jerusalém. Fugiu pelas entradas abobadadas do Cardo indo em direção ao Muro das Lamentações, onde haveria polícia. Ele queria era se esconder atrás de um oficial parrudo, de preferência judeu.

Josef não entendia por que as pessoas tinham que brigar tanto pelo que elas acreditavam. Ele odiava religião. Fé tudo bem, mas religião era muito política. A religião causou guerras, reprimiu raças inteiras e o obrigou a deixar crescer aquelas costeletas encaracoladas ridículas. Ele queria que o Deus de alguém descesse dos céus e dissesse ao mundo toda a verdade, assim não ia haver mais discussões sobre em que acreditar.

Josef parou para beijar uma estrela de Davi que havia sido pintada no muro de pedra antiga, mais por força do hábito, e não como sinal de respeito semita. Surgindo do nada, o árabe soltou um grito de guerra por trás dele e empurrou sua testa contra a parede. Josef ficou tonto por um tempo, embora seu chapéu de abas largas tivesse protegido seu crânio de danos duradouros. O árabe deve ter me alcançado silenciosamente, pensou Josef, afinal, corria mais rápido sem ser incomodado por essa porcaria de túnica.

- Você desonrou Alá e agora vou circuncisar o que sobrou de você, seu judeuzinho," bufou o árabe grosseiramente. Josef deu um pisão no pé do árabe, que estava de sandália, e cambaleou para longe. O árabe estendeu sua adaga torcida e a prendeu

na túnica de Josef, rasgando-a. Josef pediu ajuda aos lojistas e transeuntes curiosos, mas nessa parte da Cidade Velha quase todos eram árabes, e eles fizeram vista grossa. O árabe louco agarrou uma faixa de sua túnica enquanto ele tentava fugir.

- Por favor! -, suplicou Josef. -Filho de Alá! Maníaco mussulmano! Deixe-me ir. Eu te perdôo. Não sou um homem violento! Eu acredito na pa-”

O árabe deu um soco no queixo de Josef, nocauteando-o.

Josef acordou sentindo como se tivesse sido arrastado por uma rua cheia de pedras. Ele viu estrelas dançando sobre sua cabeça. Na verdade, parecia estar tendo um pouco de dificuldade para entender o que estava se passando. De repente era noite e ele estava em cima de um muro alto olhando o esplendor de Jerusalém, a Cidade de Davi, pensando que deveria estar sonhando. Uma das estrelas brilhando acima se mexeu e caiu. Ele observou a estrela cadente fazer um arco em direção a terra, surpreso com o tempo que isso estava durando. Na verdade, a estrela parecia estar ficando maior. Ficou de boca aberta quando viu o meteorito atingir a terra alguns quilômetros a sua frente. Primeiro houve silêncio, a terra subiu até ele como um tsunami.

- Meu Deus! - gritou Josef, fechando os olhos e se encolhendo.

- Eu não sou Deus - Josef ouviu.

- Ele não é Deus, filho, e eu também não - disse uma outra voz.

Josef hesitantemente abriu um olho e depois o outro. Estava agachado no meio de uma sala vermelha. Era difícil dizer o quão grande era a sala porque era tudo exatamente do mesmo tom de vermelho, com nenhuma abertura visível para a luz natural que a iluminava. Ele tinha uma leve suspeita de estar nu. Embora não pudesse ver ninguém, Josef sabia de alguma forma que outras duas pessoas estavam na sala com ele.

- O que aconteceu? - perguntou Josef, um pouco aflito.

- Sinto muito, Josef, - o consolou a primeira voz, - mas você está... morto.

- Aquele árabe lunático me matou? - perguntou Josef com raiva, decidindo ir com a maré até que as coisas voltassem a fazer sentido.

A segunda voz explicou, - Foi um acidente. Você bateu a cabeça quando ele te arrastou pela –

- Ah tá, então tudo bem, né? - Interrompeu Josef indignado. “Maldito seja esse árabe miserável e a família dele. Ráa! Não existe Deus! Eu acredito em – peraí, quem são vocês mesmo? E onde é que eu estou?”

- Meu nome é Trochee, e ele é Dactyl - disse a primeira voz.

- Sou conhecido apenas como Dactyl - disse o segundo - e esse é o Portão.”

- Portão para onde? - perguntou Josef, parecendo estar falando com o nada.

- Para a vida após a morte - respondeu Trochee dramaticamente.

Josef fez uma leve pausa para absorver o que havia ouvido. Decidiu levar aquelas pessoas a sério, para o caso de elas representarem alguma coisa divina. Ele instintivamente tentou pegar sua Torá que não estava lá. Murmurou baixinho uma oração e depois perguntou solenemente:

- Eu vou para o céu ou para o inferno?

Dactyl suspirou fundo, o que a Josef pareceu uma coisa estranha de se fazer, sendo uma voz sem corpo, e disse:

- Sim.

- Para qual dos dois? - perguntou Josef, sentindo como se estivesse sendo um pouco enganado. - Céu ou inferno?

- Para os dois – já que você vai renascer na terra como outra pessoa novamente, e a vida é o que você fizer dela - disse Trochee ritmicamente.

- Como chamaria a vida que acabou de ter? Céu ou inferno?

Josef pensou um pouco sobre aquilo. Percebeu que a passagem do tempo parecia de alguma forma bem definida e mensurada naquela sala vermelha sem nada. Por fim respondeu, tomando fôlego (apesar de, curiosamente, não parecer estar respirando): “Maldito árabe!”

- Espero que tenha gostado do nosso truque da coluna de fogo ilusória.- Balbuciou Dactyl de repente.

- A colisão do meteorito? - perguntou Josef.

- Vocês religiosos adoram um simbolismo, não é? - Disse Trochee com orgulho.

- E vocês têm tantas expectativas sobre a morte, então ajudamos vocês a perecerem com uma explosão - explicou Dactyl.

- Ah, valeu gente. Adorei meesmo. - disse Josef de forma irônica. Mesmo sem poder ver o quão longe as paredes vermelhas estavam, ele teve certeza de que elas estavam se aproximando dele. Lembrou que uma vez desejou que o Deus de alguém descesse dos céus e dissesse a verdade toda sobre o mundo para que não houvesse mais discussões sobre em que acreditar. E agora lá estava ele conversando com dois seres que aparentemente sabiam da verdade toda. Ele decidiu tentar arrancar alguma informação deles. - Qual a verdade sobre a morte então?”

- Existe apenas uma alma que viaja por todos os corpos, independentemente de espaço ou tempo - recitou Dactyl hipnoticamente, como se estivesse lendo isso em um livro.

- Ninguém nunca morre de verdade - revelou Trochee - todos renascem até a última alma não ter mais corpos para ocupar.”

- A última encarnação - disse Dactyl sonhadoramente - vai nos contar o significado da vida.”

- Sério? - perguntou Josef, se sentindo de repente meio claustrofóbico.

- Talvez - reconheceu Trochee - Na verdade, nós não sabemos.”

- É, na verdade estamos esperando que o Deus de alguém desça dos céus e nos revele a verdade toda - admitiu Dactyl. Agora Josef podia sentir as paredes vermelhas o pressionando. Elas ficaram insistentemente mais próximas, esmagando-o.

E então, ele nasceu.

9. LITTLE DID SHE KNOW

(Versão, 2012)

Here's an idea for a horror story: a woman goes to the dentist and takes a magazine to flip through while she is waiting for her turn. It is one of those magazines which are usually lying around in waiting rooms. In fact, it is only part of an old magazine. It does not have its cover and is falling apart. The woman distractedly starts to read a story. She starts from the middle, since the beginning of the story is on one of pages that were missing.

Suddenly, the woman realizes the story is about her. Even the names – hers, her husband's, her relative's, her friend's – are the same. Everything in that story, or at least everything in that part of the story she had in her hands, had happened to her. The last line of that part reads: “And that day, when she was leaving to go to the

dentist, she made a decision: she would conquer her freedom. Little did she know that (Continues on page 93)". The woman frantically looks for page 93. Page 93 no longer exists. The part of the magazine she has ends on page 92. The dentist calls her in.

On her way out, with her mouth still numb from the anaesthesia, she asks the receptionist if she could take that magazine home. What magazine? That one that was over there...The receptionist apologizes. She had been separating old magazines to throw out while she was inside. She threw everything away. After all, they were all so old... "That can't be possible", says the woman. "Don't you at least know what magazine was that? "I'm sorry but I don't know. They didn't have their covers anymore".

The woman leaves the dentist terrified. That sentence kept running through to her mind "Little did she know that". That what? Yes, she had decided to conquer her freedom. She would finally divorce Joubert. It was the most important decision of her life. But little did she know that what? What would happen to her?

She came back to the waiting room. She begged the receptionist. She needed that magazine. She could not explain it, but it was as if her life depended on that magazine. "I threw it away in the trash", said the receptionist. "You can go and..." But she was already going down the staircase to the building's basement.

She couldn't wait for the lift. That magazine. She needed to know what magazine that was. People. Yes, it seemed like a People magazine from the Seventies. Did People magazine publish stories? It didn't matter. She would look for it in the building's trash. She would find out the date of that issue and she would somehow find out the end of that story and the fate that awaited her.

There in the basement she had a discussion with one of the employees of the building, who was a bit retarded. "You cannot go through the trash, lady". "But I have to!" "You can't." "Let me do that!" says the woman. As she was gasping and she had her mouth numb, what she seemed to have said was "You're a douchbag". "Come again?" says the man going towards her. On his way, he picks up an iron bar.

10. O MERCADO HUMANO

(Tradução, 2012)

Pós-graduado com seis anos de experiência em trabalho executivo. Capacidade comprovada de trabalhar em equipe. Altamente competente no uso de programas do Microsoft Office, além de ter um talento especial para o atendimento de clientes e gerenciamento de projetos. Experiência com apresentações, treinamentos, organização de eventos e trabalho com funcionários de nível superior.

Teve seis empregos em seis anos. Capacidade comprovada de entrar em conflito com o chefe. Altamente competente em navegar na Wikipédia durante horas a fio, tendo um interesse especial por fetiches sexuais e tiroteios em escolas. Experiência em tirar longos intervalos para almoço, roubar materiais do escritório, ficar de ressaca na segunda e em irritar funcionários de nível superior.

Referências mediante solicitação.

Após passar por quinze agências de emprego, quatro entrevistas mal-sucedidas e uma discussão com um mendigo que ganhava mais do que ele, Dan Taylor não parecia mais tão orgulhoso e altivo em seu terno chamativo que um dia havia sido alugado.

Aquela conhecida vontade de tirar tudo do peito. Aquela ânsia por rejeitar o contrato social, ser homem de verdade, subir em cima de um pedestal, arrancar as roupas, chorar e rir, e nunca mais voltar.

Mais uma agência - ele disse a si mesmo - só mais uma. Então ele acabou indo para a Pan Twardowski. Notou que havia algo estranho desde o princípio. A janela tinha fichas com mensagens bombásticas, assim como em todas as outras agências, mas aquelas fichas não estavam promovendo empregos, e sim pessoas. Como se fossem solteirões capitalistas. Homem, 26 anos, quatro anos de experiência em

varejo, sempre pontual, procura oportunidade corporativa, preferencialmente de longa duração. Esse tipo de coisa.

Dan abriu a porta e entrou. A característica mais marcante da entrada da sala era um balcão ridiculamente grande onde atrás estava um homem com um sorriso afetado e o cabelo preto puxado para trás.

Dan sempre ficava extremamente nervoso em situações como essa. Tomou fôlego e tentou ficar com a postura ereta, para dar um ar de confiança. Andou firmemente até o balcão desproporcional. Quando se aproximou, seu coração parecia ter ido parar em seu estômago. A parte de cima do balcão ficava no mesmo nível que seus olhos.

- Olá? - se aventurou Dan.

- Bem vindo à Pan Twardowski - riu estranhamente o homem com aparência plástica se inclinando até a parte de cima do balcão, onde estava Dan. - Como posso ajudá-lo hoje?"

- Estou procurando um emprego - lamentou Dan.

O sorriso perfeito do homem se alargou:

- Aqui não é o recursos humanos, senhor, é o mercado humano."

- Mercado?

- Sim, como o mercado imobiliário. Porém lidamos com bens espirituais.

- O que quer di...

- Almas, senhor. Nós vendemos e compramos almas. Em nome de nossos clientes.

Dan ficou encarando aquele sorriso intimidante, sua boca estava ligeiramente aberta. Aquele sorriso de gato do Alice no País das Maravilhas não se desvaneceu.

- Eu...é...- gaguejou Dan - só queria um emprego.

O homem da agência inclinou a cabeça num gesto de condescendência “O senhor pode se inscrever para uma vaga para trabalhar aqui, se quiser.”

Dan lutou contra seu instinto de escapar. Ele realmente precisava de um emprego.

Concordou.

- Tá. O que eu preciso fazer?

- Só repita o que eu disser. Eu assumo meu compromisso com a Pan Twardowski...

- Eu assumo meu compromisso com a Pan Twardowski...

- ...recusando a me comprometer com qualquer outro...

- ... recusando a me comprometer com qualquer outro...

- ...até que a morte nos separe...

- Quê?

O homem atrás do balcão calou-se por um momento e então seu sorriso permanente se tornou uma gargalhada mal-intencionada:

- Bem, algumas pessoas caem nessa, temos que tentar. Venha por aqui, por favor, senhor.

Surgiu uma rachadura no enorme balcão, que no fim das contas era mesmo uma porta. Os olhos de Dan foram de um lado para o outro e então pararam no atendente risonho.

- É aqui dentro - mostrou o homem, descendo um pequeno lance de escadas para ficar no mesmo nível de Dan - Vou levá-lo à sua mesa”.

Dan se esgueirou e acabou saindo em um corredor normal.

- Minha mesa? - perguntou ele. - Eu não tenho que me candidatar, fazer uma entrevista, ou sei lá?

- Isto não é um emprego - explicou o homem enquanto andava por passagens tortuosas - vamos colher sua alma.

- Como vão fazer isso?

- Ah, do jeito de sempre. Vamos começar pelas coisas pequenas: insistindo que se vista com roupas sem graça, nos assegurando de que não saiba exatamente o que deveria fazer, não o pagando o bastante. Então, quando você começar a encher o saco, vamos te dar a chance de receber uma grande promoção – vamos fazer você trabalhar por mais e mais horas para consegui-la – mas haverá uma reestruturação na empresa bem no momento errado que frustrará seus sonhos. E, é claro, durante todo esse tempo vamos cercá-lo de colegas desagradáveis com o péssimo hábito de levar vantagem em cima de você. Esse tipo de coisa.”

Dan pensou naquilo por alguns segundos.

- E o que eu ganho em troca? - questionou ele.

- Total isenção da responsabilidade por sua própria vida.

- ãh? - perguntou Dan.

- Encontrar o seu lugar no mundo costumava ser bem simples antigamente - refletiu o homem. - Os homens faziam o seu papel de pai e as mulheres cuidavam da casa da família. Iam à igreja todas as manhãs e duas vezes aos Domingos. Esperava-se que você se virasse com o que tinha. Mas agora existe o fardo de tanta liberdade. E

lhe digo que isso significa que as almas não têm mais o valor que tinham antes. É por isso que a Pan Twardowski abriu: para dar conta da demanda.”

- Mudei de idéia - disse Dan, parando no meio do corredor. - Quero ficar com a minha alma.

- Ah, mas é muito tarde pra isso - disse com o sorriso cheio de dentes.

- Como assim?

- Bem, você tem o aluguel e contas para pagar. Quer comprar aquele vídeo game que acabou de ser lançado. Você quer comer naquele restaurante pomposo. Tem que comprar um presente para o seu amigo e não quer parecer mau. Você está preso a um padrão alto de vida, meu senhor. Está viciado. Não adianta lutar contra isso.

- Mas...devem existir alternativas - suplicou Dan com os braços abertos e as mãos para cima.

- Claro que existem. Você pode sair e procurar um emprego que realmente goste. Mas, eles não costumam pagar nem metade do que aqui, e você corre o risco de acabar virando um administrador adjunto de uma empresa de seguros para animais de estimação. Por que não vende sua alma para uma das maiores empresas do mundo vive bem por um tempo? Olha, sua mesa é logo ali.

- Não é um bom negócio. Não vou aceitar. - Dan cruzou os braços e se apoiou na parede.

- Que tal um período de teste? - atacou o vendedor. - Tecnicamente, as regras do Conselho exigem que lhe ofereçamos a opção de recuperar a sua alma após o período de contratação.

Dan se esgueirou para frente.

- Quer dizer que eu posso ter minha alma de volta?

- Caso queira, sim.

- Sem mais comprometimentos?

- Isso mesmo, senhor. - O homem sorridente se aproveitou da falha na determinação de Dan e deu o bote final. - Então, podemos inscrevê-lo por vinte anos, senhor?

Dan levou os braços para cima.

-Três anos! É tudo o que eu preciso.

- Poxa, creio que não posso lhe oferecer menos do que 18 anos.

- Fico por oito, e essa é a minha oferta final

O homem mordeu os lábios:

- Talvez possamos conceder dezessete.

- Dez.

- Fechado.

Caso fosse possível o homem dar um sorriso ainda maior, ele o teria feito. Com as sobrancelhas levantadas, Dan deixou-se levar a um pequeno cubículo onde ficava um escritório. Ele se sentou, e ouviu a porta se fechar.

11. I'M ON A DESERT ISLAND

(Versão, 2012)

There are a bunch of stories about bottles that are thrown into the sea with a note inside. I even put a note myself inside a bottle once and threw it into the sea. Till now, I am not sure whether I lost five or fifty pounds.

There is that one case about a castaway sailor who used his last pencil stub to write a plea for help on the last piece of paper he had and threw it into the sea inside the last empty bottle he found. The bottle disappeared on the horizon after being carried away by the waves. One month later, it came back with the same note with several grammar corrections. There is also that famous case about the Portuguese sailor who used to send telegrams inside medicine bottles so they could arrive faster. Also, there is that Brazilian man who wrote a note asking for help, then shred it into several pieces, put every little piece in one bottle and threw all bottles in different directions to increase his chances of being saved. Another man used a bottle of wine to send a note and half a bottle to send a P.S. How about that prolix castaway who would only send barrels?

The best story about bottles and notes I know is that one from a Chivas Regal ad. A cartoon shows a person reading a note taken out of a bottle brought by the waves on a beach. The note reads:

"I'm on a desert island. Just me and 80 boxes of Chivas Regal, which survived the shipwreck. Please, do not send help."

You can imagine variations to this story. Champagne bottles start to pop up on the beach, one after the other. Each one of them has a note inside. The first notes read:

"I'm on a desert island with a palm tree and five boxes of champagne. I have lit a bonfire so people can find me. Please send help."

The 13th note reads:

"I'm on a desert island with two palm trees and four boxes of champagne. I have lit a bonfire so people can find me. Please send help."

The 24th note reads:

"I'm on a desert palm tree with two islands, three boxes champagne and Demi Moore. I have lit a help so people can find me. Please send bonfire."

A few days later:

"I'm on a bonfire with two Demi Moores, four palms trees and two boxes of champagne so people can help me. I have lit one please, send an island."

Then:

"I'm on a Memi Doore with two pleases, one box of champagne, an island, a desert, 17 palm trees and an elephant. I saw a ship on the horizon and quickly put out the fire."

And finally:

"I'm on an island with 17 Medi Roomes, 15 elephants, 10 palm trees, 8 desert pleases, lit helps and 6 bonfires. Please send me 5 boxes of champagne."

Or:

"I'm on an island with Sharon Stone and an orangutan which not only does not let me approach her but also appears to want her as his female on an exclusive basis. Please do one of these four things:

- a) send a gun
- b) send a female orangutan
- c) send Demi Moore
- d) if all else fails, send a camcorder.

12. COMO CONSEGUIR TUDO O QUE QUISER

(Tradução, 2012)

- Hoje - disse ela com aquele sorriso irresistível - vou ensiná-los como conseguir tudo o que quiserem de qualquer pessoa em três passos simples. - Naquele momento, os homens da sala só queriam uma coisa e ela havia acabado de oferecer ajuda para ensiná-los como conseguir. Ficamos extasiados.

- Existem alguns truques psicológicos simples que podemos utilizar em qualquer situação e que garantem grande probabilidade de sucesso - continuou ela com seu melodioso sotaque londrino. Tinha os modos de uma garota da cidade, mas aquele bronzeado e jeitinho denunciavam que ela havia nascido num lugar de praia.

- As técnicas são fáceis de utilizar. No fim desse curso de três dias vocês estarão irresistivelmente persuasivos. Com um pouco de prática vão ser capazes de vender um Carnê do Baú para o Silvio Santos.

Deve funcionar mesmo, pensei. Afinal de contas, ela conseguiu convencer uma sala inteira, inclusive eu, a desembolsar uma boa grana para vir para este curso. Mal podia esperar para descobrir como tinha sido persuadido a fazer isso.

- Mas primeiro.- sussurrou docemente - deixem que eu me apresente. Meu nome é Joleen Moorcock, eu trabalhei por quatro anos como consultora chefe de treinamentos na Kimberleiver PLC e depois saí de lá para dar estes cursos por conta própria. Meus hobbies incluem Birkam Yôga, uma yôga em temperaturas elevadas...
- seminua em uma sauna contorcendo meu corpo nas posições mais fascinantes possíveis (ela só disse isso na minha cabeça) - ...e arrecadar dinheiro para instituições de caridade. Na semana que vem vou arrecadar fundos para a pesquisa do câncer de mama correndo a maratona de soutian, então espero o suporte de todos."

A mulher tinha o corpo da Barbie, a libido da Barbarella e o espírito brincalhão da Barbara Windsor. O dedo onde fica minha aliança começou a coçar.

- Agora vamos dar uma volta pela sala pra todo mundo se apresentar. Vamos começar por você. Qual o seu nome e em que você trabalha? - Enquanto ela passeava pela sala fiquei a cobiçando, atijando loucamente com meu pecado mortal. Tinha sobrancelhas escuras e pálpebras espessas, um nariz pequenininho e um pescoço longo e esguio. Os cabelos escuros encaracolados presos para trás, esticando um pouco seu rosto. E aquele sorriso, seu rosto havia sido feito para ele. Para ela era um esforço não sorrir.

- Tom Burns - disse eu, quando chegou minha vez. - Sou representante de vendas de sabonete”

- Quais são os seus hobbies? - ela perguntou com aqueles olhos escuros me fitando.

Ver TV e me masturbar. Levei alguns segundos pra conseguir pensar em outra coisa:

- Cozinhar e ler - falei, o que era quase verdade. Cozinhar miojo e ler a Playboy.

Ela sorriu para mim. Talvez tenha até piscado um olho. Fiquei olhando para o chão para esconder minha reação. O restante dos funcionários se apresentaram e eu não prestei a menor atenção neles.

- Antes de eu explicar o primeiro dos três passos - esclareceu ela quando as apresentações - preciso que vocês pensem em um exemplo. Um exemplo de algo que vocês queiram de alguém, algo que vocês não conseguem ou que acham que seria muito difícil conseguir. Nos próximos três dias vou usar esse exemplo para praticarmos as técnicas. Vou ensinar a vocês e no fim desse curso garanto que vão conseguir o que quiserem, seja lá o que for.”

Ela deu uma pausa para o café para pensarmos nisso. Fiquei olhando ela entrando e saindo de conversas confiantemente, fazendo os participantes do curso se sentirem à vontade. Gargalhando e sorrindo. Atrevida em todas as suas ações. Ela me fez a desejar sem nem ao menos olhar para mim.

Se eu pudesse conseguir qualquer coisa que eu quisesse de qualquer pessoa, o que seria? Apesar de tentar, só consegui pensar em um exemplo. Queria Joleen. Parecia o exemplo perfeito para testar as técnicas dela. Se ela me rejeitasse estaria admitindo que a tática dela não funciona. Então eu poderia pedir meu dinheiro de volta.

É claro que eu não esperava que desse certo. Nenhum método de persuasão pode ser tão mágico a ponto de enganar a pessoa que o ensinou. De qualquer forma, eu não queria que funcionasse. Tinha um bom casamento. Mas não custava nada tentar, né?

Tomei uma decisão. Tirei minha aliança de casamento e a escondi em meu bolso.

- Todo mundo pensou em um exemplo? - perguntou ela quando a aula recomeçou - um exemplo de algo que queiram muito?

Manda ver, pensei.

Ela colocou um slide do Powerpoint. Passo 1.

- O primeiro passo para persuadir alguém é fazê-lo pensar em respostas positivas. Vamos começar pelos princípios básicos, e depois aprenderemos alguns truques psicológicos específicos.

Nessa hora eu estava totalmente descrente desse processo todo. Achava que era ineficaz e sem fundamento. Mas conforme o dia foi passando, mal podia esperar para treinar minhas técnicas em Joleen. Conduzir perguntas. Sondar respostas. Linguagem positiva. Linguagem corporal. Usar o bom-humor. Aproveitar os momentos de silêncio. Se adequar ao tom e o ritmo de voz da pessoa em questão. Deixar a pessoa falar sobre si mesma (sempre vão achar que você é interessante se você incentivar as pessoas a falarem de si mesmas). Estava ansioso para botar em prática o que havia aprendido, então, assim que a aula terminou, encurrelei Joleen e comecei a praticar de verdade.

Pergunta para quebrar o gelo:

- Há quanto tempo dá esse curso? - perguntei informalmente.

- Ah - ela sorriu - Na verdade, faz pouco tempo. Você gostou?

Honestidade:

- Eu estava meio descrente no início, mas agora estou gostando.

Pergunta em aberto:

- Como você aprendeu os métodos?

- Bem, de vários lugares. Eu meio que juntei eles do....ah, você não vai querer ouvir isso.

Fazer com que ela fale de si mesma:

- Quero sim, continua...

- Bom, eu li muito sobre técnicas de persuasão. Grande parte do meu curso é baseado na série de livros do Chris de Lafley "Vendendo areia no deserto". Além disso, também aprendi parte das coisas quando trabalhava na Kimberlever,"

Usar o bom-humor:

- Eu trabalho na Doctor & Johnson, acho que somos rivais, heim? - fechei os punhos como se fôssemos lutar. Achei que pudesse ser engraçado. Felizmente, ela riu.

- Ah é, você disse que era representante de venda de sabonetes. Lembro de você. Você é o Tom."

- Tom Burns, muito prazer

- O prazer é meu! - disse ela com um risinho.

Linguagem corporal: Imittei a postura dela, depois me virei em direção a ela e me inclinei. Subconscientemente ela se virou para mim e se inclinou também, o que nos deixou confortavelmente mais próximos.

Fazê-la pensar em respostas positivas:

- Você vai jantar no hotel?

- Sim. - disse ela provocante.

- Posso ir com você?

- Sim.

Vitória.

Conversamos horas a fio, principalmente sobre ela. Só fomos interrompidos quando minha mulher me ligou (fingi que era minha irmã) pra perguntar se eu achava uma boa idéia pintar a sala de cinza claro. Fora isso, a conversa esta fluindo mais do que o vinho. Acho que Joleen estava atraída por mim, pelo menos na minha cabeça. Depois da janta e mais uns três drinks no bar, ela começou a inventar desculpas.

- Eu adoraria ficar mais – sussurrou - mas tenho que preparar as coisas pra amanhã. Nem acredito que já é tão tarde. Você claramente já está dominando as técnicas de relacionamento que ensinei hoje, me fez ficar aqui um tempão a mais do que eu devia.”

- Melhor assim, eu tenho que mandar uns emails de trabalho mesmo. Está saindo um produto novo muito importante, - me gabei - e eu estou coordenando o lançamento.

- Sério? - disse ela se inclinando, chamando minha atenção para o seu decote. - Qual é o produto?

- É um novo tipo revolucionário de sabonete. Tecnologia de ponta. Você coloca ele na reserva de água ou na água que sai do chuveiro e ela já sai com a dose certa de sabonete. Vai ser uma nova categoria de produto. Nem devia estar falando isso pra você, é confidencial. A empresa tem até um codinome pra despertar os concorrentes caso eles estejam espionando.”

Seus lábios reluzentes emolduravam aquele sorriso lindo.

- Essas empresas grandes ficam tão paranóicas com o lançamento de produtos novos, né?

- É. - respondi mesmo sem precisar.

- E os codinomes que eles usam às vezes são tão engraçados, né?

- É. - ri sem nenhuma razão.

- Tipo, qual é o codinome do seu projeto?

- Cabe... - comecei a falar, mas parei no meio. Me reencostei na cadeira e cerrei os olhos. - Hum... sei o que você está tramando. Fez eu pensar em respostas positivas e me fez uma pergunta que eu não deveria responder.

Joleen começou a se desculpar na hora, daquele jeito desconcertantemente efusivo.

- Desculpa, acho que faço isso por instinto agora. Nem ligo para o seu projeto, acho que só estou interessada porque costumava trabalhar na mesma área. Só estava puxando papo. De qualquer forma, vou embora agora. Até amanhã.”

Ela disse essa última parte com a mão afetuosamente tocando meu ombro. Fiquei perdido com o encanto do seu sorriso de novo. Ainda sentindo o toque de sua mão, fiquei olhando seu lindo quadril balançando enquanto ia embora.

De manhã, minha cabeça que parecia balançar. Me esforçava pra prestar atenção em Joleen, que estava mais atrevida do que nunca.

- Conseguir tudo o que quiser das pessoas implica em muito mais do que só fazê-las pensar em respostas positivas. - explicou ela. - Isso vai fazê-las gostar de vocês, vão querer ajudá-lo. Vão querer dizer sim pra vocês, mas caso elas não queiram fazer isso, vocês têm que contornar a situação. Têm que fazer parecer que é algo que elas querem sim fazer. Têm que vender a idéia a elas. A aula de hoje é sobre isso. Vender idéias.”

As palavras dela ecoaram em minha cabeça e saíram. Me ajeitei na cadeira e balancei minha cabeça com força para tirar os pensamentos dali, decidindo acreditar no que ela estava falando. Ela continuou.

- Hoje vou apresentá-los a uma ferramenta extremamente poderosa chamada de “Modelo de Persuasão”, que é basicamente uma forma estruturada de vender suas idéias. A estrutura é compatível com a forma natural que a mente humana utiliza a lógica. Ela foi feita para simular as respostas neurais presentes na tomada de decisões, portanto fica muito difícil a outra pessoa discordar de você.

Ela explicou que fazer as pessoas pensarem em respostas positivas é o primeiro, e mais importante passo, do Modelo de Persuasão. Ela continuou a falar dos passos, e até falou frases mágicas que mexem no subconsciente e fazem você querer dizer “sim”.

Quando entardeceu eu estava louco para botar em prática o que tinha aprendido. Encontrei Joleen no bar e a paguei um drink. Me senti confiante depois de tomar uma cerveja e tendo o Modelo de Persuasão como aliado. E ela parecia ter gostado de me ver ali, o que me deixou mais ousado ainda.

- Você é solteira? - perguntei, sem pensar.

- Sou - sorriu ela. - Por que a pergunta?

Um sorriso tímido serviu como resposta.

- Eu sou muito exigente com os homens - ela falou.

- O que você procura em um homem?

Enquanto ela falava, ficava fascinado com seu sex appeal. Tive que ficar concentrado para evitar que minha força fosse pra outro membro do meu corpo, mas consegui me manter focado e usar todos os truques que ela ensinou para fazê-la pensar em respostas positivas. Além disso, a comprei com o álcool, como tática de apoio. Logo senti que estava pronto para dar o bote.

Entrei de cabeça no Modelo de Persuasão. O Modelo dizia pra eu usar os conhecimentos que tinha adquirido para pensar em um tipo de gancho que faria com que Joleen ficasse irresistivelmente interessada em minha proposta.

- Você se interessaria se eu pudesse te mostrar um jeito de ter uma ótima noite com o cara perfeito que satisfaria todos os desejos que acabou de me dizer?

- Claro! - falou entusiasmada.

- A idéia é você passar a noite comigo. - contei. Tinha feito ela pensar em respostas positivas, mas assim que falei minha idéia vi que seu entusiasmo começou a desaparecer. Fui logo pro próximo passo do Modelo de Persuasão, que implicava em explicar minha idéia e ressaltar seus benefícios positivos.

- Passamos uma noite juntos de teste, pra vermos o quanto combinamos. Não vai ter pressão alguma. Amanhã vamos agir de maneira profissional, como se nada tivesse acontecido, pra evitar que o clima fique estranho. E então, podemos decidir se vamos nos ver ou não de novo. A principal vantagem disso é que você vai ter saciado seu desejo de ser mais espontânea e vai ter a certeza de uma boa conversa, porque já sabe que temos muito em comum. E além disso, vai ter uma noite muito divertida.

As artimanhas psicológicas pareciam estar funcionando muito bem. Ela estava em transe, como se houvessem “sims” em sua cabeça. Terminei com o gran finale do Modelo de Persuasão, acabar a conversa presumindo um sim.

- Então...te encontro no quarto 207 às dez?

Ela ficou boquiaberta. Ficou ali sentada, aparentemente pasma, parecendo tentar suprimir seu desejo de fazer que sim com a cabeça.

- Essa foi uma jogada de mestre - acabou dizendo. - Acho que devia dizer sim só pra recompensar o esforço. Aliás, não consigo pensar em nenhuma pra não ir pra cama com você agora mesmo.

Quem ficou boquiaberto agora fui eu. Nunca pensei que isso pudesse realmente funcionar.

- Vamos fazer o seguinte Tom - continuou ela - só pra eu não ficar me sentindo como se tivesse cedido muito fácil, vou fazer umas perguntas pra ter certeza que realmente temos bastante em comum. Se eu achar que você respondeu sinceramente, vou ser sua pelo resto da noite.”

Mal podia acreditar no que ela estava dizendo. Eu podia pensar que ela estava brincando se ela não tivesse sido tão sincera. Respondi as primeiras perguntas automaticamente, antes que meu cérebro decidisse reagir.

- Quando foi a última vez que cantou uma mulher num bar?

- Nunca tinha feito isso antes - disse com minha cabeça ainda em frenesi.

- Você acha muito importante abrir portas para as mulheres passarem?

- É só educado - respondi.

- Você já foi infiel?

- Não - disse meio rápido. Ainda não, pensei. Reparei que ela estava olhando para o meu anelar, que estava sem aliança. O sangue correu para minha cabeça como se estivesse tentando me lembrar que eu era casado e que continuar namorando a idéia de dormir com a Joleen era pura maldade.

Ela se inclinou e desabotoou o primeiro botão de sua blusa.

- Só mais uma pergunta e você pode fazer o que quiser comigo. - Passou a língua nos lábios. - Qual é o codinome e a data de lançamento do projeto da Doctor & Johnson que você está trabalhando?"

- Mas isso não tem nada a ver com o que a gente tem em comum - reclamei.

- Você só precisa responder se quiser ir pra cama comigo - ela gemeu e colocou a mão dentro da minha calça por debaixo da mesa. Minha resistência acabou.

No dia seguinte eu não conseguia tirar o sorriso do rosto. Não senti nenhuma culpa. Ela foi tudo o que eu esperava. Me levou para seu quarto do hotel e me devorou. Ela começou cerrando os olhos como uma sereia sensual e se despindo como uma estrela de filme pornô. Depois me beijou e me provocou, sempre perguntando coisas idiotas sobre meu trabalho como um joguinho. Toda vez que eu respondia ela me recompensava até eu ficar louco de desejo. Fiquei fascinado com sua pele bronzeada, com seu charme proibido.

E agora ela estava dando a aula para a sala como se nada tivesse acontecido. Mas posso jurar que ela me deu uma olhadinha de cumplicidade uma ou duas vezes. Ela estava falando, com seu suave sotaque londrino, sobre o que fazer se você levar um "não".

- Mesmo que o Modelo de Persuasão seja muito eficaz - explicou ela - ele não é infalível. No entanto, se você levar um não você ainda pode virar o jogo. Hoje eu vou ensiná-los como fazer isso. Primeiro, vocês têm que estabelecer qual é a principal objeção de verdade, o que as vezes é mais difícil do que parece..."

As palavras dela não surtiram efeito em mim. Minha cabeça estava muito ocupada com imagens e emaranhados da noite anterior. Não precisava aprender sobre lidar com objeções. Estava impressionado com o Modelo de Persuasão. Me senti invencível. Estava divagando pensando em todas as pessoas que poderia persuadir a obedecer as minhas ordens, em todo os desejos de longa data que poderia saciar. Claro que acima de tudo o que eu queria mesmo era dormir com a Joleen de novo. Queria repetir aquela emoção ilícita de ter alguém novo, alguém secreto, à altura das minhas fantasias mais loucas. Mas ela se fez de tímida o dia todo, como disse que faria. Quando saímos para o almoço ela conseguiu me evitar. Estava ansioso para o dia acabar para eu poder falar com ela sozinho.

Assim que Joleen anunciou o fim do curso meu coração foi parar em minha garganta e meu cérebro perto da virilha. Ela passou por toda a sala vendo se todos estavam felizes com as técnicas e se estavam usando elas bem. Uma grande parte disse “sim”. Ela pediu pra gente preencher uns formulários para avaliar o curso e pra falarmos da aula para nossos amigos, e então deu tchau para todos e nos desejou boa sorte.

Enquanto o pessoal saía, fiquei pra trás com a desculpa de estar checando minhas mensagens de voz no celular. Eu realmente tinha uma mensagem, mas era só a minha mulher. Joleen parecia indiferente à minha presença enquanto guardava seus papéis e se arrumava.

Assim que o último cliente satisfeito se foi, a sala ficou vazia e a porta se fechou, Joleen olhou para mim.

- Oi Tom - disse ela com um risinho. Seu sorriso caricato estava com um ar sinistro. Me mexi desconfortavelmente em minha cadeira, me sentindo de repente vulnerável nessa sala vazia dominado por uma mulher tão predatória. - Que bom que você ficou. Você é meu melhor aluno.

Ela largou os papéis e chegou do meu lado, pegando uma cadeira para sentar-se perto de mim, mais me intimidando do que por intimidade. Comecei a entrar em

pânico por dentro – por que ela estava sendo tão hostil? Por que a malícia na voz dela?

- Quero te dar mais uma aula - ela falou com uma certa maldade em sua voz. - Tenho que admitir que não falei toda a verdade sobre esse curso. Conseguir que a pessoa pense em respostas positivas, usar o Modelo de Persuasão, virar o jogo quando receber um “não”, essas coisas são truquezinhos superficiais. Você pode usar eles pra persuadir idiotas e crianças, mas ninguém inteligente vai cair nessa.

- O lado bom é que realmente existem três passos simples para conseguir tudo o que você quiser e eles são bem mais poderosos do que a lengalenga que eu ensinei pra vocês nesses dias. Essas três técnicas têm milhares de anos e já foram testadas com os mais diversos tipos de pessoas imagináveis, de plebeus a presidentes.

O corpo dela ainda me seduzia, mas suas palavras levavam para um lado escuro. Fiquei com o coração na boca. Logo, o que eu mais temia aconteceu quando ela recomeçou a falar.

- Vou te ensinar esses três passos, Tom: engano, suborno e chantagem. Pra falar a verdade, já te mostrei os dois primeiros. Primeiro te enganei falando que não trabalhava mais pra Kimberlever e depois te subornei com o meu corpo. Em troca, você me contou alguns segredos preciosos da empresa Doctor & Johnson. Agora quero que me conte o resto, então vou te mostrar o terceiro passo. Vou te chatagear.

Fiquei desorientado com o que ouvi. Minha cabeça estava tentando assimilar a imagem da Joleen sexy e brincalhona com as coisas frias e calculistas que ela estava falando. Fui aos poucos percebendo minha idiotice por ter me deixado ser manipulado por essa mulher, que tinha avisado abertamente que era manipuladora.

Enquanto eu lutava para aceitar que de repente havia me tornado um peão num joguinho maluco e requintado da espionagem industrial, ela deu sua última ordem. - Quero que me traga o cartão de fórmula desse novo produto que está prestes a lançar, esse tal Projeto Cabeça de Porco. Você provavelmente nunca viu um cartão de fórmula – é um papel A4 normal laminado que contém a descrição exata da

composição química e dos processos de fabricação de um produto. Geralmente é guardado num cofre dentro da fábrica que faz o produto.

- Vai me encontrar no saguão do hotel às 17 daqui a exatamente uma semana com uma cópia do cartão de fórmula, ou vou falar para o seu chefe que anda contando os segredos da empresa para a concorrência, e descrever nosso pequeno encontro ontem à noite para sua esposa. Talvez seja difícil conseguir a fórmula, mas você pode usar as técnicas de persuasão que eu te ensinei, principalmente essas últimas três. É claro que corre o risco de ser demitido por tentar pegar a fórmula, mas se você falhar pode ter certeza que vai perder seu emprego, sua esposa e tudo mais. Até semana que vem.

Depois disso, ela juntou suas coisas e foi embora. Fiquei sentado na cadeira com o queixo ligeiramente caído até o zelador entrar e começar a juntar as cadeiras. Não podia acreditar no quanto essa mulher tinha me usado (mas não de um jeito bom dessa vez).

Enquanto voltava de carro para casa, onde estava minha doce esposa que não desconfiava de nada, não conseguia parar de pensar em tudo o que poderia acontecer. Fiquei imaginando julgamentos, um divórcio conturbado, a falta de dinheiro. Considerei até assassinato e suicídio. Estava com muita pena de mim mesmo, e também indignado com toda essa injustiça.

Quando vi Joleen de novo senti uma confusão de coisas. Logo me lembrei porque tinha me sentido atraído por ela, mas ao mesmo tempo parte de mim sentia repulsa por aquele sorrisinho permanente dela. Ela estava pedindo um drink no bar do saguão do hotel e não tinha me visto ainda. Tentei conter minha parte de cima, que queria que eu me vingasse de forma violenta dela, e a parte de baixo, que queria possuí-la loucamente. Tirei aqueles pensamentos da cabeça e me concentrei para parecer corajoso e feliz – o que era tão longe da realidade que devo ter feito cara de dor.

- Oi Joleen! - afirmei com astúcia.

- Você trouxe? - perguntou ela fria e cautelosamente.

- A fórmula? - perguntei inocentemente enquanto me sentava em um dos banquinhos do bar ao lado dela imitando sua postura defensiva.

- Sim. - respondeu ela. Abri meus braços e me virei um pouco para ela. Subconscientemente ela fez o mesmo. E o jogo começou, pensei.

- Trouxe. - Tirei a fórmula da minha pasta e a entreguei dentro de um envelope. Ela abriu e a inspecionou, primeiro com um pouco de suspeita, depois ficou satisfeita. - Foi bem divertido conseguir a fórmula na verdade. – continuei- você ficaria muito orgulhosa de mim. Usei todas as táticas que me ensinou. Era o que queria, não era?

- Sim. - disse Joleen. Ela ia falar mais, mas eu ficava interrompendo.

- Ótimo, espero que isso nos deixe quites. Mas eu tava pensando aqui – você é boa né? Deve ganhar dois salários. Um por dar o curso e outro da Kimberlever. - Fiz uma pausa silenciosa. Ela não respondeu e o silêncio continuou. Me senti desconfortável mas ela mesma havia me ensinado que o silêncio era ótimo para fazer as pessoas falarem coisas que normalmente não contariam.

- Isso não é da sua conta. - ela acabou soltando. Comecei a falar de novo antes que ela pudesse continuar.

- Bem, acho que você é uma mulher muito rica e bem sucedida, - elogiei. - Eu admito isso. Você é linda também. Me sinto o homem mais feliz da terra por ter dormido com você, mesmo que tenha feito isso só pra eu te contar aquelas coisas sobre a Doctor & Johnson. - Fiquei torcendo pra não ter ido longe demais. Coloquei a mão no joelho dela e fingi estar doidinho por ela. Acho que funcionou.

- Não pense que eu vou dormir com você de novo. - alertou ela, tirando minha mão de seu joelho.

Me preparei e decidi ir longe:

- Você ficaria interessada se eu pudesse te mostrar uma forma de conseguir ainda mais dinheiro sem ter que seduzir nenhum zé-ninguém como eu?

Falei aquilo com a dose perfeita de entusiasmo e sinceridade para pegá-la desprevenida.

- Diga mais... - disse desconfiada com seu jeito manipulador.

- A minha idéia é eu continuar a te contar os segredos da Doctor & Johnson em troca de uma parte do que a Kimberlever te paga. - Agora tinha chamado a atenção dela. Fui para o próximo passo do Modelo de Persuasão: explicar minha idéia ressaltando as principais vantagens dela.

- Com meu conhecimento interno posso te passar o dobro de informações do que você consegue agora, então você pode pedir que te paguem o dobro. Em troca disso, tudo o que eu peço é quarenta por cento do dinheiro ou dos benefícios que receber pelas informações. No fim das contas, ficará bem mais rica e nunca mais vai precisar dar atenção para um idiota como eu.

Ela ficou em silêncio. Eu a convenci a considerar a proposta. Isso era mais do que eu esperava conseguir, mas ainda estava com o coração saltando de nervoso por dentro. Dei a ela alguns segundos para pensar no caso e depois segui para o próximo passo: presumir um sim.

- Aqui está o meu cartão. Me mande seu email pra eu poder te mandar o resto das informações o mais rápido possível.

O rosto dela ficou branco. Não dava para saber se era porque só conseguia pensar em respostas positivas ou porque ela não conseguia acreditar em tamanha impertinência.

- Não sei não. - falou baixinho. - Como vou saber se a Kimberlever vai realmente aumentar o meu salário? Vou te dar vinte por cento.

Meu coração saltou. Passou uma onda de alívio tão forte em meu corpo que quase passei mal. Estava extasiado por dentro e relaxado por fora.

- Tom? falou ela impressionada.

- Joleen, - disse eu - você é um gênio.

Ela pareceu apavorada.

- Suas técnicas para conseguir tudo o que quiser são fantásticas. Elas funcionam até em você. - Tirei meu celular do bolso. Tinha gravado sua confissão. - Você vai gostar de saber que usei seus excelentes ensinamentos para te enganar e subornar, e agora vou te chantagear. Veja bem, a fórmula nesse cartão não é a do Projeto Cabeça de Porco, é a de um sabão normal. Achei ela no meu livro de química do segundo grau. Foi assim que te enganei. Depois te subornei com a possibilidade de conseguir mais dinheiro. Acho que por ser uma pessoa tão motivada por pura ganância, você simplesmente presumiu que eu tinha essa mesma motivação, se não fosse isso acho que não teria conseguido te convencer.

- E você gravou toda a nossa conversa, e vai usá-la para me chantagear - disse ela com raiva.

- Isso mesmo! Estava bem entusiasmado agora. Se isso chegar no Ministério da Fazenda, sua empresa vai ser penalizada que vão fazer com que você nunca mais arranje emprego, e se isso vazar para a mídia você vai ser publicamente difamada como uma vadiazinha espiã. Isso daria uma boa manchete, não?

- O que você quer? - ela disse.

Respirei bem fundo com satisfação. Me lembrei de não ser muito ganancioso, não deixar o gostinho de vitória me subir pela cabeça.

- Tudo o que eu quero é tirar você da minha vida, pra sempre, como se você nunca tivesse existido. Se eu ver você de novo, se minha esposa sequer cogitar que eu

tenha tido um caso, se a Kimberlever sabotar o lançamento da Doctor & Johnson, se alguma dessas coisas acontecerem, vou mostrar a gravação.

Pude ver a sombra daquela palavra de quatro letras explodindo por trás de seus olhos escuros (m#rd...), mas a palavra que ela disse foi “Certo.” Depois disso ela se levantou e foi aliviar sua raiva com outra coisa.

Respirei com alívio e pedi um drink para comemorar. Talvez o poder de conseguir tudo o que quiser seja muito perigoso para os humanos. No fim das contas, consegui o que queria e quase acabei levando a pior. Por ora, pensei, vou continuar só pedindo pelas coisas que eu quiser. Assim vou estar me protegendo de consegui-las.